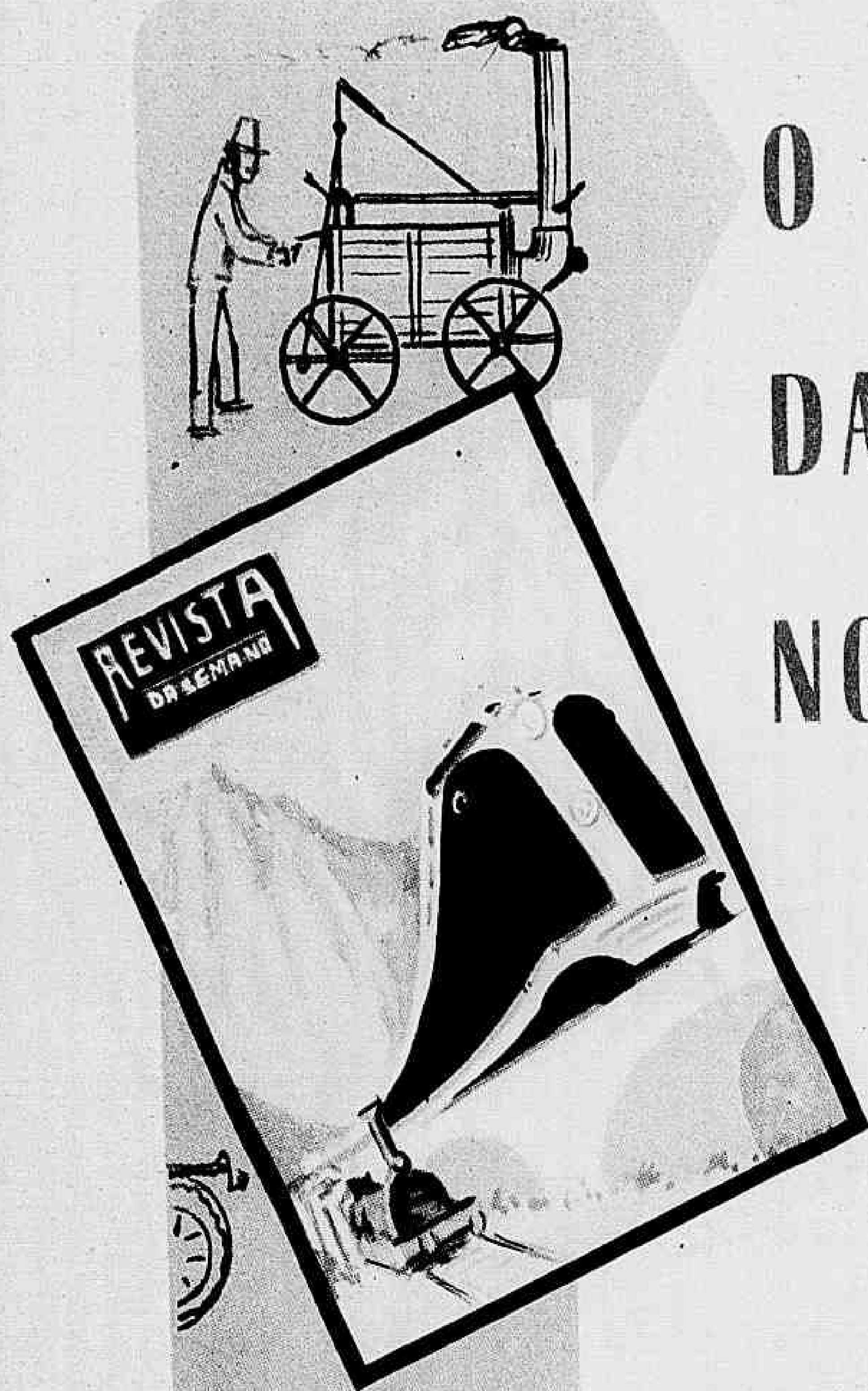
REVISTA DA SEMANA

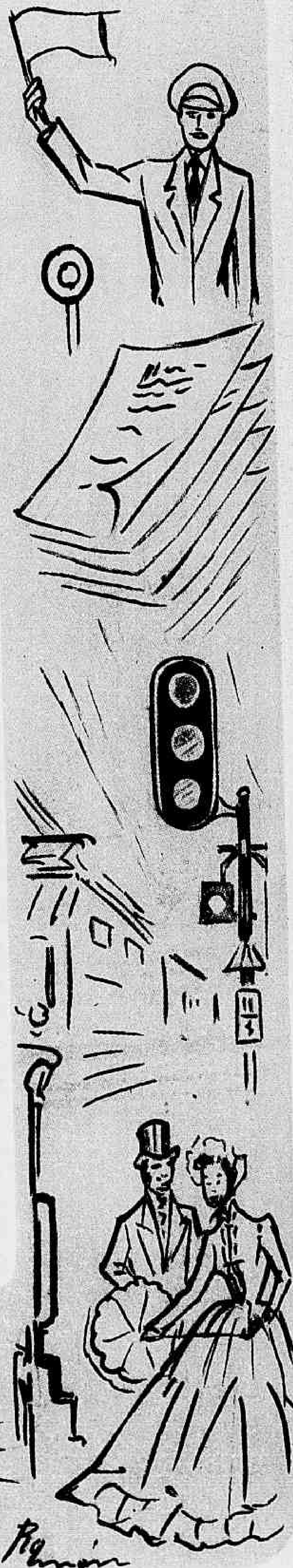


O SWEEPSTAKE POR DENTRO

O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA ESTRADA DE FERRO NO BRASIL



A REVISTA DA SEMANA, a propósito do primeiro centenário da instituição da engenharia ferroviária no Brasil e da inauguração da nossa primeira ferrovia, lançou agora uma edição especial de grande luxo, tôda em papel couchê, fartamente ilustrada, contendo páginas a côres e importante matéria sôbre:





O trem de ferro **no Romance, na Anedota, nas Artes Plásticas, na Música Clássica, na Música Popular, no Folclore, na Poesia, no Conto, na História, etc.** além de entrevistas com ferroviários e dados estatísticos atualizados, reportagens, etc.



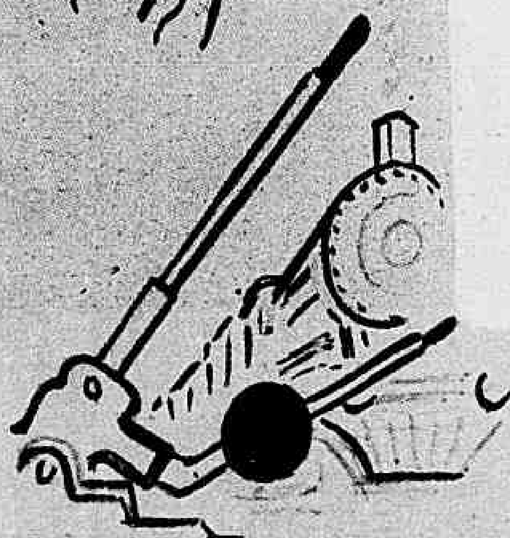


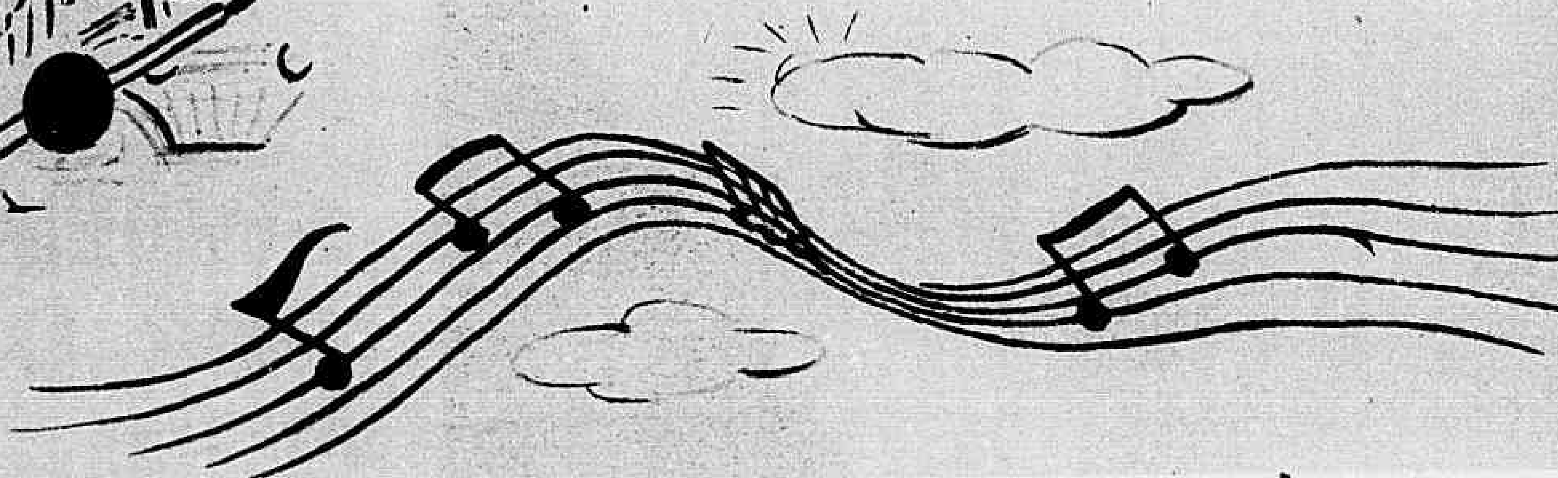
Esta edição da REVISTA DA SEMANA constitui uma homenagem aos que se sacrificaram pelo progresso ferroviário do Brasil e exalta a obra dos pioneiros e dos mártires que deram a vida ou a saúde em prol da era do "trem de ferro".



PREÇO — Cr$ 20,00

A venda em todos os pontos de jornais e revistas do Brasil. Pedidos pelo reembôlso postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.





REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 31 RIO DE JANEIRO 31/7/1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A fé lotou o Maracanã 4/ 7
Êles fazem o «Sweepstake» 8/ 9
A gazua dos escroques 14/16
Helga queria ser Napoleão 20/21
Os donos do semestre 23/25
Lembrai-vos do 9 de julho 40/41
Os maiores «partidos» do mundo 48/49
O último filme da Vera Cruz 52/53

ROMANCE

Maria 30/31

HUMORISMO

O Riso dos Outros 28/29
Cuco 59

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Rádio 11
Show 17
Semana astrológica 18
Página dezenove 19
Cinema 22
Plantão noturno 26/27
Femininas 32/35
Teatro-Música 37
Por êsse mundo de Deus 38/39
Palavras cruzadas 42
Literatura 43
Flash paulista 47
Flash carioca 50
Champanhota 51
A semana acabou assim 57
Último flash 58

CAPA

ANA ZULEIKA («Miss Centenário»)
Foto de Jack Pires

Redator-chefe .... Joel Silveira
Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor .... Gratuliano Brito
Redator .... Renato de Alencar
Desenho .... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.





PÁG. 8 "SWEEPSTAKE": Mártires e heróis do grande páreo.

PÁG. 14 PAULO LION: Salve-se quem puder na CEXIM.

Tarefa espinhosa, mas possível: resumir os sete dias do mundo em sessenta páginas

Prezado leitor:

No próximo domingo, 1º de agôsto, terá lugar no Jockey Club a disputa do «Grande Prêmio Brasil», expressão máxima do turfismo nacional. A REVISTA DA SEMANA já está preparada para realizar em tôrno da importante prova a mais completa reportagem. Mas já neste número revelamos alguns «mistérios» do «Sweepstake», conforme você, prezado leitor, verá nas páginas 8 e 9.

A REDAÇÃO





PÁG. 23 CLEOFAS: Dizem dêle que foi o Calabar do semestre.

PÁG. 48 BALDOUIN: Reinar é ruim; casar é pior.

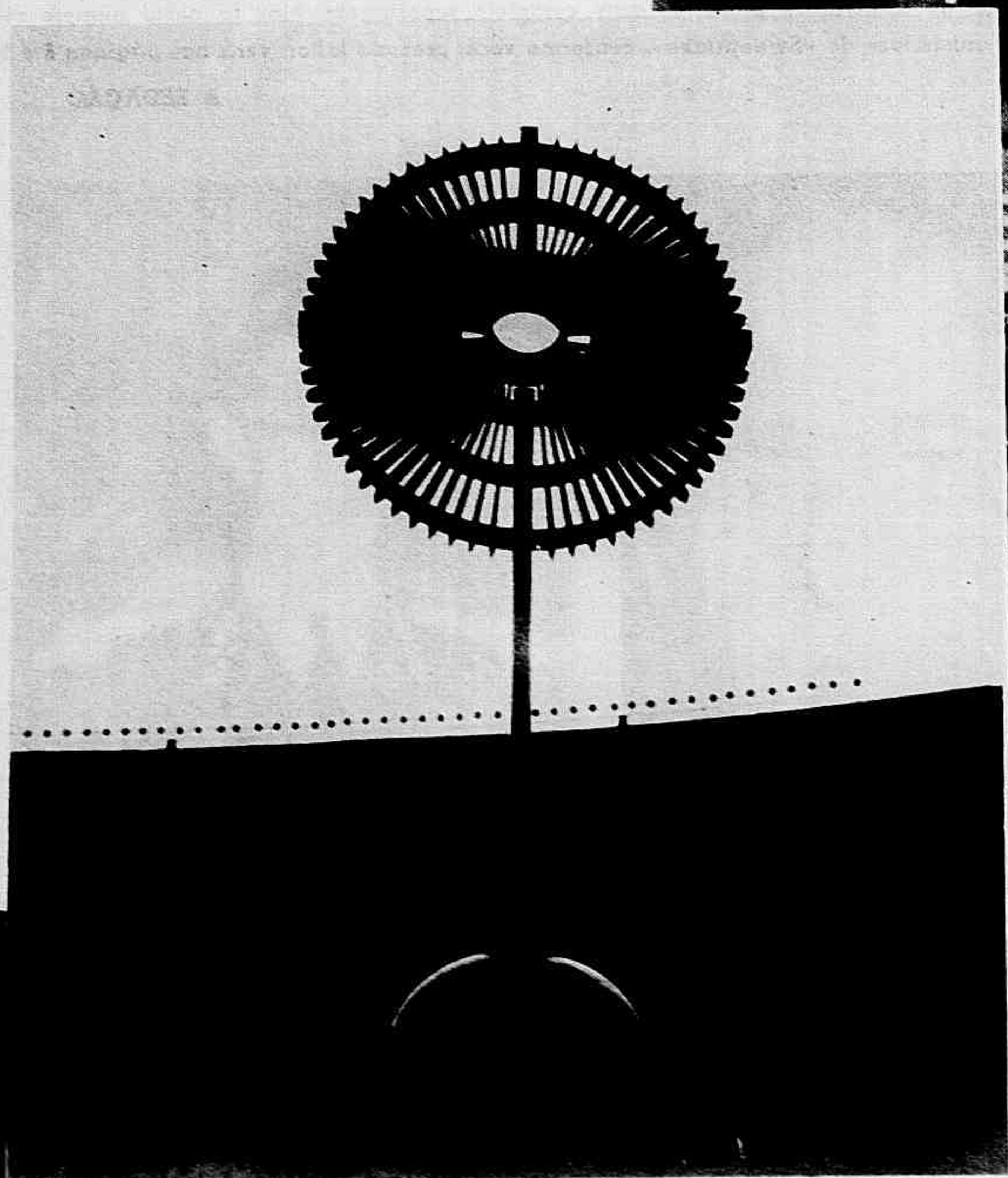
REVERÊNCIA DE MILHARES DE CARIOCAS AO «SENHOR DOS CÉUS» ★ O RIO ASSISTIU A UM DOS MAIS MAJESTOSOS ESPETÁCULOS DE FÉ RELIGIOSA JÁ REGISTRADOS NESTA CIDADE.

A 18 do corrente mês o Estádio Municipal do Maracanã comportou entusiasta e fervorosa multidão católica numa estimativa de 150 mil pessoas de tôdas as classes e tôdas as idades. Procedia-se, ali, a abertura do Ano Eucarístico, antecipando o 36º Congresso Eucarístico Internacional, a realizar-se no Rio de Janeiro, entre 17 e 24 de julho do próximo ano de 1955.

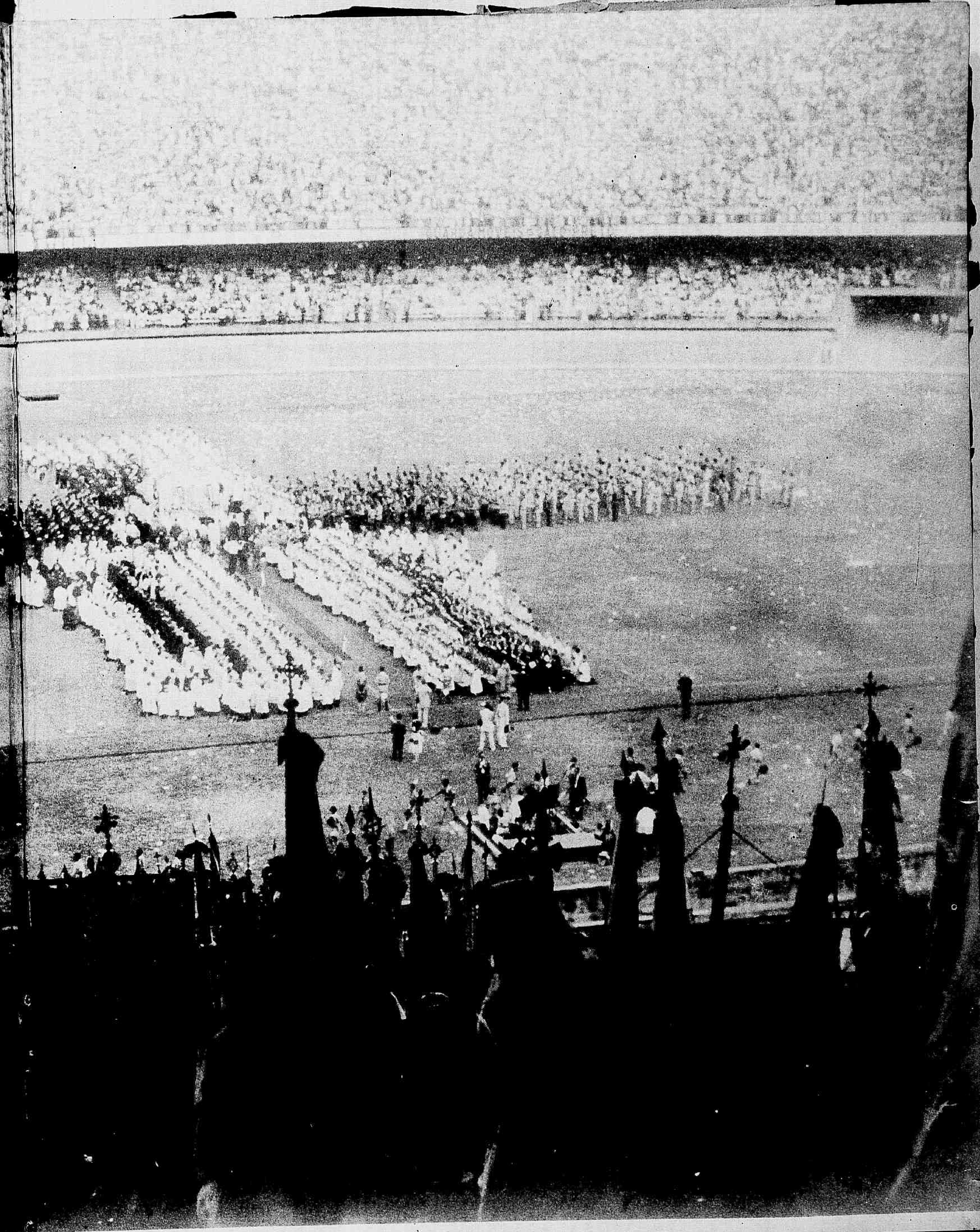
Verdadeiro e impressionante espetáculo de Fé assinalou aquêle domingo apoteótico, quando de tôdas as camadas sociais da Metrópole alçaram ao céu as mais comovidas preces e os mais sentidos louvores dirigidos ao Santíssimo. Cêrca das 16,30 horas tiveram início as cerimônias com a chegada, àquele recinto, de sua Emcia. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro. Enquanto Sua Eminência se dirigia para a Capela armada no campo do Estádio, bandas de música de diversas corporações das Fôrças Armadas executaram o Hino Nacional, ocasião em que o general Zenóbio da Costa, ministro da Guerra, hasteava solenemente a Bandeira Brasileira, fazendo o mesmo, com a Bandeira Pontifícia, o representante da Santa Sé, Dom Carlos Schiarlo.

Logo após essas cerimônias, teve início a monumental procissão do Santíssimo, que foi acompanhada pelo Cardeal Metropolitano, Bispos e demais clérigos ali presentes, tendo o imponente cortejo, depois de fazer a volta ao Estádio, ido postar-se em frente ao altar erguido no centro do campo. Integrantes de nossas Fôrças Armadas, dispostos em hábeis filas geométricas, formaram gigantesca Cruz humana em



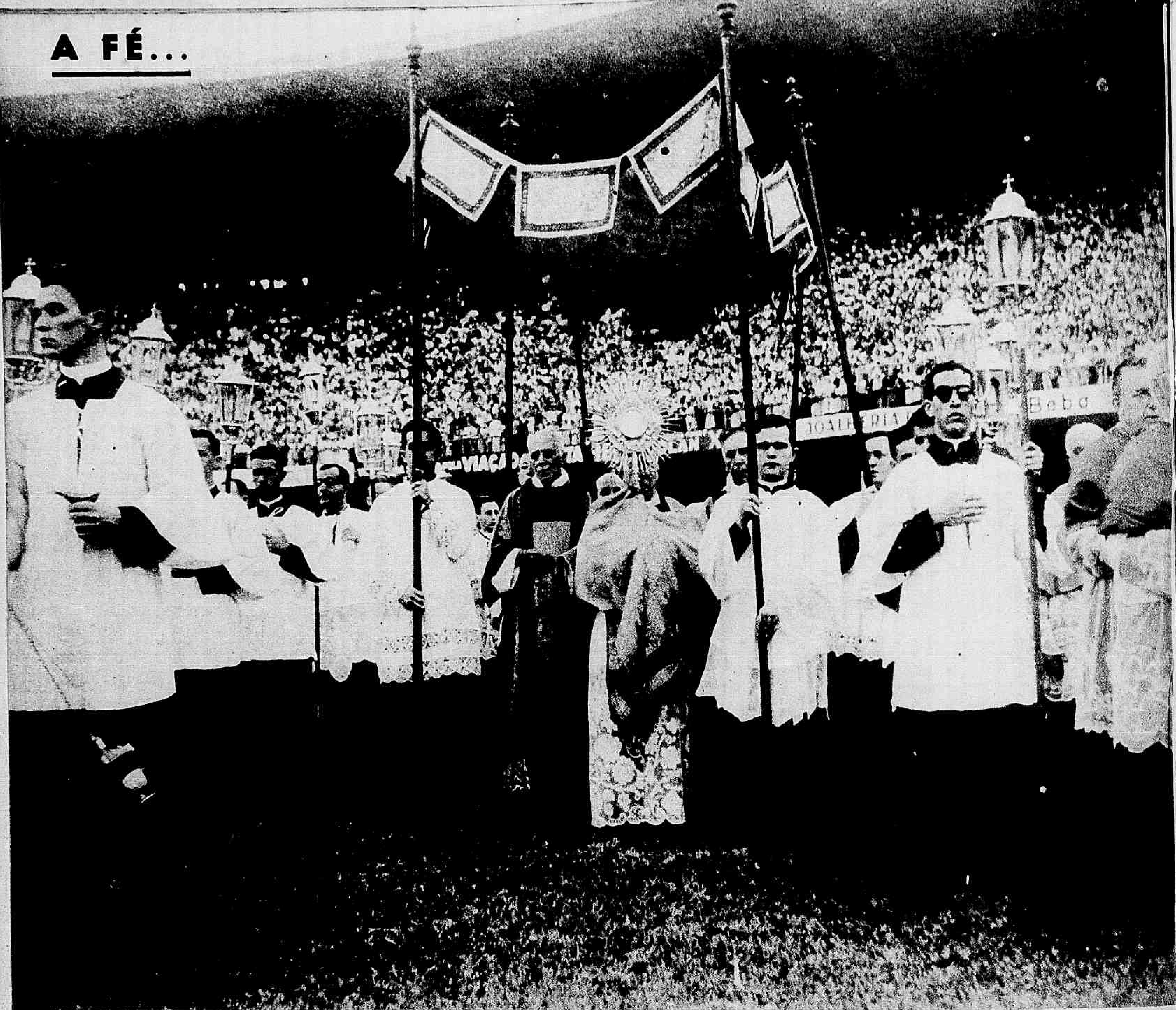


A FÉ LO



TOU O MARACANÃ

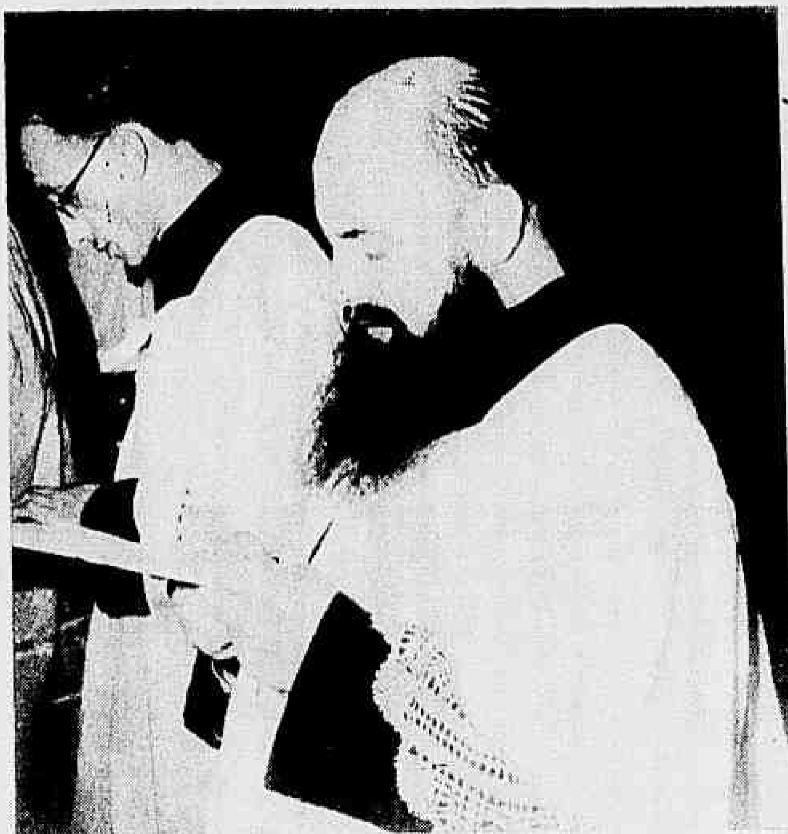
A FÉ...



Duzentos mil cariocas pedem a Jesus paz e ventura, num es







A elevação da Hóstia, pelo cardeal d. Jaime Câmara, foi o instante triunfal da grande festa religiosa.

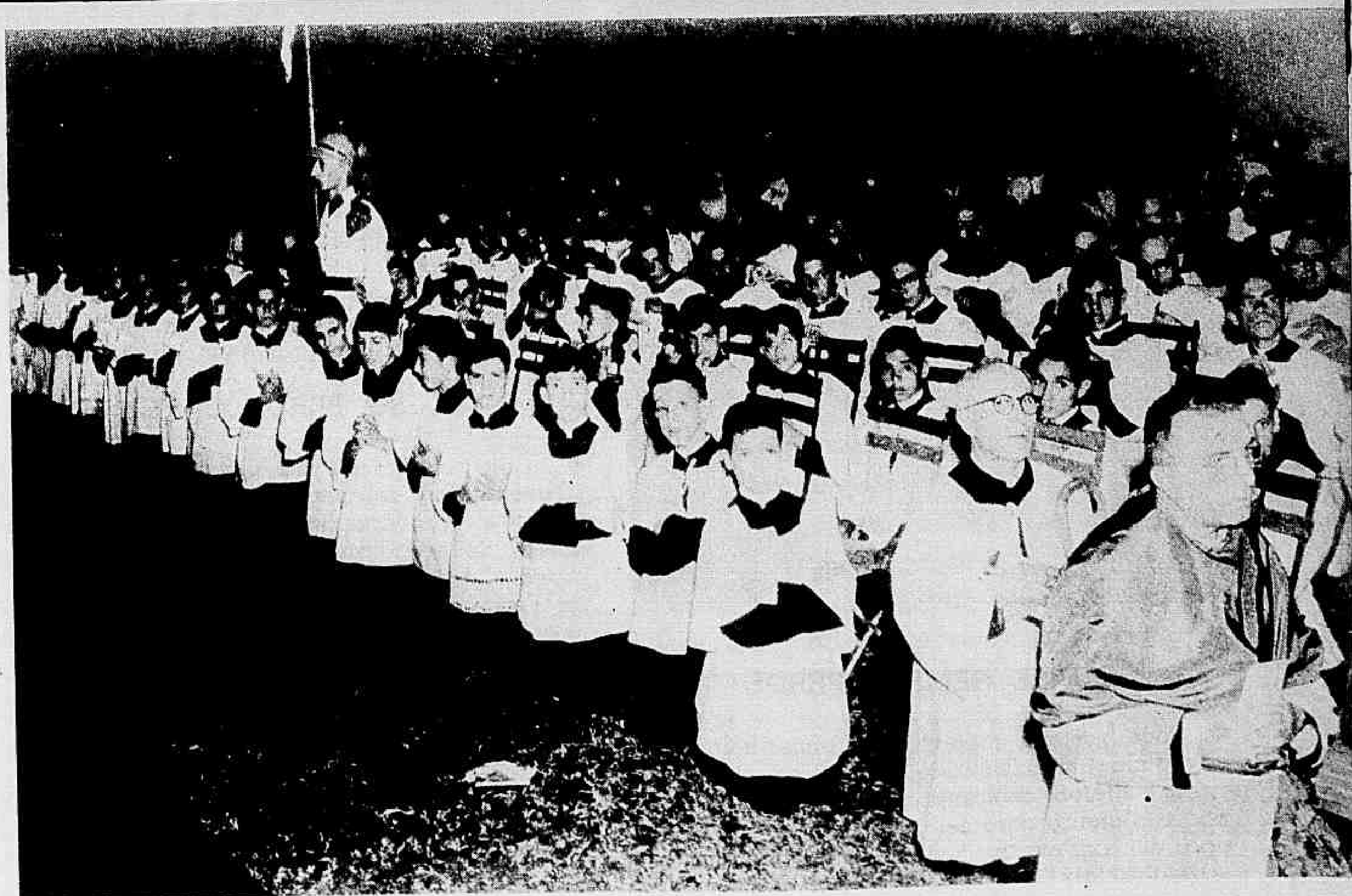


tôrno do referido altar. Pelos alto-falantes do Maracanã, ouvia-se a voz do Monsenhor João Batista Albuquerque Mota entoando o Hino Oficial do 36º Congresso Eucarístico Internacional, no que era acompanhado pela numerosa multidão de fiéis.

Representantes de diversas Congregações e Associações católicas empunhavam centenas de bandeiras multicores que, sacudidas pelo vento, formavam pitoresco oceano de flâmulas simbólicas. Iniciando-se, então, a Hora Santa, Dom Helder Câmara, Bispo Auxiliar, dialogava com os presentes, ao mesmo tempo que dirigia as orações. Depois das 17 horas, Dom Jaime Câmara celebrou a Missa de aberiura do Ano Eucarístico Internacional, procedendo-se em seguida a distribuição dos prêmios a que fizeram jus o Monsenhor Marcos Barbosa e o maestro Maximiliano Hellman, respectivamente autores da letra e da música do Hino Oficial do 36º Congresso Eucarístico. Durante a celebração do Santo Ofício o padre Álvaro Nigromonte rezava e dirigia-se ao povo, explicando a significação daquela cerimônia. Dom Jaime Câmara transmitiu a Bênção Papal à grande massa humana ali concentrada, tendo as solenidades se encerrado com o Hino do Congresso, que foi cantado por todos os participantes daquela alta e viva demonstração de Fé católica do nosso povo.

petáculo que foi uma empolgante demonstração de crença







GANHANDO E PERDENDO ÊLES VIVEM E FAZEM O SWEEPSTAKE

★

ALEGRIA E LÁGRIMAS DOS HERÓIS E MÁRTIRES DO MAIOR PÁREO NACIONAL

Texto e legendas de ALUÍZIO ACCIOLY

NEM PERDE NEM GANHA

● No calendário desta moça, entre «parties», «cock-tails» e «black-ties» há também o «Sweepstake». É o seu dia de aparecer na «social», onde, com o seu «Dior» encherá de espanto os homens e de inveja as mulheres. Conversará com as amigas, posará para os «flashes», começará alguns namoros e terminará outros que Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes comentarão com galhardia grã-fina. À noite, exibirá, no Copacabana, um «Balmain» ou um «Jacques Fath», passeará suas jóias e viverá grandes momentos de sua vida de nuvem e pó de arroz. Não saberá quem ganhou o Grande Prêmio, mas esperará com sofreguidão que o seu retrato apareça na «Sombra» e no «Rio Magazine». Voltará, infalìvelmente, no próximo «Sweepstake» para exibir um «Balenciaga» ou um «Givenchy». As jóias, se tiver sorte, ainda serão as mesmas. Mas, se as coisas não andarem bem, daquele famoso «conjunto» restará, apenas, o anel, o que será alguma coisa de louvável e bonito.

TODO ano, no primeiro domingo de agôsto, o Hipódromo da Gávea abre suas portas para sua grande festa. É o «Sweepstake». De seus vencedores os jornais contarão excelências e grandezas, mas aquêles que o fazem e vivem continuarão mais ou menos anônimos à espera de quem lhes note a presença e conte venturas e desventuras. É dêles que falaremos. Em rápidos «flashes» aqui estão vários tipos que compõem a paisagem humana do «Sweepstake». Multiplicai-os por 10, 100, 1.000 e tereis em «long-shot» uma visão da multidão que vive e sofre a grande tarde da Gávea. Os cavalos e o Grande Prêmio são meros pretextos para o desfile de anseios, esperanças, ilusões e desencantos, desta tarde florida e rara do calendário turfístico. A emoção de perder e a satisfação de brilhar se dão as mãos para, na tarde gloriosa, celebrar o grande acontecimento que marca época na vida social e esportiva do Rio. Ei-los, pois, em «close-up».



QUASE SEMPRE PERDE

● Pode ser um médico, um engenheiro, um advogado, um funcionário público ou um comerciário. Eterno aspirante ao «padrão O» com pouco dinheiro para ser gente-bem e com muito para ser proletário. Legítimo representante do «street-society» é o «classe-média» que tem nas corridas o seu «hobby». Às vêzes conhece «pedigrees» e o seu sonho é fazer uma pequena criação de cavalos ou supervisionar um «stud». Enquanto não consegue isto, vai fazendo suas acumuladas e esperando dar a sua tacada. Perde sempre. Não ficará na miséria, pois é prudente e comedido. Espera freqüentar as corridas até morrer e detesta o «Sweepstake». Sente-se roubado em seus movimentos e comodidade pela avalanche de adventícios que enche o hipódromo neste dia. De vez em quando acerta um «betting» e pensa que chegou a sua vez de ganhar. Jamais conseguiu ganhar no dia do «Sweepstake» e atribui aos adventícios o invencível «araqueamento» que o empolgou neste dia.



ÊSTE SÓ PERDE O TEMPO

● Nunca apareceu na Gávea. Os ecos do «Sweepstake», seu prestígio como acontecimento social e mundano fizeram com que o rapaz saísse de seus cuidados, vestisse o terno da missa e desembarcasse dum «Jockey Club - Est. de Ferro» na porta do hipódromo. A princípio fica deslumbrado com a grandeza das Tribunas e a beleza do panorama. Depois, imobilizado num degrau, olha o programa e se diverte com os nomes um tanto esquisitos dos cavalos. Nunca sabe se o páreo que está correndo é o 2° ou 3°. Pergunta por Tirolesa e quer ver Helíaco. Não entende o «totalizador» e acha demasiado longo o intervalo dos páreos. Para encher o tempo fica pensando nos prodígios da engenharia moderna, responsável por aquelas marquises cujo tamanho admira e de cuja segurança duvida. Tenta distrair os olhos pousando-os sôbre um «boa», e, no fim da tarde, está meio chateado e arrependido. Na saída, quando tenta tomar o lotação, é triturado pela multidão. Enfim, só perdeu o tempo. Nunca mais voltará. Riscará do seu caderno a Gávea, o Sweepstake e outras coisas semelhantes.





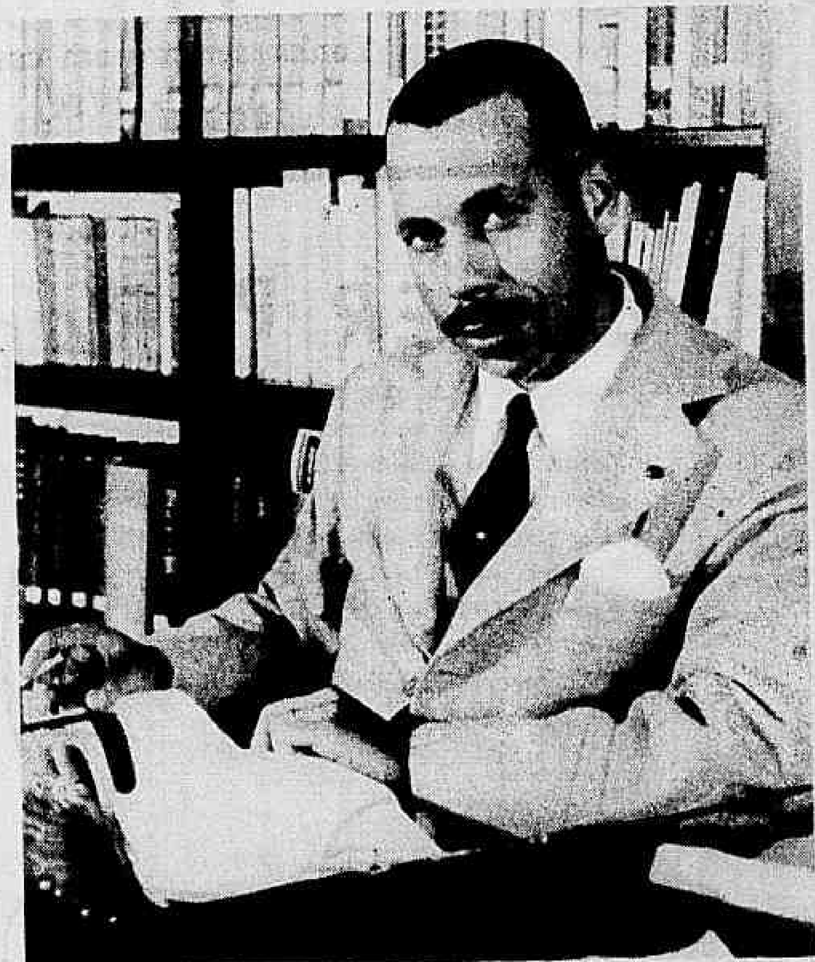
TODOS GANHAM, SÓ ÊLE PERDE

● Sim. O anônimo homem do povo, o curiboca teimoso e sofredor, o fanático que se encontra em todos os degraus das «POPULARES» e «ESPECIAIS», formando a multidão que os cronistas intitulam de «aficcion». Só êle perde! O leite das crianças, o aluguel da casa, a prestação do rádio, a conta do armazém e outros dinheiros sumiram nas patas daquele «imperdível» que entrou em último. Mas, não desistirá. No próximo sábado estará naquele mesmo degrau, ouvindo as mesmas conversas e perdendo o pobre dinheirinho, arranjado por milagre, noutra barbada que é a sua vida, paixão e morte. Êle é o turfista que morrerá sem concretizar o seu sonho: ter um cavalinho, prepará-lo para um «tiro» que marque época e o arranque da miséria. Da pule de 100 passará à de 10. Perderá tudo, menos êste estranho e indefinível amor que o transforma em personagem indispensável desta multidão que grita, reclama, chora e ri nas tardes cheias de sol ou pejadas de chuva da Gávea. Seu maior momento é quando a «barbada» que pagaria 500 e na qual estava «depositado» com 200 pratas, perde no «ôlho mecânico». Aí, o homem se sente realizado. Mostrará a conhecidos e desconhecidos o seu azar, ficará incrìvelmente contente e sonhará o resto da tarde com o que faria se o bichinho ganhasse.

QUASE SEMPRE GANHA

● Não quer saber da elegância das mulheres nem das barbadas dos cariocas. Vem de São Paulo, integrando um grupo que traz um cavalinho engatilhado para a sonhada «tacada» na Gávea. Os cariocas não acreditam e êle gosta muito quando põe a gaita «en el bolsillo» e volta para contar a façanha aos amigos. A coisa ocorre geralmente no sábado e o G. P. é, apenas, o pretexto para o golpe. À noite, o «Stud do Teo», o «Vogue», o «Casablanca», recolhem em suas caixas uma bonita parcela do dinheiro ganho no prado. Para êle estêve tudo azul e sonha com o próximo G.P. para repetir a façanha.





TAMBÉM PERDE

● Êste representa centenas que vão trabalhar no dia do «Sweepstake». Informando aos leitores, comentando os sucessos e insucessos do dia vão também perdendo seu dinheirinho ganho com esfôrço e sacrifício. Aí está Haroldo Barbosa — o famoso Pangaré — derrubador categorizado e acreditado no eixo Rio-São Paulo-Guabirotuba, responsável pela ruína de ⅔ da «aficcion». Um mês antes do «Sweepstake» começa sua faina. Apontando cavalos e riscando barbadas vai distribuindo dores de cabeça ao turfista que, ao chegar às vésperas do grande «meeting», quer tudo menos ouvir-lhe os palpites e observações. Acabada a festa começa para êles o grande trabalho: põe em letra de fôrma o que ocorreu na tarde festiva e brilhante.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

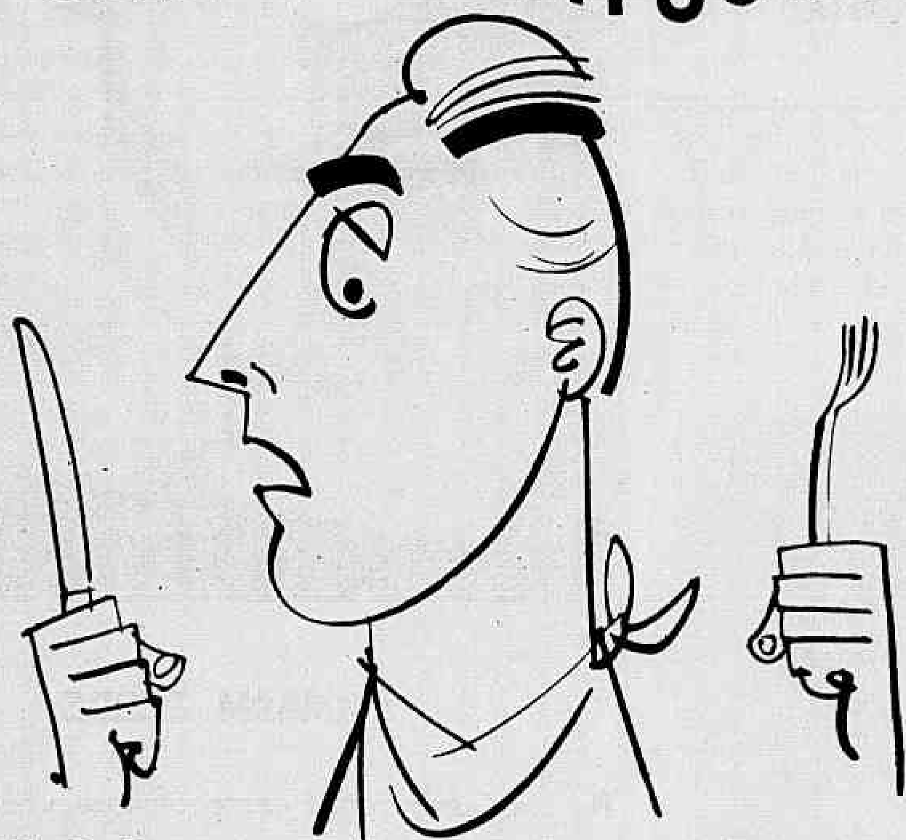
Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



SIM! "PARAFUSOS CORTADOS"

AYMORÉ

Agora, você pode preparar uma suculenta sopa ou uma deliciosa macarronada de parafusos – graças a esta nova delicia Aymoré, feita com ovos frescos e farinha pura. Enriquece sua alimentação, dá um novo atrativo aos seus menus e é um produto que inspira confiança, pois traz a marca tradicional em massas alimenticias – Aymoré !



A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTE

1—Mossoró é cidade do Estado de:
— **Pernambuco?**
— **Rio Grande do Norte?**
— **Ceará?**

2—O rio Mambituba serve de divisa a:
— **Santa Catarina-Rio Grande do Sul?**
— **Paraná-Santa Catarina?**
— **Ou fica na Amazônia?**

3—Em que Estado irrompeu a guerra dos Farrapos:
— **Pernambuco?**
— **Rio Grande do Sul?**
— **Bahia?**

4—A palavra «Acre», do nosso território é:
— **Corruleta de Aquiri?**
— **De origem árabe?**
— **Ou sinônimo de «azêdo»?**

5—A famosa «terra-roxa» do Paraná está em terreno:
— **Triássico?**
— **Siluriano?**
— **Devoniano?**

6—Em qual dêstes Estados se verificou, até agora, maior número de tremores de terra:
— **Ceará?**
— **Minas Gerais?**
— **Mato Grosso?**

7—De quem é êste conceito: «Minas é o coração do Brasil: um coração de ouro num peito de ferro»:
— **Henri Gorceix?**
— **Pandiá Calógeras?**
— **Epitácio Pessoa?**

8—Em que Estado fica o ponto culminante de todo o Maciço Nordestino:
— **Pernambuco?**
— **Ceará?**
— **Piauí?**

9—Em qual pôrto marítimo do Brasil se registram as mais altas marés:
— **Em Santos?**
— **Em Florianópolis?**
— **Em São Luís?**

10—A linha de recifes na costa do Nordeste é de origem:
— **Coralina?**
— **Arenítica?**
— **Ou diabásica?**

11—Qual a descarga do Amazonas no mar, por segundo:
— **80 mil metros cúbicos?**
— **200 mil metros cúbicos?**
— **20 mil metros cúbicos?**

12—Em que ponto fica o lugar mais estreito do Amazonas:
— **Próximo a Manaus?**
— **Em Santarém?**
— **Em Óbidos?**

13—Qual das nossas capitais aquela em que mais desce o termômetro?
— **Pôrto Alegre?**
— **Curitiba?**
— **S. Paulo?**

14—O caranguejo é um:
— **Aracnídeo?**
— **Crustáceo?**
— **Molusco?**

15—Qual dêstes Estados o que possui maior extensão territorial:
— **Goiás?**
— **Minas?**
— **Bahia?**

(Respostas na página 46)

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior; — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

A MÚSICA ERA COMPANHEIRA

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Boa idéia essa que a Mayrink Veiga teve de passar a noite no ar. Há dias, viajando de automóvel, para São Paulo, senti que estava sòzinha, enfiada numa noite muito escura e deserta. Arrependia-me de ter vindo, projetava parar no «Club dos 500», quando liguei o rádio para a PRA-9. De comêço, ouvi Dolores Durand, depois Nat King Cole (Pretenp), a seguir Faiá Lemos... e fui indo, fui indo (o locutor falava pouco) e, quando vi estava em frente ao primeiro pôsto de gasolina de Taubaté. Tinha andado quatro horas e meia sem sentir, pensando em pequeninas coisas que a música me sugeria, tal qual o «Menino de Braçanã», com Deus no peito. Descobri, então, que a música é uma grande companheira e, sem ela, seria muito complicado viver. Sem ela e sem banho de mar. Daí, o meu agradecimento ao programador da Mayrink Veiga e uma sugestão às outras emissoras: por que não deixam suas estações no ar, durante a noite inteira? Há sempre um ouvinte, há sempre alguém precisando de uma canção por êsse mundo escuro das estradas. A Nacional, por exemplo... Não vejo por que essa grande emissora não reserva um dos seus inúmeros transmissores só para as irradiações da madrugada. Há muita gente que não dorme por vários motivos: porque está doente, porque está viajando de automóvel, porque tem que sair cedo, porque está trabalhando, porque está «in love», porque está com dor de cotovelo ou simplesmente porque acha dormir um método de perder tempo. Portanto, cada emissora que passar a noite acordada terá sempre ouvintes, tendo boa música.



Hélio Fernandes, dinamismo, inteligência e inquietação.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Foram lindas as festas de 9 de julho, promovidas pelas emissoras de São Paulo. ★ Não se confirmou a notícia da compra da Piratininga por um grupo do Rio. ★ Muitas irradiações de comícios, convenções e atos políticos em geral. Jânio ganhando terreno. ★ Costalima estaria nas cogitações da Record. ★ Leny Eversong rejeita uma proposta do «Vogue», no Rio, pois a direção da buate exigiu uma semana de aclimatação, a fim de que a cantora fizesse um novo guarda-roupa e descobrisse o repertório que, de fato, agradaria no Rio. ★ Inezita Barroso é o maior sucesso da noite cantando na buate «Oásis». ★ Não sei por que, não sei como, mas o nosso Moles escreveu um péssimo «show» para a buate «Lord». Nunca se viu um texto tão ruim, interpretado tão idem por Genésio Arruda e Renato Consorte. ★ A Rádio América estaria interessada em convidar o senhor Mário Lago para sua direção de «broadcasting». ★ Sílvio Caldas, que tem uma casa em Pinheiros, estaria disposto a abandonar tudo, cortar tôdas as amarras que o prendem a São Paulo e instalar-se no Rio, cantando em televisão e gravando discos. Abandonaria o rádio. ★ Ari Barroso conta numa mesa de bar que pretendeu realizar um concêrto em praça pública, na Bahia. Mas, não tinha ninguém para assistir. ★ De manhã cedinho, na Bandeirantes, o capitão Barduíno fala. Mas, não é só capitão Barduíno. A Nacional tem o Nhô Zé, e cada emissora tem o seu «nhozinho». Quem não faz caipiradas, irradia programa japonês. ★ Cassiano Gabus Mendes aceitaria ser diretor da TV-Record pelo dôbro do que ganha na Tupi. Chateaubriand, instigado pelo seu ajudante, Edmundo Monteiro, romperia com Paulo de Carvalho, pai. ★ Bem fracas por aqui as audições da «Pulga na Camisola». ★ E São Paulo faz calor, de tarde, em pleno julho. No rádio, solos de piano e uma senhora falando, na Excelsior. (Informações de **Elizinha Thomaz**).

RÁDIO MUNDIAL

Mais um que entra para o rádio. Trata-se de Hélio Fernandes, jornalista muitas vêzes pôsto à prova, com êxito certo. O grande feito de sua carreira foi o levantamento da revista «Manchete». Agora, graças à confiança que conquistou nos meios jornalísticos, foi escolhido para diretor da Rádio Mundial. Se fôr bem orientado, Hélio Fernandes fará uma boa emissora. Capacidade não lhe falta e aqui estamos para aplaudir seus lances de «broadcaster».

ESTA LETRA É RUIM

● **Aqui temos mais um aleijãozinho da música popular brasileira, mais um tesourinho de mau gôsto, gravado em disco Copacabana nº 5.255. O cantor é Hélio Chaves e os nomes dos autores não publicamos, para poupá-los de malestares com amigos, vizinhos e parentes. Êles, naturalmente, não tomaram êsse cuidado consigos mesmos: assinaram a valsa, que se chama «Minha Espôsa». Mas, nós, em ato de bondosa caridade, publicaremos só a «obra», poupando os responsáveis:**

«Minha espôsa querida
És a razão do meu ser
(Do que se conclui que a espôsa é também mãe do autor)
Tudo o que eu tenho na vida
Só posso te agradecer
(Mas, digamos que o rapaz tenha também: água no joelho)...
Minha fiel confidente
Quero sempre te adorar
Como adorei naquela tarde
Junto de ti no altar.
Oh doce amada
Mãe dos meus filhos
(Podendo acrescentar-se ainda: tia dos meus sobrinhos e avó dos meus netos)
Vamos juntinhos cantarolar
Esta canção nosso hino de amor
Que a tua imagem me fêz compor
Para eu poder cantando expressar
Oh anjo sublime do lar»...

Pode haver mais bobagem? Entanto, esta música mereceu um disco e disco é: trabalho, fôlha de músicos, energia elétrica, acetato, gomalaca e envelope. Como se gasta tanta coisa com uma valsinha tão sem inteligência?

ELAS ESTÃO CANTANDO BEM



Elizete é uma longa carreira de rádio só agora premiada com o êxito. Sua emissora, no Rio, é a Tupi; e, em São Paulo, é a Rádio Record, do senhor Paulinho de Carvalho. Seu maior êxito é, porém, a madrugada na buate «Vogue». Casa cheia para ver e aplaudir Elizete. Sua gravação mais recente é «Ocultei», de Ari Barroso, aquela onde se abriga um distinto «mero clandestino».



Ângela é, em 1954, a cantora que maior número de discos tem vendido. Com os títulos de «Rainha do Rádio» e «Melhor de 53», pulou na frente do páreo e, possìvelmente, não o entregará mais a ninguém. Está acontecendo com Ângela, êste ano, o que aconteceu com Nora Ney, em 1952 e 1953: a «estrêla» sobe. Uma de suas últimas gravações é «Encantamento» (anelando as noites calmas).



Nora Ney foi a cantora que melhor marcou a música popular nestes últimos cinco anos. Começou à base do repertório bonito e da interpretação mais falada do que mesmo cantada. Subiu, tornou-se campeã absoluta de discos e continua sendo o fermento da dor de cotovelo de muita gente. Quanto ao repertório, dois algumas derrapagens e seu último lançamento chama-se «Duas Lacraias».

«Daremos aos pau- tas aquilo que êles -peram da Caixa E- nômica», disse M o Eugênio ao repó r.



Nos bastidores do "Chapéu de Palha"

Auxílio aos municípios, orientação segura e arrojada, eis as características principais da atual administração da Caixa Econômica do Estado de São Paulo ★ Sob a inspiração de Garcez, novas e melhores perspectivas para os trabalhadores de Piratininga.

EM SÃO PAULO:

A POLÍTICA MUNICIPALISTA IMPRIME NOVOS RUMOS À CAIXA ECONÔMICA DO ESTADO

Reportagem de HÉLIO ABREU **Fotos de NORBERTO ESTEVES**

NA oportunidade em que São Paulo vibra sob a emoção das comemorações que assinalam o seu IV centenário, vamos nos deter num dos setores mais importantes da vida paulista, que é também uma das razões do seu grande desenvolvimento atual: a sua Caixa Econômica. Agora, sob a administração do deputado Mário Eugênio — um dos paladinos da política municipalista em nosso país — aquêle estabelecimento atinge uma fase verdadeiramente privilegiada, e abre para os paulistas novos horizontes no terreno do crédito.

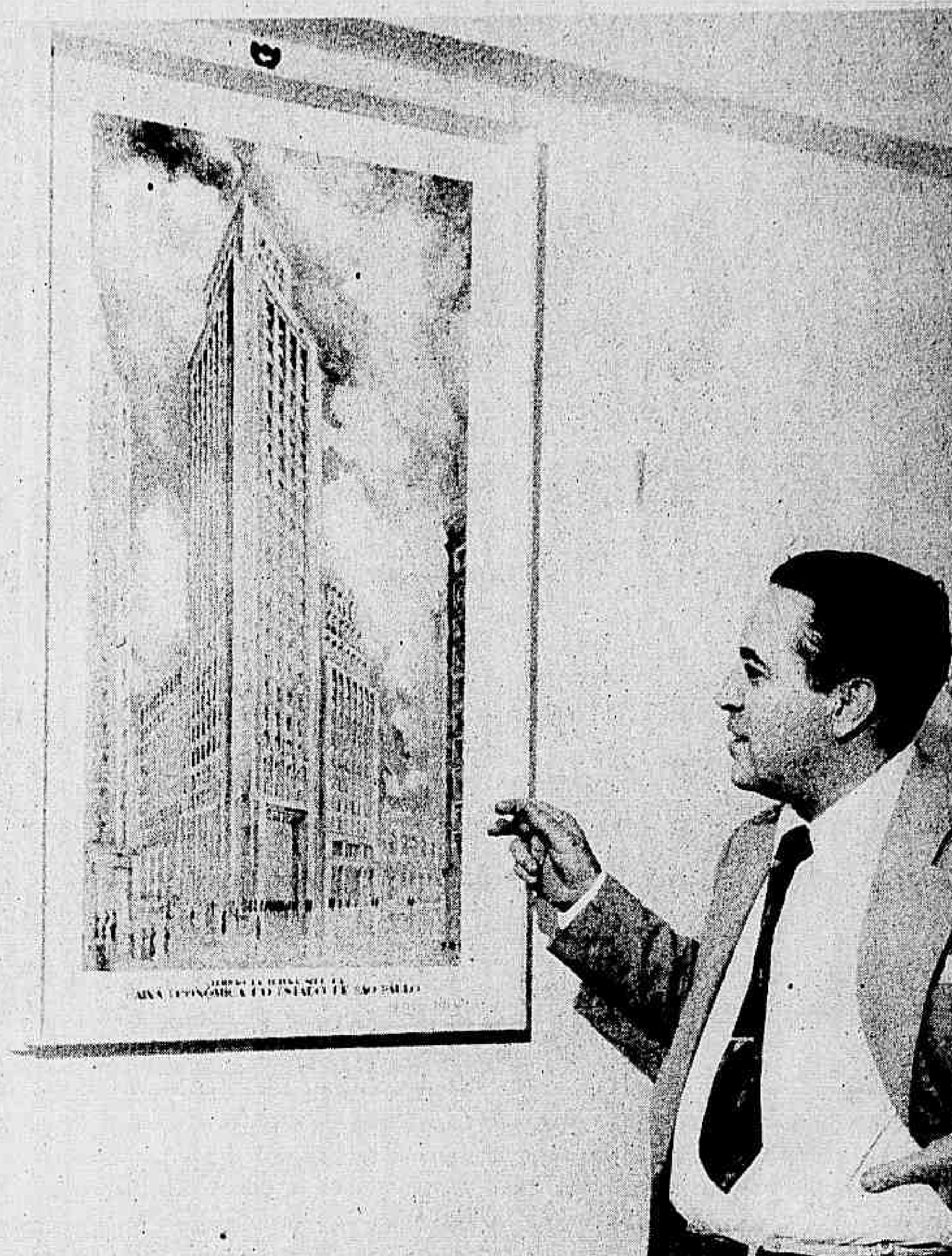
O presidente Mário Eugênio, (a quem fomos entrevistar) é um homem dinâmico, realizador e arrojado. Levou à Caixa Econômica um vasto plano expansionista, fêz instalar novas Agências em cêrca de quase duas centenas de municípios e estendeu ao homem do campo o crédito que antes lhe era, sistemàticamente, negado. O seu gabinete de trabalho é simples (muito mais modesto do que se possa pensar) e aguardando a vez de «falar com o dr. Mário» havia na sala de espera mais de uma centena de pessoas. «Voltem às 20 horas, disse-nos o seu chefe de gabinete. Reservarei esta hora para os senhores». E foi o que aconteceu...

*

Numa palestra que foi das 20 as 23 horas, ouvimos muito de Mário Eugênio, sôbre todos os assuntos. Crédito, candidaturas, futebol, cinema, teatro e cozinha italiana foram misturados com política municipalista e alguns ataques a certos «mocinhos bonitos» que se refestelam em boas poltronas e falam (demais) sem conhecimento de causa, e de municipolismo. São 9 os pontos principais que as decisões da atual administração da Caixa Econômica, (agora com um excelente Conselho Diretor), foi a conclusão a que chegamos, depois de ouvir o seu presidente. Vejamos.

- 1º — Descentralização das agências, dando-lhes maior autonomia.
- 2º — Campanha para aumentar o número dos depósitos. (Por ocasião da posse de Mário Eugênio o saldo existente na Caixa Econômica do Estado de São Paulo era de Cr$ 5.084.546.907,00, isto em setembro do ano de 1953. Hoje êste número ascende a Cr$ 5.519.903.108,50, ou seja, uma diferença (para mais) de cêrca de Cr$ 435.356.201,50, inclusive juros, o que dá um aumento líquido de Cr$ 306.717.060,20).
- 3º — Execução, cumprindo a verdadeira finalidade da Caixa, de uma política que permita em grande escala a aquisição da casa própria, preferencialmente à chamada casa popular.
- 4º — Amparo direto aos municípios, o que vale dizer, colaborar de maneira firme para a fixação do homem à terra.
- 5º — Confiança no potencial econômico dos municípios, grandes e pequenos, indistintamente.
- 6º — Ampla divulgação do uso de cheques.
- 7º — Instalação, em prédio adequado, dos diversos serviços da Caixa, a fim de facilitar o público. (Já se acha em fase de acabamento e pertence ao Instituto do Café. A construção levada a efeito de acôrdo com a Caixa Econômica).
- 8º — Plano de assistência social aos funcionários da C.E.E.S.P. (Já existe um ambulatório em funcionamento).
- 9º — Instalação de um serviço ambulante, que deverá percorrer as feiras livres e outros pontos, com a finalidade de atender ao público em geral. (Recebimento de contas sociais, como luz, gás e telefone).

Como se pode ver, vasto é o programa da direção da Caixa Econômica do Estado de São Paulo e os benefícios que, para o público, dêle advirão são inúmeros, e confirmam, mais uma vez, o alto espírito empreendedor do povo bandeirante.



O presidente posa ao lado da planta do novo edifício da Caixa Econômica de São Paulo.

«Ninguém pode desmentir as estatísticas», fala Mário Eugênio. Ao lado, o chapéu de palha municipalista.



ATÉ UM BARÃO QUERIA FALSIFICAR DOCUMENTOS DA «CEXIM»

CARIMBOS FALSOS, A GAZUA DOS ESCROQUES

Paulo Lion: «Vou processar o gerente da «Lomac», pois nunca estive nessa casa de carimbos» ★ O gerente: «Paulo Lion é mesmo o rapaz a quem Olímpia chamou de «Baeta» ★ Olímpia rebate as declarações ★ Mas a testemunha ratifica tudo, na polícia ★ «É muito fácil Olímpia provar a sua inocência: basta trazer os dois rapazes à minha presença ★ Dezenas de malandros falsificam carimbos.

Reportagem de ROGACIANO LEITE

● HISTÓRIA DO ESCANDALO — Os leitores devem estar lembrados do último escândalo de falsificações de licenças de importação da CEXIM, que veio a público através da denúncia feita à polícia pelo gerente da Fábrica de Carimbos «Lomac», à rua São José, 76, 2º andar. As 18 horas do dia 9 de junho próximo findo uma moça loura, bonita e elegantemente vestida fôra encomendar, na referida casa, dois carimbos com as assinaturas de José de Sousa Baeta e Átila do Nascimento, funcionários do Banco do Brasil, então encarregados de visar as guias de importação da extinta CEXIM. Depois de despistar a moça e tirar uma fotocópia do documento, devolvendo-o em seguida juntamente com o recibo da encomenda, o gerente da «Lomac» disse à moça que viesse receber os carimbos no dia seguinte, tendo, logo após, comunicado o ocorrido à Delegacia de Roubos e Defraudações.

As 10 horas do dia 10, quando de posse dos carimbos, a moça loura foi detida pelos detetives Válter e Juvenal. Tratava-se de Olímpia Rodrigues dos Santos, portuguêsa, 22 anos de idade, aluna da Faculdade Nacional de Filosofia, residente à avenida Ernani Cardoso, em Cascadura. Em seu depoimento, a suspeita declarou que fôra encomendar os carimbos a pedido de José da Rocha Padilha, mas que agira apenas com a intenção de lhe fazer simplesmente um favor. Acareado, depois de se apresentar à polícia, Padilha envolveu no caso, além de Olímpia, Paulo Lion, Paulo Brandão e Herberth Torreão, êstes três últimos, funcionários do Banco do Brasil. Depois de ver a foto de Paulo Lion nos jornais, o gerente da «Lomac» afirmou ser aquêle um dos dois rapazes que estavam com Olímpia na ocasião da encomenda dos carimbos e ao qual a moça chamara de «Baeta». Daltro Cardoso, empregado da «Lomac», afirmou que Olímpia lhe dissera ser funcionária do Banco do Brasil e que os carimbos seriam para substituir dois outros que ela havia perdido.

A fim de contradizer com veemência as declarações do sr. Kleber Loureiro, o sr. Paulo Lion procurou êste repórter, afirmando:

«— Eu não sei sequer onde fica essa casa de carimbos e nem tampouco me interessei por saber. Tenho a consciência tranqüila e posso provar por A mais B as minhas atividades e os lugares onde estive durante todo o dia 9 de junho. Ademais, precisava que eu fôsse muito estúpido para, depois de onze anos de trabalho no Banco, sabendo que essa repartição só faz qualquer encomenda com pedido oficial, cair na inexplicável ingenuidade de acompanhar quem quer que fôsse falsificar assinaturas numa casa de carimbos que, pela sua especialidade, logo me descobriria como falsário. Já tomei providências junto ao meu advogado, dr. Celso Nascimento, a fim de processar o sr. Kleber Loureiro por crime de calúnia e danos morais, pois nada tenho a ver com as trapalhadas do «scroc» José da Rocha Padilha. Já prestei depoimento à polícia e repetirei a mesma verdade, que venho afirmando desde o início.»

COMO CONHECEU PADILHA

Acrescentou o queixoso:

«— Eu conheci aquêle indivíduo (refere-se a Padilha) por intermédio do meu colega Paulo Brandão, do Banco do Brasil, que o levou certa vez ao meu escritório. Daí por diante o «scroc» amiudou as suas visitas, mostrando-se interessado em tomar intimidade comigo. De uma feita, afirmou ser amigo de um capitalista que poderia comprar quantos automóveis eu tivesse para vender. Embora sendo corretor de automóveis — e, graças a Deus, com os meus negócios limpos no Rio e em São Paulo — não dei ouvido a Padilha porque a cara e a conversa dêle me desagradaram desde que o conheci. Eu vi logo que aquêle indivíduo não valia nada.»



Paulo Lion, categórico, ao repórter: «Vou processar o senhor Kleber Loureiro, gerente da «Lomac», pois nunca estive nessa fábrica de carimbos. Posso provar todos os meus passos no dia 9 de junho».

LICENÇAS CADUCAS

«— Um dia, afirma Lion, o «scroc» me perguntou se eu não tinha um amigo de influência na CEXIM. Respondi-lhe que trabalhava numa seção do Banco inteiramente diversa. A essa altura eu já estava certo de que êle queria me propor negócios escusos. Como de fato. Dias depois o «scroc» foi ao meu escritório e mostrou-me um enorme calhamaço de licenças caducas, da CEXIM, e me propôs cinicamente para conseguir um meio de revalidar as mesmas, pois de posse dêsses documentos êle poderia importar muita coisa para a sua firma e realizar negócios de grandes proporções. Rebati enèrgicamente a sua proposta e lhe fiz ver que não era por meu intermédio que êle conseguiria negócios escusos de tal natureza, pois tôdas as minhas transações têm sido as mais honestas possíveis.»

A PRISAO DE OLÍMPIA

A respeito de como tomou conhecimento da prisão de Olímpia Rodrigues, empregada em seu escritório, disse Lion:

«— Ela chegava pontualmente ao meu escritório, às 14 horas. No dia de sua prisão eu estranhei sua ausência e telefonei para a sua casa. Responderam-me que ela havia saído à hora normal, isto é, pela manhã, quando vai assistir às aulas da Faculdade de Filosofia. Receoso de que lhe houvesse acontecido algo, telefonei também para o Pronto Socorro e para a casa de uma sua amiga. Ninguém soube informar o seu paradeiro. Então lembrei-me que às 10 daquele mesmo dia o «scroc» Padilha me telefonara nos seguintes têrmos: «Olha aqui, tem alguma coisa errada. Venha urgente ao meu encontro, na Galeria Cruzeiro, esquina da São José com a Rio Branco». Respondi-lhe que nada tinha a tratar com êle e que dali por diante me fizesse o favor de nunca mais pisar no meu escritório, pois eu já estava ciente de que se tratava de um «scroc». Associando êsse telefonema ao desaparecimento de Olímpia, desconfiei que o «scroc» houvesse metido a moça em alguma camisa de onze varas. De fato. O telefonema foi justamente à hora em que Olímpia fôra apanhar a encomenda, vim a saber depois.»

PROVIDÊNCIAS

Continua Lion:

«— Entre as 16 e as 17 horas eu me encontrei casualmente com um advogado meu amigo, dr. Walter Hatab, e lhe relatei a coincidência da ausência de Olímpia com o telefonema de Padilha, dizendo-lhe da minha desconfiança quanto à possibilidade de o «scroc» haver metido a moça em alguma situação difícil. O causídico aconselhou-me a impetrar um «habeas corpus» para prevenir qualquer dúvida quanto à possível prisão da moça. À noite pedi que mamãe telefonasse para a casa de Olímpia e só assim vim a saber que ela e o senhor seu pai estavam detidos na Central de Polícia. Quando cheguei a essa repartição, altas horas da noite, já o dr. Paulo Nogueira — a quem o dr. Walter Hatab me apresentara — havia impetrado «habeas corpus» em favor de Olímpia. Ciente dos maus lençóis em que Padilha havia metido a moça, procurei



Olímpia Rodrigues, loura, bonita e sorridente: «Estou com a minha consciência tranqüila e nada tenho a temer. Fiz apenas, um favor ao sr. Padilha, sem prever as conseqüências de minha ingenuidade e boa fé. Já prestei o meu depoimento à polícia e continuarei dizendo a verdade: sou inocente».

imediatamente o meu colega Paulo Brandão, a fim de saber onde morava o dito «scroc», que êle me apresentara. Em companhia de Paulo, fui ter à casa do indivíduo, que me recebeu de pijama, alta madrugada. Quando lhe falei do que ocorrera com Olímpia, o sujeito me disse, todo aborrecido: «Isso não são horas para falar neste assunto. Por amor de Deus, vá embora, minha irmã está à morte. Depois falaremos». Foi por essa razão que o «scroc» afirmou, depois, que eu queria matá-lo, disse Lion, acrescentando: esta sempre foi a história que tenho contado à polícia. E repeti-la-ei quantas vêzes fôr necessário. Não tenho absolutamente nada a ver com os negócios escusos daquele indivíduo e repito que posso provar sobejamente que nunca estive nessa casa de carimbos da rua São José, razão porque vou processar o gerente da mesma.»

BENTO E NÃO BAETA

A fim de confrontarmos a história de Paulo Lion com a de Olímpia Rodrigues, conseguimos, finalmente, romper a cortina de ferro que a princípio se estabeleceu entre a moça e o repórter. Afirmou a jovem:

«— Eu era representante de algumas firmas junto à CEXIM quando conheci o sr. Padilha, pois êle sempre aparecia naquela repartição e parecia, mesmo, ter alguma intimidade com os funcionários. Sempre me tratou bem e eu nunca desconfiei de seus propósitos, razão por que não me recusei a prestar-lhe o favor de ir fazer a encomenda dos carimbos. A história foi assim: mais ou menos às 18 horas do dia 9 de junho, quando eu vinha da avenida Beiramar em direção da Praça Mauá, encontrei Padilha, por acaso, no cruzamento da rua São José com avenida Rio Branco. Alegando ter muita coisa que fazer naquele instante, pediu-me, êle, para ir fazer uma encomenda, assim e assim. Deu-me um papel dobrado e disse-me para não o abrir nem amarrotar. Afirmou que os carimbos ficariam prontos dentro de alguns minutos e que me esperaria logo mais, naquele mesmo ponto. Sem a menor desconfiança, eu julguei que iria apenas fazer-lhe um favor. E fui. Dois rapazes me acompanharam: Bento, conhecido meu há já algum tempo, e um seu amigo que me fôra por êle apresentado naquela hora. Aliás eu sempre volto para Cascadura em companhia de Bento, que sempre reserva lugar no trem, para mim.»

NÃO ENCONTROU PADILHA

«— Quando o rapaz estava escolhendo as letras para fazer os carimbos, já passados talvez mais de 30 minutos, Bento chegou ao pé da escada que dá para o compartimento superior, onde eu estava, e disse-me que iria embora. Quando eu desci, depois de uns 45 minutos, mais ou menos (pois o rapaz custou bastante a me devolver o papel e o recibo da encomenda), não encontrei Padilha no local combinado. Como já era tarde de mais para voltar de trem, conforme sempre faço, eu tomei o ônibus para Cascadura. Mais ou menos às 21 horas Padilha me telefonou dizendo que não tinha podido chegar a tempo e marcando um encontro para o dia seguinte, às 10 horas, no mesmo local.»

Carimbos falsos...



Padilha (de branco, ao centro) quando prestava declarações a Hélio Rocha, do jornal «Última Hora». Êle é o principal acusado do escândalo.

— E Padilha sabia do seu telefone?

— Sabia. E tanto que, no momento de me pedir para ir à casa de carimbos, êle perguntou se o meu telefone era o mesmo, respondeu Olímpia.

PERDEU PADILHA DE VISTA

«— No dia seguinte, à hora marcada, eu entreguei a Padilha o documento que êle me entregara, na véspera, e o recibo da casa de carimbos. Apresentando nova desculpa, êle me pediu para ir apanhar a encomenda, dizendo que me esperaria na esquina da São José com a Rodrigo Silva. Quando voltei, mais ou menos depois de uns 5 ou 10 minutos, que fui me aproximando de Padilha, êle me dirigiu um olhar significativo, à certa distância, e desapareceu, ràpidamente, pela rua Rodrigo Silva, em direção da rua da Assembléia. Eu fiquei realmente baratinada, perto de uns automóveis estacionados ao lado da Casa Tavares e, não vendo onde Padilha se metera, saí pela mesma rua, Rodrigo Silva, à procura de onde telefonar para a Faculdade de Filosofia. Quando estava com o telefone, recebi voz de prisão. Só Deus sabe como fiquei aflita, pois nada havia, de minha parte, que justificasse tamanha surprêsa.»

— É verdade que a senhorita disse a Daltro Cardoso, da casa de carimbos, que era funcionária do Banco do Brasil?

— Dizer isso por quê, se eu não o era? Juro que a minha intenção, em tudo isso, foi exclusivamente fazer um favor a Padilha — e nada mais.

— Mas Daltro afirma, até, que a senhorita lhe dissera, na véspera, que os carimbos seriam para substituir dois outros, antes que seus donos dessem pela falta.

— Isso não é verdade. O que eu realmente disse, foi que os carimbos deviam ser fiéis, conforme Padilha me recomendara. Procedi em tudo isso com a maior naturalidade e boa fé, pois jamais passou pela minha cabeça qualquer desconfiança sôbre as conseqüências de minha ingênua atitude. É só o que tenho a dizer, conforme já disse à polícia.

LIBELO CONTRA OLÍMPIA

Devido à repercussão de nossa reportagem anterior, o advogado de Padilha, dr. César Faria, arrolou como testemunhas de provas indiciárias os srs. Kleber Loureiro e Edson Ferreira Santos, respectivamente gerente e modelador de carimbos da «Lomac». Em seu depoimento à polícia, as referidas testemunhas confirmaram tudo quanto estampamos em nossa edição de 10 do corrente. Logo após as suas declarações ao escrivão Carino, da Delegacia de Roubos e Defraudações, Kleber Loureiro assim falou a êste repórter:

«— O que o senhor disse, na sua reportagem, é a expressão máxima da verdade. E posso, ainda, acrescentar o seguinte: no momento de fazer a encomenda dos carimbos, a srta. Olímpia, ao lado de dois rapazes altos, fortes e bem parecidos, exibiu o documento (cuidadosamente dobrado) e disse, mostrando as assinaturas: «Êste aqui é «seu» Atila do Nascimento; êsse aí é «seu» Baeta» (José de Sousa Baeta). Lembro-me muito bem de todos os detalhes: o rapaz a quem Olímpia chamou de «Baeta» é alto, moreno claro e cabelos castanhos, puxando para louros. No momento, trajava marrom. O outro, a quem a moça chamou de «Atila do Nascimento», é forte e claro. Trajava branco, no momento. Quanto a «Baeta», posso afirmar que se trata de Paulo Lion, pois o reconheci através de fotografias suas, nos jornais. Quanto ao outro, poderei reconhecê-lo na hora que me fôr apresentado.»

OLÍMPIA FÊZ A PONTA DO LAPIS

Kleber Loureiro acrescenta:

«— Foi realmente denunciador o cuidado que teve Olímpia com o original da encomenda. Tal foi a sua preocupação em não amarrotar o documento que ela mesma se prontificou a fazer a ponta de um lápis para decalcar as assinaturas num papel de sêda.

— Mas Olímpia afirma, quanto aos dois rapazes, que não se trata de Paulo Lion nem de um suposto Atila do Nascimento. Diz que um dêles é Bento, seu conhecido de Cascadura, e que o outro lhe fôra, no momento, apresentado pelo primeiro.

«— Então é muito fácil de provar, disse Kleber: basta que a polícia faça com que Olímpia me apresente êsses dois rapazes. Se ela está, de fato, inocente, ser-lhe-á muito fácil. Juro que, se ela me apresentar os «dois rapazes» juntamente com o sr. Paulo Lion, eu saberei identificá-los e distingui-los. Se Paulo Lion não fôr o «Baeta», eu farei questão de retratar o meu «engano». Estou pronto para qualquer depoimento. Resta, sòmente, à polícia, critério e boa-vontade na elucidação do caso», finalizou Kleber.



Doutor Celso Nascimento, advogado de Paulo Lion. A pedido de seu constituinte, vai processar Kleber Loureiro, gerente da «Lomac».

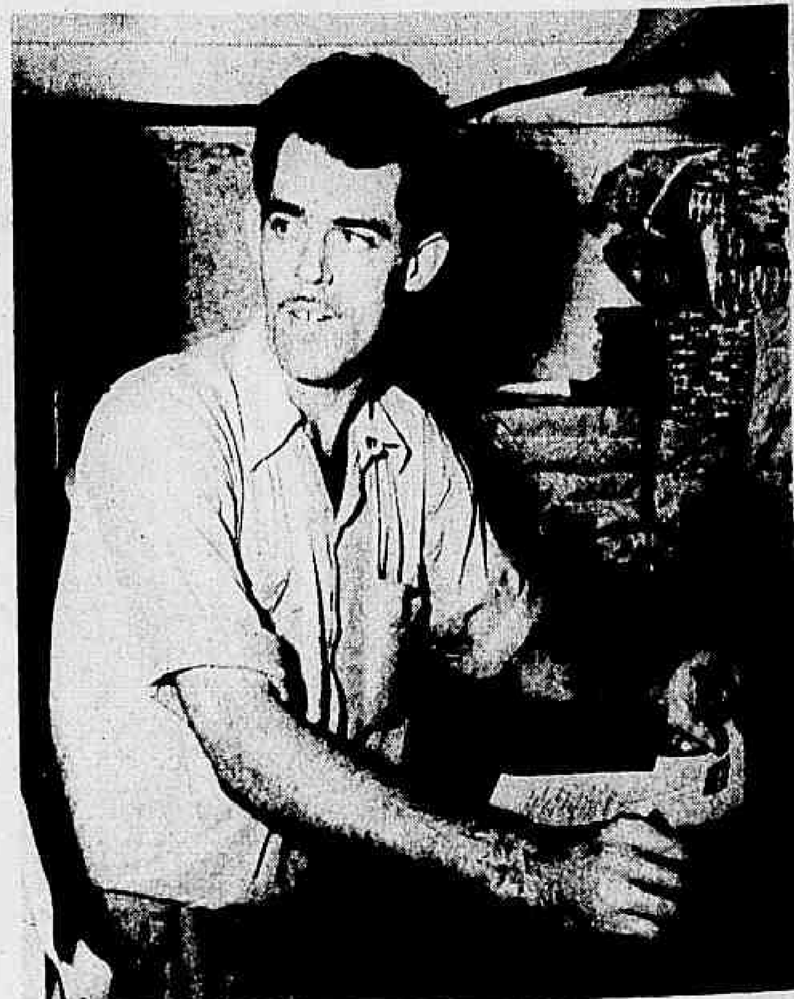
Conforme apuramos, a Fábrica de Carimbos «Lomac» tem sido procurada por dezenas de malandros que tentam, ali, falsificar documentos de tôda natureza. Até um Barão já estêve envolvido em importação, ilícita, de «cadillacs». Há, também, o rumoroso caso do casal Tutsek (rumencs) e, ainda, do falso atestado de óbitos, tentado por Francisco de Assis Neves, sedento por uma lua-de-mel com «a outra», enquanto sua legítima espôsa estava vivinha da silva. Em futura reportagem contaremos como dezenas de «scrocs» vêm fazendo de carimbos falsos as mais terríveis gazuas para a prática de assaltos e defraudações de tôda natureza.



Nossa reportagem foi recortada e pregada na vidraça da fábrica «Lomac». Edson Santos aponta: «A moça que encomendou os carimbos».



Kleber Loureiro, gerente da firma «Lomac», quando mostrava ao repórter a prova dos carimbos (falsificados) encomendados por Olímpia.



Daltro Cardoso, confeccionador de carimbos da «Lomac»: «Continuo afirmando que Olímpia me disse ser funcionária do Banco do Brasil».

AS URNAS VÃO ROLAR

PAULO SOLEDADE



● Mesquitinha e Mara Rúbia encabeçam o elenco da nova peça do Recreio. Um quadro português, com Maria Brazão e Saluquia Rentine, mostra que é possível se fazer alguma coisa de agrado com cenário de efeito, guarda-roupa bonito, bem marcado, dançado e cantado, preenchendo totalmente a finalidade dêste gênero de espetáculos. O quadro com motivo baiano teve a mesma boa intenção, não logrando entretanto êxito semelhante. Mesquitinha e Mara sempre à altura de seu propalado talento. Badu, Blake, Carlos Tovar e Totó fazem da parte cômica da peça o que há de melhor. Constitui, porém, aparição excepcional nos nossos palcos ùltimamente a dupla caipira nortista Venâncio e Corumba, muito bons, originais, com um repertório diferente do que se está habituado a assistir por elementos dêste estilo. Farão uma bonita carreira no teatro musicado. Cantam e tocam violão melhor que o Serge Singer. Lia Mara progredindo sempre e Natara Ney contribuindo muito para o bom desenrolar do espetáculo. Teria uma ressalva para o texto dos «sketches» do segundo ato que cai muito em nível de qualidade. Chegaria mesmo a censurar o quadro «Leitaria Aquática», que, além de não ter espírito, é de mau gôsto e imoral. Vicente Paiva apresentou bonitas músicas de sua autoria e regência segura, não ficando resolvido o problema das cantoras quando se afastam do microfone para descer à passarela. Bom cantor é Tito Martine, que prescinde de microfone e tem bonita voz. Bailarinos fracos e «boys» desgostosos. Mas a parte cômica se sobrepõe ao que não agrada.

NATARA (MESQUITINHA) NEY — Tem grande responsabilidade em «As urnas vão rolar» e se conduz muito bem. Conhecedora de todos os efeitos do teatro de revista, aproveita-os com propriedade. Não sendo principiante, pela primeira vez tem uma boa oportunidade. Parabéns.

DIVERSAS

«Miss IV Centenário» (Ana Zuleica) está no final do primeiro ato de «É Sopa no Mel». Veio de São Paulo e vai ser difícil, depois de haver experimentado tanta sensação nova, voltar ao ritmo de vida normal. Estamos diante de uma provável figura do teatro ou cinema, daqui a algum tempo. E para começar, tem como capital realizado, além de bonita figura, a popularidade que o concurso das Misses lhe proporcionou.

Quem fôr ao «Vogue» está multado. É a ameaça que paira sôbre as cabecinhas das meninas do «Casablanca». Não é possível que o sr. Carlos Machado tenha o trabalho de descobrir, contratar, ou arrecadar dos outros elencos êsse grupo de elementos que deveria ser o forte dos seus espetáculos e, depois, o barão Stuckart leve as vantagens do seu aparecimento na madrugada. Se possível, serão multadas também as que tiverem namorados fixos, ainda que com intenções honestas. Se não forem multadas, serão substituídas por novos elementos. O negócio não comporta, ainda mais agora que vai ser aberto o «Sacha's Bar» e provàvelmente nêle quem, do elenco feminino, quiser cear depois do «show», poderá fazê-lo gratuitamente, uma vez que não se apresente com par constante... Pobre quando recebe muita esmola desconfia...

Já está em ensaios a nova peça de Zilco Ribeiro, cujo título será «Mas Muito Mesmo». O texto é de Meira Guimarães. Há uma dúvida se uma revista levada na cidade com o texto semelhante ao de «Doll Face» teria a mesma aceitação. Não custa experimentar. O «Recreio» e o «República» exorbitaram quanto ao nível moral dos textos e nem por isso estão com êxito garantido. O que suporta aquelas duas peças é o que de realmente elas têm de bom.

Válter Pinto está se preparando para sua nova apresentação no «Recreio». Falou-me que não acredita possa o «Follies Bergere» prejudicar o seu negócio. Indaguei da possibilidade de Carlos Machado levar parte de seu público. Válter acha que só depois da estréia de Machado êle conversará sôbre o assunto.

Silveira Sampaio modificou o título de seu «show» para «No país das cadilacs», atendendo à uma nossa insinuação. Ficamos agradecidos pela gentileza.

Elisete Cardoso deverá voltar ao «Vogue» depois de seu grande sucesso quando de sua primeira temporada. O barão não se conformou em perder sua melhor atração justamente quando o público começou a exigi-la.

Dóris Monteiro vai parar no «Bacarat». Gigi está cogitando de nova atração.

Augusto César está bem em «É Sopa no Mel». Aparece pouco, mas agrada.

Os «boys» de «É Sopa no Mel» estão muito preocupados em fazer concorrência às meninas e, na maquilagem, capricham o que não podem.

Vai haver um entrosamento entre a Rádio Nacional (Rio e S. Paulo) a fim de se apresentarem os cantores dessas emissoras no «Bar Comodoro». Os srs. Vitor Costa e Luís Ramos já foram procurados e estão de acôrdo com a idéia, faltando apenas ajustar detalhes. Em São Paulo também se inicia uma concorrência de bares com atrações.



SALUQUIA RENTINE — Portuguêsa, muito graciosa, é dona do quadro «Portas da Europa», que o «Recreio» está apresentando em «As urnas vão rolar». Prova que, com bonitos cenários, coreografia alegre, roupa decorativa e música regional se pode fazer, com uma Saluquinha brasileira, muita coisa decente para os olhos e a alma. Dança à moda da casa. Canta com vivacidade. Boa aquisição de Ferreira da Silva.



Todo o elenco participou da homenagem prestada ao querido empresário.

A FESTA DE ZILCO

Recebemos um convite do sr. Antônio Carreira, proprietário do Teatro Follies, para uma festa em homenagem a Zilco Ribeiro. Depois da campanha que êste empresário vem realizando em Copacabana, dispensaria qualquer comentário a figura dêste idealista que tanto tem lutado e vem conseguindo no teatro musicado nacional. O que mais impressionou, no entanto, não foi o fato de haver «Doll Face» conseguido, num teatro de bairro, atingir a ducentésima representação. Com um elenco daquele nível, o texto do sr. Meira Guimarães e o desvêlo que Zilco Ribeiro dedica ao seu empreendimento, não seria de admirar o resultado que vem obtendo.

O que mais impressiona a quem conhece as dificuldades para um bom desempenho neste setor é o carinho que as pessoas que o mantêm lhe dispensam. Realmente é muito raro se encontrar um ambiente de trabalho com a harmonia e amizade que Zilco conseguiu semear entre o proprietário do Teatro, os artistas e todos os que colaboram com o jovem empresário.

Êsse é o seu maior fator de sucesso; todo mundo quer ajudá-lo e poucos se preocupam em prejudicar êsse homem que é bem quisto porque é bom, honesto e faz do teatro, e de quem dêle faz parte, o seu mundo.

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL
OUÇA

José Mauro

"O COMENDADOR E A MÚSICA"

segundas, às 21,30

★

"COMÍCIO DE ESTRÊLAS"

Araci de Almeida, Isaura Garcia, Inezita Barroso, Neyde Fraga, Elsa Laranjeira, Ester de Sousa

têrças, às 21 horas

★

Almirante

"VIVA O SAMBA"

às 21 horas

★

Gilberto Martins

"EM BUSCA DO TESOURO"

com Elizete Cardoso

domingos, às 20 horas

novos programas da

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 31 DE JULHO E 6 DE AGÔSTO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A posição do leitor, sob o influxo dos astros será muito favorável no curso da semana em causa. Os negócios serão processados normalmente e lhe darão margem para pingues lucros.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Mantenha-se de modo muito discreto e não dê o menor sinal das suas idéias, dos seus propósitos, das suas intenções. De outro modo será traído. Os piores dias serão 2 e 4 de agôsto.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Escute bem a voz da própria intuição. Recuse os conselhos que lhe quiserem dar. Não se submeta a tutelas de qualquer espécie e a sorte lhe dispensará um largo sorriso, nos próximos sete dias.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Poderá lançar, na semana entrante, os seus projetos. Suas iniciativas encontrarão todo o apoio de que o leitor tiver necessidade. Os ventos soprarão favoràvelmente, levando-o a ótimos resultados.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O campo das especulações, no seu caso, é o mais convidativo. Nos próximos sete dias, o leitor estará habilitado a desfrutar uma situação astral privilegiada. Aproveite a chance.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os negócios pendentes terão pronta solução. Não perca tempo traçando planos ou expondo ideais. Vá diretamente aos objetivos, pois a sorte passará ao alcance das suas mãos, mas a passo de carga.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não se modificará a posição ocupada pelo leitor, em face do céu. A próxima semana terá as mesmas características da semana expirante. Renovamos, pois, as indicações que lhe oferecemos.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Os dias 1, 3 e 6 de agôsto serão particularmente favoráveis à vida doméstica e às atividades sentimentais. O dia 3 será excelente para a declaração de noivado. Quanto aos negócios lhe aconselhamos abstenção.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Não haverá nenhum impedimento de natureza astral, no curso da próxima semana. Suas ações poderão ter um livre curso e o melhor resultado, não se afastando, o leitor, dos limites do justo e do possível, já se vê.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Estude bem seus problemas e seja rigoroso no planejamento do que tiver de realizar. O novo período favorecerá suas atividades intelectuais, dando-lhe um máximo de acêrto nos julgamentos.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Haverá grande perigo de desentendimento na vida conjugal ou de rompimentos nas relações sentimentais. Os sexos estarão desavindos durante todo o curso da semana. No campo dos negócios, porém, haverá favorabilidades.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não empreenda coisas de maior importância, nos próximos dias. Suas possibilidades de realização estarão muito reduzidas. Nos dias 4 e 6, o índice das mesmas será o mais baixo possível.

OS NOMES DA SEMANA

Julho,	31	—	Eliezer	—	Edna
Agôsto,	1	—	Leôncio	—	Sônia
"	2	—	Afonso	—	Maria
"	3	—	Estêvão	—	Lídia
"	4	—	Aristarco	—	Arcelina
"	5	—	Tiago	—	Aldina
"	6	—	Osvaldo	—	Juliana

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Julho,	31	—	7º - 44' - 15"	(Signo do Leão)
Agôsto,	1	—	8º - 41' - 41"	(" " ")
"	2	—	9º - 39' - 7"	(" " ")
"	3	—	10º - 36' - 34"	(" " ")
"	4	—	11º - 34' - 1"	(" " ")
"	5	—	12º - 31' - 30"	(" " ")
"	6	—	13º - 28' - 59"	(" " ")



Desenho de ZALUAR

TERRAS DE PORTUGAL

MARIA DE LOURDES PINHEL

LAGOS é uma pequena cidade situada no barlavento algárvio, e foi da sua baía que partiram as primeiras caravelas que iniciaram a áurea época dos descobrimentos portuguêses.

Hoje, muitos séculos passados e depois de ter sido abalada por diversos terremotos que a arrasaram, restam apenas vestígios do seu antigo esplendor. Mas a Natureza continuou pródiga com ela, e a beleza do seu litoral oferece-nos espetáculos deslumbrantes. A costa, de altas arribas de calcáreo, é cortada por rochedos e fraguedos, e nas praias imensas que se sucedem vêem-se angras e furnas, galerias e passagens misteriosas que nos fazem sonhar com monstros terríveis e sereias encantadas. Pelas grutas e furnas de maravilhosos recórtes, passam as águas do mar de um azul violento onde o sol se mira em reflexos doirados. Seguindo a estrada marginal, passamos a Ponta das Gaivotas e avistamos o casario alvo trepado pelas encostas; as habitações pequeninas e baixas, tôdas caiadas de branco, têm as pitorescas chaminés de formatos os mais diversos soprando fumo para o ar. Por tôda a parte, nos vales e colinas, nos montes e serras, florescem amendoeiras e figueiras. E na Primavera, quando os galhos se cobrem de florinhas brancas e rosadas, fica tudo colorido numa festa de alegria para os olhos.

Vamos deixando para trás as povoações, e aos poucos a paisagem transmuda-se numa rudeza selvagem. Cercam-nos charnecas nuas e despidas de vegetação; em volta, até perder de vista, campos pedregosos e ásperos onde algumas figueiras bravias rastejam pelo chão árido. Nesse ambiente desolador é que avistamos a Ponta de Sagres, mas aí, aos nossos olhos deslumbrados, chega a amplitude magnífica da grandeza marinha. Sagres fica sôbre um planalto rochoso, sobranceiro à imensa enseada. O espetáculo do mar que redemoínha em cachão, perfurando a rocha e refluindo em estrondos surdos pelas duas enormes cavernas que se abrem em bocarras escancaradas, — é de uma esmagadora beleza. O ar é úmido e puro, chega-nos aos lábios o gôsto salgado da maresia. Defronte dessa imensidade, sentimo-nos pequeninos e humildes. Ao lado, fica a antiga fortaleza de corredores subterrâneos e salas abobadadas, a Ermida, o farolim e as ruínas de uma casa que afirmam ter sido residência do Infante D. Henrique.

Mais além fica o Cabo de S. Vicente, que corcova o seu dorso de gigante avançando pelo oceano a dentro, como se um novo Adamastor quisesse assenhorear-se dos perdidos domínios marinhos. Na Ponta do Cabo, vêem-se ruínas de fortificações e de uma capelinha erigida a Santa Catarina. O farol foi construído bem na extremidade da falésia, que cai a pique sôbre o mar — sendo êsse o ponto que marca o limite sudoeste da Europa.

Daí, se é possível, mais bela ainda é a vista e o horizonte tingido pelos raios do sol poente, é qualquer coisa de inesquecível. Avista-se tôda a imensidade do Oceano, e ao nosso espírito acodem visões dos tempos de antanho, quando dessa falésia o Infante D. Henrique perscrutava o largo, manuseando alfarrábios e estudando velhos manuscritos. Com o coração transbordando de fé, pedia coragem a Deus para enfrentar e vencer êsses caminhos desconhecidos que se desdobravam aos seus olhos, e que a crendice popular povoava de monstros selvagens e superstições aterradoras. Os mais fortes e destemidos sentiam-se atemorizados, ao pensar no que os esperaria para lá da linha do horizonte; mas finalmente, depois de esforços inauditos, o sonho acalentado em tantas noites de vigília tornou-se realidade. E era da ponta da falésia, em pé no último rochedo sobranceiro ao abismo, que o Infante se ficava a orar, vendo as caravelas de velames enfunados — onde brilhava a cruz de Malta, fazerem-se ao largo para «darem novos mundos ao mundo»...

As constantes variações da tonalidade das águas, que em baixo esbravejam e rugem arremetendo de encontro às altas penedias, são visões que os nossos olhos jamais esqueceram. Por sôbre as ruínas abandonadas, voejam bandos de corvos crocitando lùgubremente, e as lendas que a tradição nos legou falam-nos de mártires e santos, de episódios guerreiros e descobrimentos, de coragem e valentia sem par. E' chegada a hora do regresso, mas custa-nos deixar êsse local de tão estranha beleza; e quando o fazemos, levamos uma recordação inolvidável dessa paisagem tão grandiosa e tão linda.



HELGA, t

Ping — Desde que idade você dança clássico?

Pong — Comecei a estudar aos 12 e, aos 13 entrei para o Corpo de Baile do Municipal.

Ping — Qual é a melhor coisa da vida?

Pong — Há tanta coisa boa...

Ping — Você gosta de dançar num salão?

Pong — Não sou nada entusiasta, pois, por incrível que pareça, danço mal e tropeço muito.

Ping — Quando tiver 60 anos o que pretende fazer?

Pong — Não sei, porque nunca pensei em chegar até lá.

Ping — Qual foi seu maior susto?

Pong — Dançava o «Guarani», quando consegui esquecer a coreografia e também o lugar em que estava; é uma espécie de vácuo, uma sensação horrível e todos me perguntavam «o que é que você está fazendo aí»?

Ping — E a maior alegria?

Pong — Enquanto os rapazes dançavam, alguém conseguiu me explicar que «aquilo» era o «Guarani». Compreendi tudo, imediatamente. Que alívio!

Ping — Qual a música que você mais gosta de dançar?

Pong — Rumba. Tenho um jeito extraordinário!

Ping — Algum dia pensou em ser dactilógrafa?

Pong — Só de pensar em ficar todo o dia sentada, sinto-me mal.

Ping — Qual seria o seu programa predileto para todo um dia?

Pong — Dependendo da disposição, leria, ouviria música, iria ao cinema, ao teatro, mas, atualmente, creio que dormiria todo o dia (Helga deixa a «boite» às 4 e chega ao Teatro Municipal às 9; dorme, portanto, média de 3 horas por noite).

Ping — Se você não fôsse Helga, o que queria ser?

Pong — Napoleão!

Ping — Qual o segrêdo da beleza?

"EM MATÉRIA DE

● HELGA LOREIDA tem mais um nome que eu gostei mas que ela acha feio e não gosta de ver publicado. E, senhor secretário, quem pode resistir a um apêlo daqueles olhos azuis, mesmo sabendo que deve pôr o nome por extenso? Helga é alta, bem feita, veio pequenininha da Estônia (de lá para cá cresceu bastante, por sinal), tem belos cabelos louros e uma beleza de movimentos que infelizmente a máquina do fotógrafo não conseguiu fazer o milagre de captar. Pequena ainda (13 anos), entrou para o Corpo de Baile do Municipal, trabalhando àrduamente, se aprimorando num esfôrço de todos os dias. Helga, à noite, dança numa das nossas «boites» e, à tarde, é ainda um daqueles modelos que enfeita a passarela da «Casa Canadá» em dia de desfile. Helga, sendo uma pintura, pode-se dizer que é uma maravilha de côr, movimento e volume. Se é!



tão bonita, queria ser Napoleão

E AOS LEITORES, CONFUNDIDOS COM SORTILÉGIOS DA BELEZA FEMININA, AQUI VAI UMA LIÇÃO: «O IMPORTANTE NA VIDA É A GENTE NASCER ENGRAÇADINHA».

Reportagem de JOSÉ MAURO



Pong — **Beleza é coisa muito complexa, mas acho que básico é a gente nascer engraçadinha.**

Ping — Casar prejudica a carreira de bailarina?

Pong — **Isto é como a história da saúva e o Brasil. Um prejudica o outro.**

Ping — Quem dança clássico deve manter os cabelos compridos?

Pong — **E' mais prático e economiza o dinheiro das peruquinhas.**

Ping — Você já foi convidada para trabalhar no cinema?

Pong — **Sim, mas tenho horror às câmaras. Creio que poderia dançar, isto sim.**

Ping — Por qual time você torce?

Pong — **Antes de mais nada, explique-me bem que negócio é êste de time.**

Ping — Acha que Zezé Moreira é um bom técnico?

Pong — **Zezé Moreira é técnico?**

Ping — O cinema brasileiro é uma promessa?

Pong — **Depois de «O Cangaceiro», acho que sim.**

Ping — Você sabe pregar botões?

Pong — **Já tentei algumas vêzes; se persistir, acabo conseguindo.**

Ping — O governador Garcez é um político hábil?

Pong — **Você acha hábil perguntar a uma bailarina sôbre política?**

Ping — Que idade você têm?

Pong — **E' muito feio perguntar a idade de uma moça, mas enfim! Dona Mena, diretora da «Casa Canadá», diz que a idade oficial de um manequim é 21 e, como é idade muito simpática, pretendo ficar uns tempos por aí.**

Ping — Tôda vez que dança para um grande público, fica nervosa?

Pong — **Fico nervosa mesmo que só tenha duas pessoas.**

Ping — Você prefere interpretar a música moderna ou a clássica?

Pong — **A moderna é mais de acôrdo com o meu tipo.**

Ping — Que gênero de leitura prefere?

Pong — **Qualquer um, dependendo do estado de espírito.**

Ping — Você acredita em azar?

Pong — **Isola! Eu não.**

Ping — Qual é o seu conceito sôbre os homens?

Pong — **O tempo é pouco para dizer o que penso, mas há uns formidáveis, não há?**

Ping — Qual o gênero de bailado que prefere?

Pong — **Os bons bailados são bons em qualquer gênero.**

Ping — Qual o seu compositor predileto?

Pong — **Prefiro Bach, Beethoven, Debussy e Stravinsky.**

Ping — Qual o prato que você mais gosta?

Pong — **Ainda segunda a Dona Mena, nós só comemos costeletas de camarão, pétalas de rosas e outras delicadezas, logo, não tenho outra alternativa.**

Ping — Em que lugar da terra se sentiu melhor?

Pong — **Muitas e muitas vêzes, tenho me sentido feliz. Quase sempre é um sentimento vago, sem qualquer razão aparente.**

Ping — Qual o costureiro cujos modelos lhe dão mais satisfação de desfilar?

Pong — **Dior, Dior, Dior, sempre Dior.**

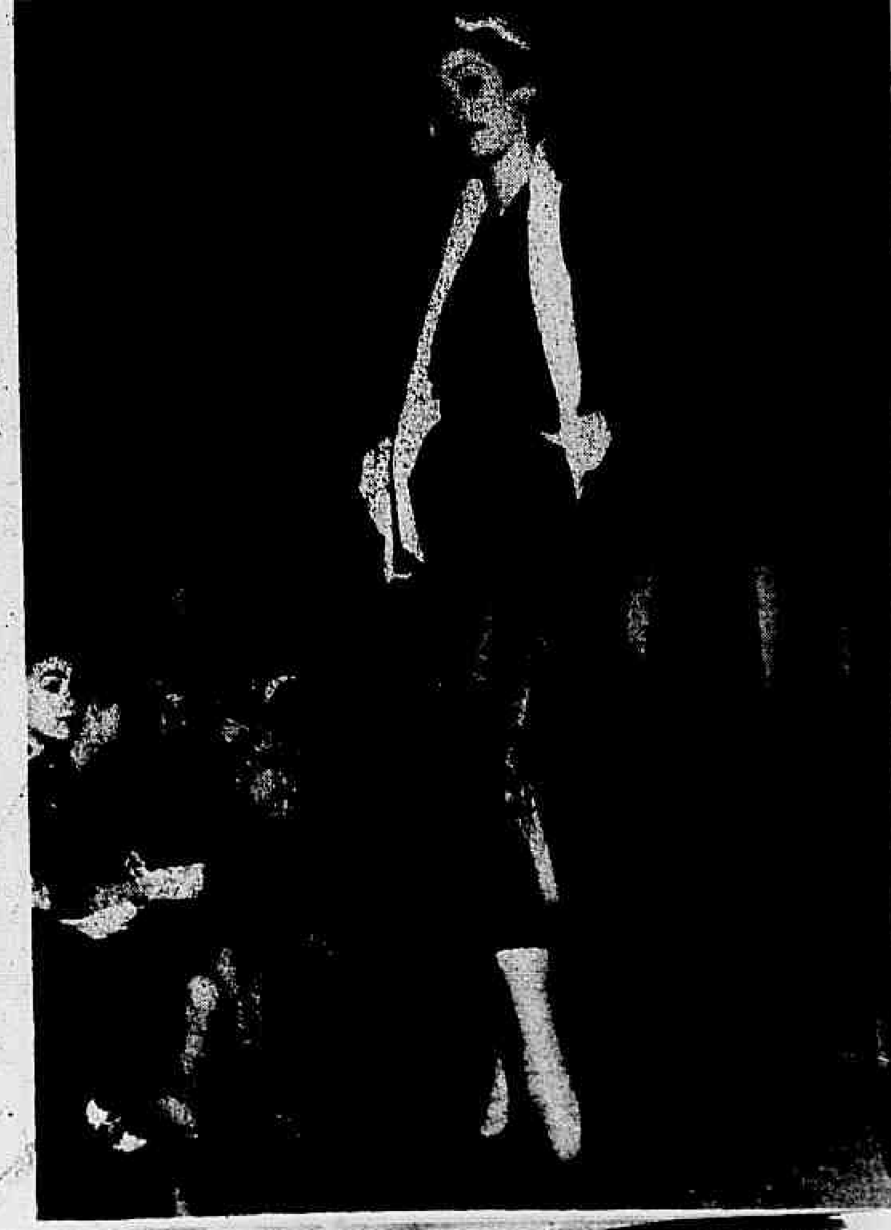
Ping — O que a faria muito feliz, neste momento?

Pong — **Que estas perguntas terminassem porque me sinto mais espremido que bagaço de laranja. Meu cérebro está aos pedaços. O' resto, também.**

DE BELEZA, O BÁSICO É A GENTE NASCER ENGRAÇADINHA"







ANNA RESOLVEU FICAR...

TEDDY

● Conheço — como a maioria de vocês — a atriz italiana Anna Magnani desde aquêle inesquecível «Roma, Cidade Aberta» e foi daquele momento em diante que aprendi — como vocês, suponho — a admirá-la como artista. A fama de Anna acabou chegando um dia aos Estados Unidos e Hollywood apressou-se em convidá-la para seu mundo de luzes, côres e [illegible] desejosa de tê-la nos seus filmes, ambiciosa de sua arte que é grande e incomparável. Já que perdera a sueca Ingrid Bergman e não conseguira trazer outras «estrêlas» famosas dos estúdios de Roma, Hollywood procurou compensar-se das ausências forçadas, conquistando «La Magnani». Seria uma troca de efeitos maravilhosos e acredito que tão [illegible] não pensariam em outro nome. Anna chegou a ficar fascinada com a proposta, isso porque, os americanos, sempre muito práticos, haviam acenado à «estrêla» com um papel com o qual, ela e outra atriz qualquer, teria sonhado. Anna está destinada a interpretar a famosa peça de Tenessee Williams, «A Rosa Tatuada». Tão excelente era a história que a «estrêla» italiana sonhou com a viagem e procurou convencer-se de que os inimigos gratuitos da Meca do cinema estavam sem razão. Com ela, Anna Magnani, a coisa seria diferente. Nada de estandartização, nada de ostracismo forçado, nada de boicote preparado. Êles desejavam tão sòmente sua arte; seu nome, com aquela concessão quase realizada, seria bem mais luminoso. O teatro de sua pátria, porém, chamou-a em boa hora para uma temporada de sucesso. E ela ficou. Ficou e teve muitas alegrias que acabaram por fazer com que esquecesse quase completamente a projetada viagem e o fabuloso contrato. Hollywood fôra totalmente ofuscada pela glória alcançada dentro de casa. Para um artista é o êxito completo, e senti-lo assim, como Anna pôde fazê-lo, realiza tôdas as aspirações de quem persegue a fama. Depois de receber aplausos em Milão, Turim, Gênova e Florença, Anna Magnani regressou à sua insubstituível Roma, em cujo Teatro Sistina passou a representar com o êxito de sempre. Augusto Genina estava então preparando seu filme «A Graça» e convidou-a para ser a «estrêla». Anna aceitou. Aceitou cheia de alegria e completamente feliz. Dois anos se haviam passado desde o último filme. Não poderia, portanto, negar ao seu cinema italiano a presença tão reclamada. Hollywood ficou para mais tarde . . . .



SEREIAS DO CINEMA — Helen Westcott participa de um filme em 3-D, «Investida de Bárbaros» e adora posar de maiô, pois como tôda sereia cinematográfica, gosta de exibir sua plástica e seu sorriso, ambos grau dez.

CORREIO DA EUROPA

PAMPANINI VEM MESMO . . .

Dando entrevista nas ilhas Canárias, onde filma presentemente «A Rainha das Canárias», Silvana Pampanini confirmou que viajará breve para o Brasil onde estrelará um filme. A artista mostra-se encantada com a probabilidade de conhecer os seus fãs brasileiros e o Brasil, país que ela aprendeu a admirar . . .

EM ROMA É ASSIM . . .

O Tribunal de Roma vem de condenar a oito meses de prisão dois produtores americanos (Roland Geiger e Sidney Grant) que pretendiam realizar «O Gigante», cine-biografia do ex-campeão de box, Primo Carnera. Os dois foram acusados de fraude e pagarão na cadeia o pecado cometido. Mas, isso senhores, aconteceu em Roma . . .

MAIS UM DE DUVIVIER

O famoso diretor vem de realizar um filme ambicioso: «L'Affaire Mauritzius», sôbre o célebre caso que abalou a Justiça francesa em época distante. Duvivier acredita haver realizado um filme capaz de marcar a atuação do cinema no famoso caso, porém o público é que dará, como sempre, a última opinião . . .

ÚLTIMOS FLAGRANTES

A atriz italiana Sophia Loren foi premiada pelos bombeiros e fuzileiros norte-americanos com o título «Miss Welder». Ela ficou contentíssima! ★ O filme brasileiro «Sinhá Moça» foi premiado no recente Festival de Cinema de Berlim. ★ Gregory Peck está sendo ansiosamente aguardado na Inglaterra onde filmará «Moby Dick», que John Huston dirigirá para a Warner.



FOI PRECISO POLÍCIA . . . — Comparecendo à «première» de «O Príncipe Valente», Rita Gam, a sensacional «estrêla» da Fox, causou tanto rebolíço entre o público, que necessitou dos serviços da polícia para entrar no cinema.



VISITANTE ILUSTRE — Em companhia da famosa «estrêla» Claire Trevor e do famoso diretor William Wellman, vemos o não menos famoso Frank Capra, ùltimamente afastado do cinema. A conversa, enquanto durou, foi animadíssima!

CINEMA BRASILEIRO

● O diretor José Carlos Burle trabalha ativamente nos preparativos para a filmagem de «O Feitiço da Vila», o filme que evocará a arte e glória de Noel, o poeta da noite.

● No Paraná ultimam-se as filmagens de «Os Três Garimpeiros», do qual participam Alberto Ruschell, Hélio Souto e Milton Ribeiro. É uma história sôbre bandeirantes.

● Marisa Prado foi convidada pelo diretor espanhol Mur Oti para «estrelar» um filme. Marisa comunicou aos amigos e jornalistas que aceitou o convite e embarcará muito breve. É outra artista que foge à monotonia do atual ambiente do cinema brasileiro.

● Segundo se diz, o fotógrafo Ruy Santos pretende realizar «A Barreira», assunto sôbre retirantes nordestinos cujo diretor, já escolhido, será Alex Vianny. Vanja Orico foi convidada para «estrêla» e sôbre o galã nada se sabe até agora.

● Depende de muita coisa a filmagem de «Matar ou Correr», a nova comédia de Oscarito para a Atlântida. É possível que seja feito «Colégio de Brotos» em primeiro lugar. Nesse filme o popular cantor Francisco Carlos terá atuação destacada.

● «Alvorada da Glória», filme não terminado, seria enfim concluído com novo elenco, o que importa em dizer que seria inteiramente refilmado. Por enquanto, é apenas promessa . . .

● Dizem que Cavalcânti voltará breve ao Brasil para continuar produzindo nos estúdios da Kino Filmes. Dessa produtora sabe-se agora que está preparando novos filmes e pretende recomeçar para uma fase definitiva. Ainda bem.

OS DONOS DO SEMESTRE

De LEON ELIACHAR

● Os primeiros seis meses de 1954 foram pródigos em acontecimentos. Os jornais cobriram-se de notícias e cada coluna foi disputada, centímetro por centímetro, pela importância do assunto. Mas a verdadeira batalha foi travada entre os homens, disputando uma foto na primeira página. Houve muito crime (com faca, revólver e até lençol), mas apenas uma morte feita a mão e outra com castiçal. No futebol, todos os jogadores usaram os pés, foram fotografados e bem alimentados, mas os técnicos usaram a cabeça e levaram a melhor. No teatro aconteceu alguma novidade, mas como sempre, Nelson Rodrigues foi o mais discutido e Silveira Sampaio o mais aplaudido. No jornalismo, a dupla Morel-Neves lavrou um tento, penetrando nos bastidores das delegacias, onde o "gado humano", estava amontoado, na sujeira e na lama atrás das grades, à espera de um lugar numa prisão. Houve muitos concursos de beleza, mas nenhum tão importante como a escolha de "Miss Brasil", que luta agora "corpo a corpo" pelo título de "Miss Universo" em Long Beach, com o protesto antipático de uma das candidatas. Dois julgamentos conquistaram a opinião pública do Brasil, dois acontecimentos sociais de relêvo destacaram duas figuras, a política ferveu intensamente, especialmente em Pernambuco. O resto foi adiado para o 2º semestre.

FUTEBOL



FLEITAS SOLICH
Levou a vitória ao Flamengo.



ZEZÉ MOREIRA
Trouxe a derrota ao Selecionado.

CRIME



PAULO PEIXOTO
A brutalidade dentro da Polícia.



LUIS EDUARDO
A confissão atrás do castiçal.

POLÍTICA



JOÃO CLEOFAS
Queria Getúlio e a UDN.



ETELVINO LINS
Não quer Getúlio.

TEATRO

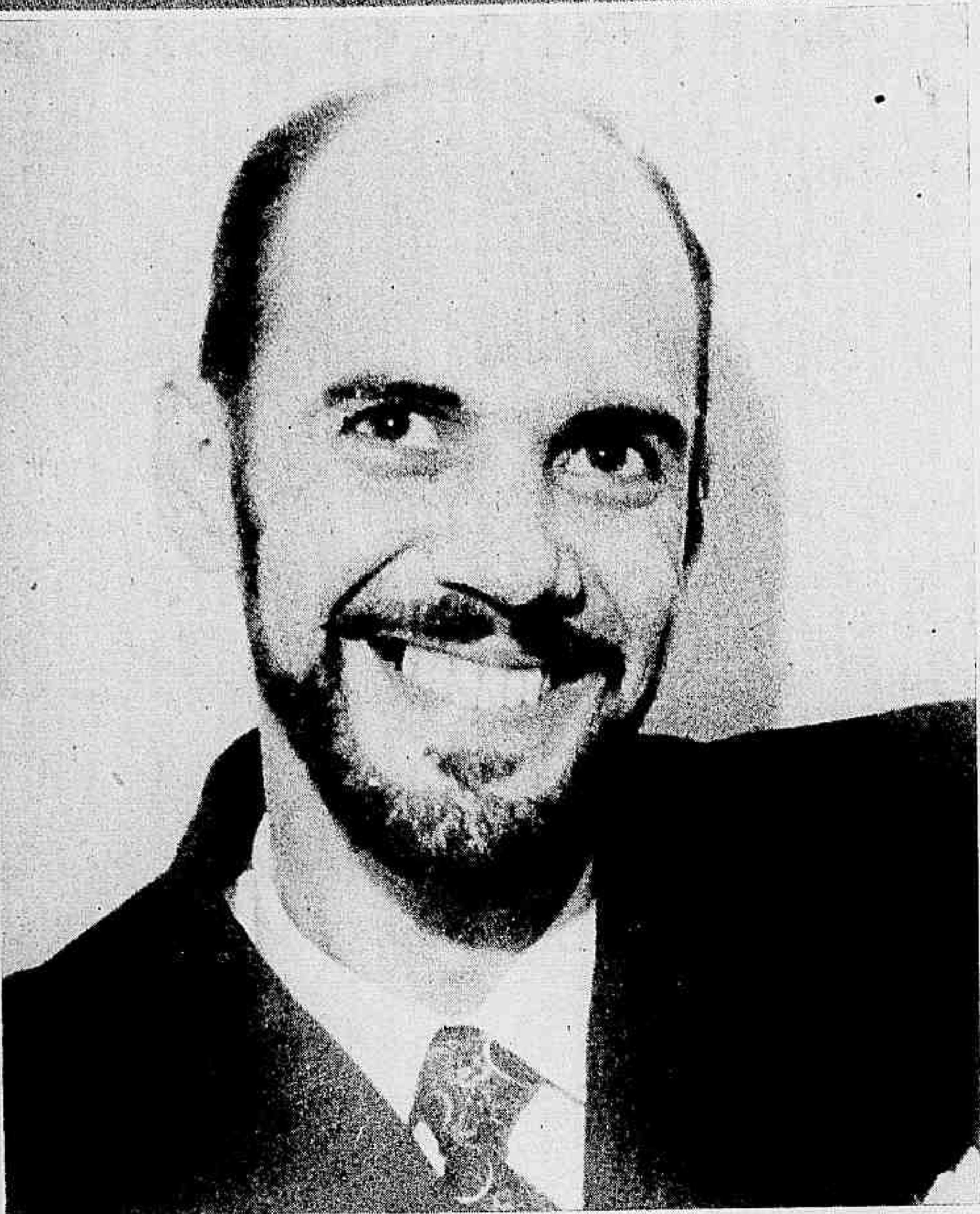


SILVEIRA SAMPAIO
A sátira em 26 poses.

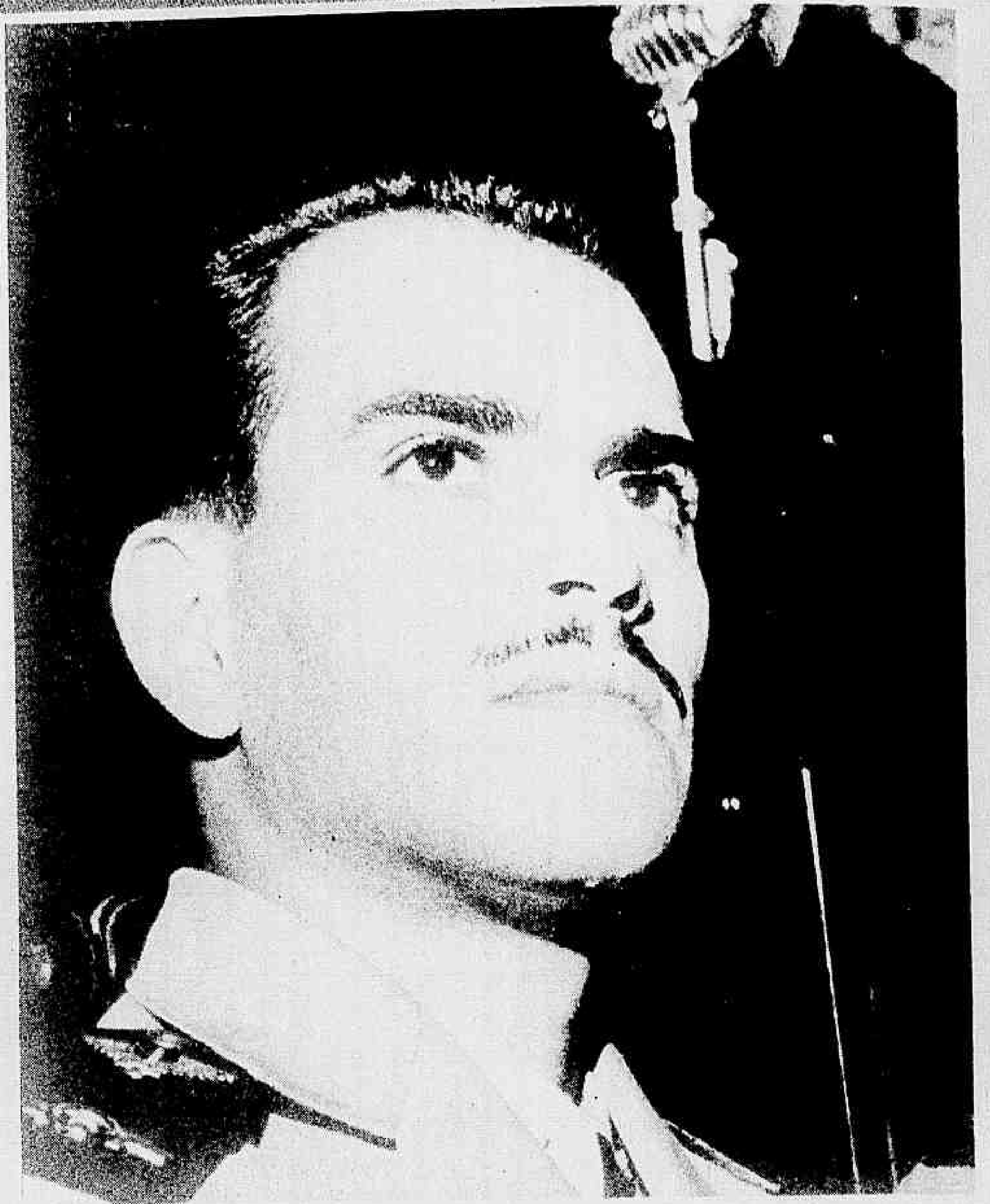


NELSON RODRIGUES
A tragédia sem pose.

JULGAMENTOS



DÉCIO ESCOBAR
A absolvição mais discutida.



TENENTE BANDEIRA
A condenação mais surpreendente.

SOCIAIS



PRESIDENTE CHAMOUN
A Síria visita o Brasil.



MARICY CAMARGO
A "haute gome" visita o altar.

JORNALISMO



EDMAR MOREL
O "furo" contra a violência.



JADER NEVES
Uma "Rollei" atravessa as grades.

BELEZA



MARTA ROCHA («Miss Brasil»)
O sorriso da vitória.



PATRÍCIA LACERDA
O protesto da derrota.

NORDESTINOS NO RIO

RAUL LIMA

TEM-SE acentuado aqui no sul, nos últimos tempos, uma espécie de descobrimento do Nordeste, algumas de nossas características sociológicas interessando à gente do sul, em cujo meio é fácil encontrar quem suponha vizinhos pernambucanos e amazonenses, baianos e piauienses. Naturalmente não se processa um movimento de curiosidade que importe em maior compreensão e busca de harmonia para os problemas da desigualdade de desenvolvimento econômico, por exemplo, pois visa sobretudo ao pitoresco.

Verificando-se especialmente no seio da massa, é produto notadamente da maneira como o rádio tem-se servido de cantores e locutores nordestinos entrando a caricaturar, nos programas humorísticos, a fala e modos do homem da região da sêca, do massapê, das mais lindas praias brasileiras. E' interessante que o rádio, responsável precisamente pelo desvirtuamento de nossos folguedos populares, tal a maneira como difunde no interior a música americana, o samba carioca, a rumba e o tango, esteja a servir à fixação, embora com as deformações da caricatura, de traços de uma personalidade exuberante como é a do habitante de nossa região.

Estaria ocorrendo, de certo modo, com o nordestino, imitado na sua prosódia, na sua disposição de espírito, na sua linguagem cheia de expressões aqui desconhecidas e de palavras com sentido diverso do corrente no sul, o que acontece com o texano nos Estados Unidos, em tôrno do qual há um inesgotável anedotário acentuando-lhe o orgulho regionalista. No caso não é dêsse orgulho que se trata, mas de um modo de ser e de falar que se diferencia fortemente do mineiro, do centro-sulista, do gaúcho. E é lógico que devemos cultivar isso, vencer a caricatura, não recear de ser nortista no sul, pois na manutenção dessas peculiaridades bem marcadas está uma das melhores fontes da seiva para a unidade nacional.

A raça é valente, dura, indobrável ao sofrimento.

Diàriamente, nas colunas de jornais e nos noticiários radiofônicos, principalmente num dêstes que costumo ouvir, graças à possibilidade da hora, encontram-se relações de perdidos e achados.

Mesmo quando se trata de simples objetos — e como são extravagantes muitos déles! — pode a imaginação armar dramas, romances. Há maridos apenas maridos abandonados, que levam aos periódicos e às emissoras a revelação dessa melancólica situação e querem ajuda para que lhes devolvam as espôsas como se fôssem, em vez de voluntariosas cabeças de vento, meros chaveiros ou guarda-chuvas.

Mas, no gênero extravio de pessoas, os dramas, os romances trágicos, quase não precisam ser imaginados, palpitam das poucas linhas rotineiras do registro — mães que não vêem filhos há vinte anos, irmãs à procura de irmãos mais velhos para retomada de contato perdido há longo tempo. Muitos anunciantes lutam por encontros que não se verificaram.

Nesta cidade imensa, maior ainda por sua desumanização, pela crescente aspereza da vida, residem pais e filhos, criaturas do mesmo sangue se devendo mútuo carinho e assistência, desejando rever-se e entretanto ignorados todos entre si, desconhecendo onde moram, jamais um acaso feliz os tendo pôsto uns diante de outros.

Se fizéssemos a estatística dêsses casos, classificando seus personagens segundo a naturalidade, encontraríamos em maioria nossos patrícios do Nordeste. Conseqüência do êxodo constante de nossa gente, moços que vieram tentar a vida, dependentes que se lançaram depois à aventura de aqui encontrá-los sem saberem se estão vivos ou mortos, moram no morro do Esqueleto ou já estão enterrados em Caxias.

Ou se conseguiram mesmo ao chegar ao Rio, não ficaram à beira da estrada. De fato, tantos já foram os desastres, com maior ou menor número de vítimas, ocorridos com os «paus de arara», que já se integraram na rotina dêsse longo, infindável drama do êxodo dos nordestinos. De modo geral, transportar-se, no Brasil, é uma temeridade, os habitantes do Rio de Janeiro especialmente arriscam diàriamente a vida na simples ida e vinda de casa para o trabalho. Os acidentes da Central e dos caminhões que, superlotados de carga humana, vêm descendo pela Rio-Bahia, concorrem para o obituário nacional com uma quota segura e considerável. São como uma espécie das inundações na China. E, assim, não mais causam revolta, não mais comovem, os números de mortos passar a ser apenas estatística, os próprios mortos — apenas de Silva, Santos, Conceição — são mesmo como os chineses lá longe afogados.

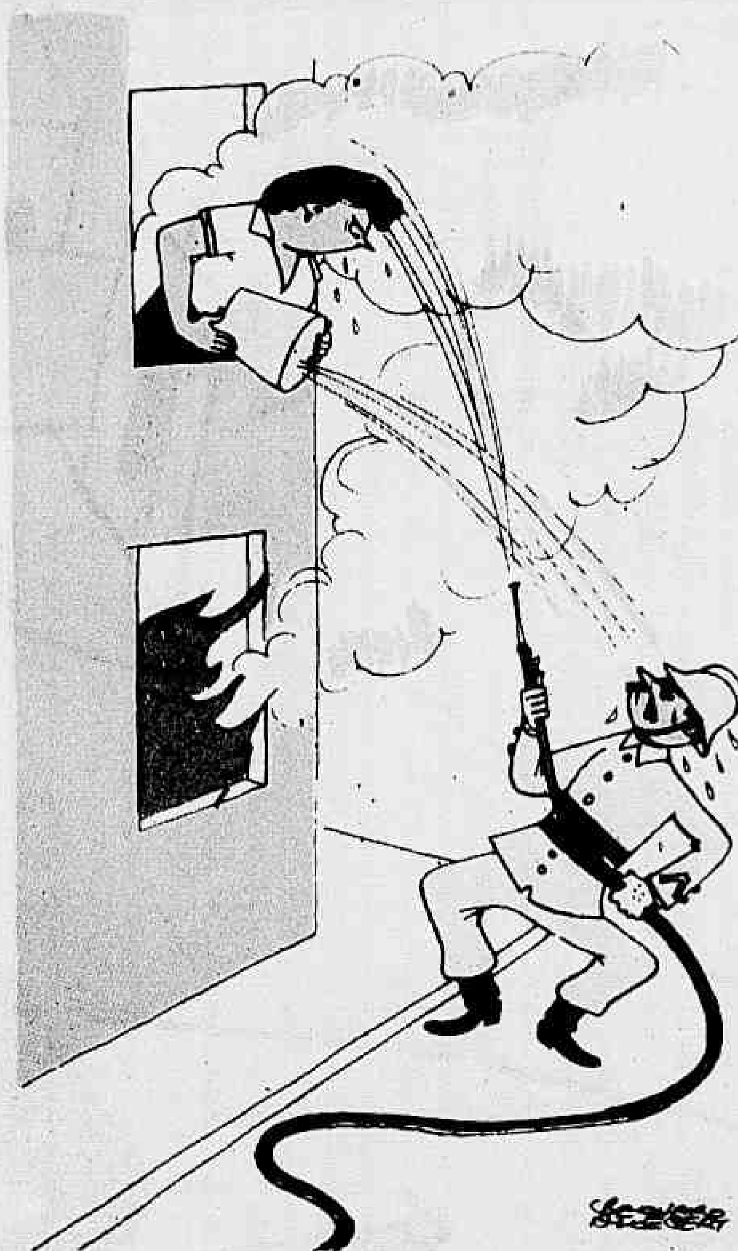
A emigração de nossos pobres cabeças-chatas não se está verificando apenas para as regiões agrícolas novas do sul e do centro-oeste do país ou para as favelas do Distrito Federal, muitas vêzes o «pau de arara» já os conduz diretamente para o «lugar de refrigério e de paz» de que fala a liturgia católica, sempre consoladora.

Desenho de MARIA TEREZA


M Teresa /54



E sua senhora — sempre apaixonada pela ópera?



SEM PALAVRAS

Veja se são boas estas do

RISO DOS OUTROS



SEM PALAVRAS

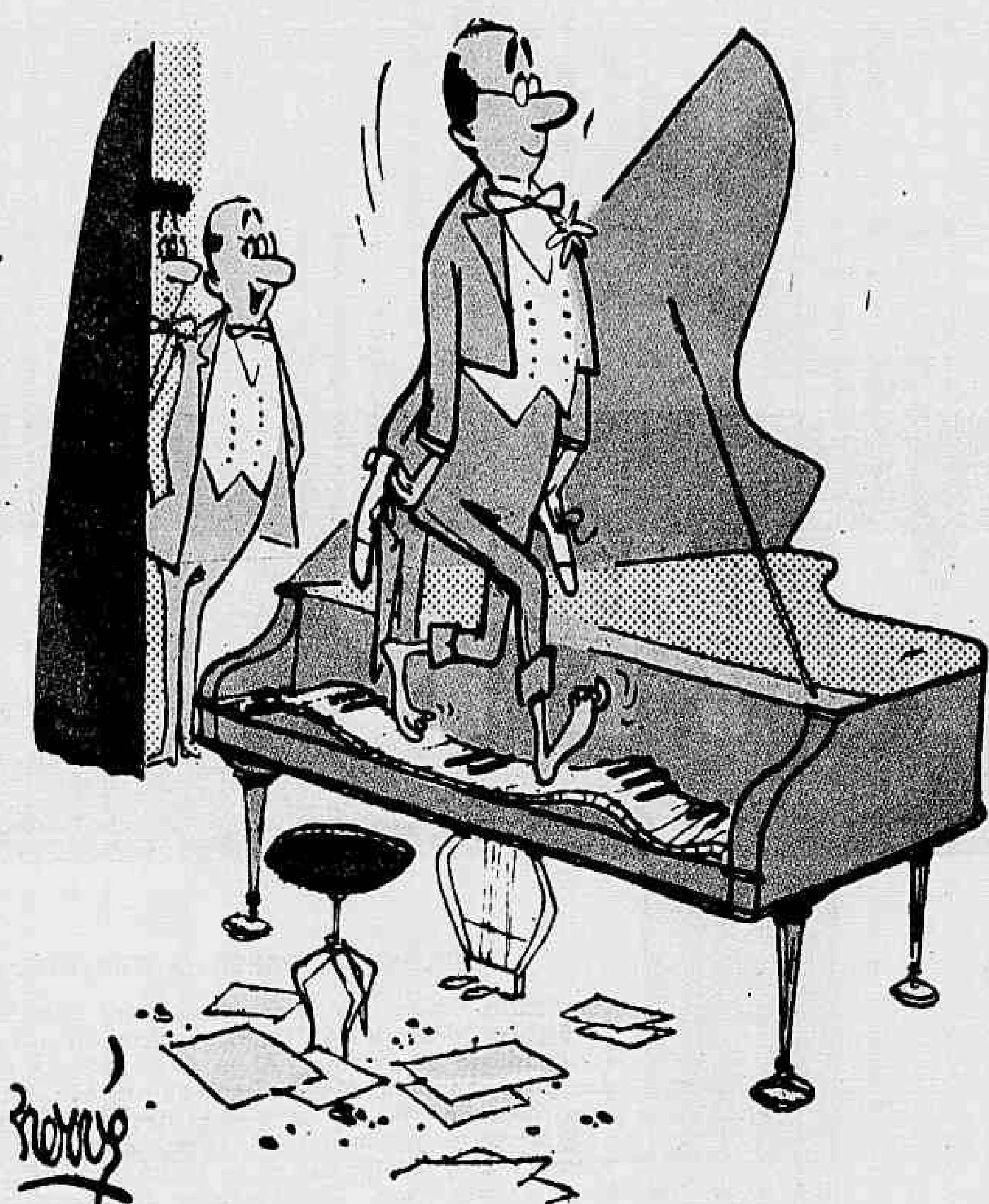




SEM PALAVRAS



— Às vêzes eu me pergunto onde diabo se meteram os ursos dêste bosque...



— E' a sua marcha preferida...



— Nada de especial. A mesma aborrecida reunião de sempre da Junta Diretora...



— Ora, Gaspar, pare com essa mania de querer provar que você é mais inteligente do que êle.



SEM PALAVRAS



— Você não podia deixar para ver as tatuagens noutra hora?



SEM PALAVRAS

MARIA

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Efrain, filho de rico fazendeiro do interior da Colômbia, deixara a família para internar-se num educandário de Bogotá. Além das lágrimas de saudade dos pais e irmãos, Maria, irmã de criação, muito sentira com a partida de Efrain. Anos depois, já rapaz, volta à fazenda e se surpreende com a beleza de Maria, a quem ama profundamente. Maria também sente por êle o mesmo afeto. Efrain sugere ao pai ficar definitivamente na fazenda, para ajudar nos trabalhos; mas o velho não concorda e acha que o filho deve viajar para a Europa onde iria aperfeiçoar-se em medicina.

VIII

NA primeira noite Ema foi chamar-me batendo à minha porta, para que fôsse à mesa. Banhei o rosto para ocultar as marcas de minhas lágrimas, e mudei a roupa a fim de dissimular minha demora.

Maria não estava na sala de refeições, e em vão imaginei que suas ocupações a estivessem retendo por mais tempo do que o habitual. Notando meu pai um assento desocupado, perguntou por ela, e Ema a desculpou dizendo que, desde aquela tarde, estava Maria sentindo dor de cabeça e que já se recolhera ao leito. Procurei não mostrar-me impressionado e fazendo todo esfôrço para que a conversação fôsse bem animada, falei com entusiasmo sôbre tôdas as melhoras que havia encontrado em tôdas as propriedades rurais que acabávamos de percorrer. Mas tudo foi inútil. Meu pai estava mais fatigado que eu e se retirou cedo. Ema e minha mãe se levantaram para ir ver os meninos e saber como estava passando Maria, o que, intimamente lhes agradeci, sem que me surpreendesse o mesmo sentimento de afeto.

Embora Ema voltasse à sala de jantar, a sobremesa não durou muito tempo. Felipe e Eloísa, que me pediram para que eu tomasse parte em seu jôgo de cartas, viram que eu estava com sono. Felipe pediu inùtilmente, a minha mãe, que o deixasse ir comigo, no dia seguinte, à montanha, tendo-se retirado descontente com a negativa.

★

Meditando em meu quarto, cri adivinhar nos sofrimentos de Maria. Recordei como se havia ausentado do salão depois de minha chegada, e como a impressão que me deixou a inflexão confidencial dela, foi motivo para certificar-me da falta de tino, própria de quem está reprimindo uma emoção. Conhecendo já a origem de suas mágoas, teria dado mil vidas para obter um perdão seu; mas a dúvida veio agravar a turbação de meu espírito. Duvidei do amor de Maria. Por que, pensava eu, se esforça meu coração em pensar que ela está a sofrer êste mesmo martírio? Considerei-me indigno de possuir tanta beleza, tanta inocência. Envergonhei-me dêsse orgulho que me havia ofuscado até ao ponto de crer-me objeto de seu amor, sendo apenas merecedor de seu carinho de irmã. Naquela tortura, pensei, com menos terror, quase com prazer, em minha próxima viagem.

IX

Levantei-me no dia seguinte, quando amanhecia. Os resplendores que delineavam lá no oriente as cimas da cordilheira central, douravam em semi-círculo sôbre ela algumas nuvens ligeiras que se separavam umas das outras, para afastar-se e desaparecer.

Os verdes pampas e a selva do vale se apresentavam como através de vidro azulado, e em meio delas



Romance de JORGE ISAACS

algumas cabanas brancas; fumaradas de montes recém-queimados elevando-se em espiral e algumas voltas do rio eram vistas de onde eu estava. A cordilheira do ocidente, com os seus contrafortes formando seios e pregas, semelhava mantos de veludo azul escuro suspensos do alto por mãos de gênios ocultos pelas névoas. Em frente de minha janela, as roseiras e as folhagens das árvores do pomar pareciam temer as primeiras brisas que vinham derramar o rocio que brilhava nos ramos e nas flores. Tudo me parecia triste. Apanhei a espingarda, fiz um gesto de carinho a Mayo, que, sentado sôbre as patas traseiras me olhava fixamente com a maior atenção como se aguardasse a primeira ordem, tomei o caminho da montanha. No seio da floresta havia frescura agradável e as árvores se agitavam ligeiramente sob as carícias das últimas auras da noite. As garças abandonavam seus pousos e formavam nos vôos linhas ondulantes prateando ao sol como fitas abandonadas ao capricho do vento. Bandos de papagaios em revoada álacre se dirigiam aos milharais vizinhos, enquanto as rolinhas foge-pagô saudavam o dia com o seu canto triste e monótono lá no coração da serra.

Desci à margem montanhosa do rio, pelo mesmo caminho por onde andara tantas vêzes, seis anos antes.

O ruído de seu caudal ia aumentando e pouco depois descobri a corrente impetuosa a precipitar-se nos saltos, convertida em espumas ferventes, cristalinas e plácidas nos remansos, a rodar sempre sôbre um leito de penhascos afelpados de musgos, orlado nas margens por caniços de caules amarelos e outras plantas aquáticas de sedosas plumagens ou de folhagem côr de púrpura.

Detive-me à metade da ponte rústica formada por corpulento cedro tombado pela violência de um furacão, o mesmo tronco por onde passara eu tantas vêzes noutros tempos. Floridas parasitas derramavam-se aos meus pés, com suas flores azuis e espalhavam-se do lôdo das margens até às ondas, a cujo movimento se mexiam. Exuberante vegetação formava, por vêzes, uma abóbada sôbre o rio, deixando filtrar-se através dela os raios do sol nascente, como pelo teto de templo indiano decadente e abandonado. Mayo uivou acobardado na margem que eu acabava de deixar, e, estimulado pelos meus convites, resolveu passar pela ponte improvisada, tomando em seguida, antes que eu, o caminho que levava ao sítio do velho José, a quem ia eu pagar, naquela manhã, a visita que me fizera quando cheguei à fazenda de meu pai.

Depois de uma encosta íngreme e selvagem, atravesse, a saltos montículos de galhadas ressequidas de árvores derrubadas pelo montanhês, chegando a uma horta semeada de legumes, de onde divisei a casita situada em meio de colinas verdes, que eu deixara entre bosques por mil julgados indestrutíveis. As vacas, belas pelo tamanho e côr, urravam à porta do curral chamando por seus filhos. Aves domésticas em alvorôço recebiam a ração matinal. Nas palmeiras vizinhas, respeitadas pelo machado dos lenhadores, mexiam-se os verdilhões inquietos em seus ninhos pendentes, e no meio de tão grata balbúrdia, ouvia-se, por vêzes, o grito agudo do espanta-passarinho, que, desde sua choça até os aceiros das roças, espantava os periquitos famélicos a esvoaçar pelo milharal, arremessando pedras com a funda.

Os cães do lavrador deram aviso de minha chegada, com os seus latidos. Mayo, temendo ser atacado, acercou-se de mim, mofino, como a pedir proteção. José saiu para receber-me, o machado em uma mão e o chapéu na outra.

A pequena vivenda denunciava trabalho, economia e limpeza. Tudo era rústico, mas estava cômodamente disposto e cada coisa em seu lugar. A sala perfeitamente varrida, com bancos em redor cobertos de esteiras de junco e peles de urso, algumas estampas de papel representando santos coloridos, prêsas às paredes por espinhos de laranjeira, tinha à direita e à esquerda a alcova da mulher de José e a das moças suas filhas. A cozinha, com paredes de bambu fino, com teto de fôlhas da mesma planta, estava separada da casa por pequena horta, onde a salsa, a macela, o poejo e o manjericão misturavam seus aromas.

As mulheres pareciam vestidas com mais esmêro que de ordinário. As moças, Luzia e Trânsito vestiam anáguas de saraça côr de amora e camisas muito brancas com golas de encaixe, debruadas com trancelim negro, sob as quais ocultavam parte de seus rosários, e colar de contas de vidro da côr de opala. As tranças de seus cabelos, grossas e negras como azeviche, oscilavam sôbre as espáduas ao mais leve movimento de seus pés desnudos, muito bem cuidados e inquietos. Falavam-me com extrema timidez, e seu pai, notando isso, as animou, dizendo: «Acaso não é o mesmo menino Efrain, apenas porque vem do colégio instruído e já rapaz?» Só então se tornaram mais joviais e risonhas. Uniam-nos, amistosamente, as recordações dos nossos folguedos infantis, poderosos na imaginação dos poetas e das mulheres. Com a velhice a fisionomia de José havia ganhado muito. Embora não usasse barba, sua face tinha algo de bíblico, como quase tôdas de anciãos de bons costumes do país onde nasceu. Uma cabeleira encanecida e vasta lhe sombreava a fronte ampla e tostada de sol. O seu sorriso revelava tranqüilidade de espírito. Luíza, sua mulher, mais feliz do que êle na luta com os anos, conservava no vestir algo da maneira antioquenha, e sua constante jovialidade deixava compreender que estava satisfeita com a sua sorte.

José me conduziu ao rio e me falou de suas plantações, roças e vida campestre, enquanto eu mergulhava no remanso diáfano no qual se lançavam as águas formando pequena cascata. Ao nosso regresso encontramos servido na única mesa da casa o apetitoso almôço. Figurava o milho por todos os lugares: na sopa em pratos de louça vidrada e em louras empadas espalhadas sôbre a toalha. O único talher da refeição estava cruzado sôbre meu prato branco debruado de azul.

Mayo se sentou a meus pés com olhar atento, porém mais humilde que de costume.

José remendava uma tarrafa enquanto suas filhas, atenciosas, porém acanhadas, iam-me servindo gentilmente, procurando adivinhar em meus olhos o que me estava faltando. Notei que muito haviam mudado, e, de meninas espevitadas que eram, se haviam tornado em moças envelhecidas, sem o viço da feminilidade.

Sorvido o copo de espêsso e espumoso leite, sobremesa daquele almôço patriarcal, José e eu saímos a percorrer a horta e o roçado que estava safrejando. Ficou admirado dos meus conhecimentos teóricos sôbre semeadura e volvemos a casa uma hora depois a fim de despedir-me das moças e da mulher.

Como lembrança minha, pus à cintura do velho um bonito facão de mato que trouxera da capital; às mãos de Trânsito e Luzia, preciosos rosários, e a Luíza ofereci um relicário que ela havia encomendado a minha mãe. Tomei a volta da montanha quando era meio-dia a pino, conforme observação que José fizera no sol.

X

Em meu regresso, que fiz lentamente, a imagem de Maria voltou a fixar-se em minha memória. Aquelas solidões, os silenciosos bosques, flores, águas e aves, por que me falavam dela? Que havia ali de Maria? Nas sombras úmidas, na brisa que movia as folhagens, no rumor do rio... Era que eu via o Éden mas faltava ela; era que não podia deixar de amá-la, mesmo que não me amasse. E aspirava o perfume do buquê de açucenas silvestres que as filhas de José haviam feito para mim pensando eu que, talvez, merecessem ser tocadas pelos lábios de Maria. E assim se debilitaram em poucas horas meus pensamentos da noite.

Apenas cheguei a casa me dirigi à sala de costura de minha mãe. Maria estava com ela. Minhas irmãs haviam ido ao banho. Depois de corresponder à minha saudação, Maria voltou a baixar os olhos sôbre a costura. Minha mãe ficou alegre com a minha volta, pois, preocupados com a minha demora, haviam mandado procurar-me naquele momento. Conversei sôbre os progressos de José, enquanto Mayo catava com a língua os carrapichos e outras bardanas selvagens que se haviam pregado às minhas calças.

Levantou Maria outra vez os olhos fixando-os no florimolho de açucenas que eu tinha na mão esquerda, enquanto me apoiava com a direita na espingarda. Acreditei que as desejava; mas um temor indefinível, certo respeito a minha mãe e aos meus pensamentos daquela noite me impediram de oferecê-las. Mas me deleitava ao imaginar quão bela ficaria uma de minhas açucenas sôbre seus cabelos de côr castanho luzente. Para ela deviam ser, porque havia colhido pela manhã flores de laranjeira e violetas para o floreiro de minha mesa. Quando entrei em meu quarto não vi uma flor ali. Se houvesse encontrado sôbre a mesa uma serpente enrolada não teria eu sentido emoção igual a que me ocasionou a ausência das flores. Seu perfume havia chegado a ser algo do espírito de Maria, que vagava ao redor de mim nas horas de estudo, impregnando de fragrâncias as cortinas de meu leito durante a noite...

Ah! Era então verdade que não me amava! Como havia podido enganar-me tanto a imaginação visionária! E dêsse ramo que trouxera para ela, que podia fazer? Se outra mulher bela e sedutora houvesse estado ali naquele instante, naquele momento de ressentimento contra Maria, a ela o teria dado sob a condição de que o mostrasse a todos e se embelezasse com êle. Levei-o a meus lábios como para despedir-me pela última vez de uma ilusão querida e o arremessei pela janela. **(Continua no próximo número)**

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMÓN

NOITES DE GALA





EDITH SMALL (1) a frente da saia e o corpo em tafetá. Babados atrás, em "tulle" de "nylon", debruado com fita acetinada. BALMAIN (2) em veludo turquêsa, bordado com prata e pedrarias. MAGGY ROUFF (3) em "tulle" branco, bordado com lantejoulas e miçangas





PARIS — julho de 1954 — (De *Monique Renaux* — correspondente exclusiva da "Revista da Semana", na Europa).

● O verão parisiense está no auge, porém os costureiros já fizeram desfilar suas criações para a temporada elegante do outono europeu. A apresentação de ricos vestidos de noite fêz-me lembrar que no Rio se inicia agora a Temporada Lírica, que nada fica a dever em elegância e luxo às dos melhores teatros europeus. Todos êles, Balmain, Maggy Rouff, Worth, Fath, se esmeraram na apresentação dos modelos de gala, e, assim, não foi difícil a escolha de algumas criações para as numerosas leitoras da «Revista da Semana».



conversa de mulher

UM POUCO DE BELEZA

Mãos e braços

● *Se suas mãos são macias e as unhas bem cuidadas, você se apresenta naturalmente com mais confiança em si mesma, o que é a base da verdadeira elegância. Por isso, procure passar nas mãos um pouco de loção apropriada, tôdas as vêzes que lavá-las. Se trabalha em escritório, tenha um vidrinho de loção em sua gaveta; se trabalha em casa, tenha-o em sua cozinha.*

O creme forma uma camada que protege as mãos, porém, para trabalhos que muito as afete, calce luvas de borracha, ou grossas, de algodão. Para mãos excessivamente ressecadas ou ásperas, u'a massagem com óleo mineral é aconselhada. Esfregue-as com o óleo, uma com a outra. Depois massageie até os cotovelos.

Para branquear, porém, nada há que se compare ao limão, apesar de existirem muitos cremes de branquear especialmente preparados para as mãos e braços. E já que estamos falando em braços, o mesmo tratamento indicado para as mãos se recomenda para êles. Cotovelos encardidos e ásperos, ficarão lisos e claros com o uso sistemático da pedra-pomes, passada com espuma de sabão, na hora do banho diário.

★

AS PULSEIRAS tornam os braços mais bonitos. Porém as pulseiras largas, são elegantes apenas nos braços bem torneados e de punhos finos.

AS MANGAS ESTREITAS ficam bem para qualquer tipo de braços, desde que não sejam demasiadamente grossos.

BAIRRO DE POBRE



● Quando cheguei à sala de espera do Instituto as duas senhoras puxavam conversa. Estavam bem no início. Foi a loura quem começara, perguntando à morena:

— A senhora também é gaúcha?

— Não... sou pernambucana.

— ... e já estêve no Sul?

— Não, ainda não...

— Pois eu sou de lá, de Bagé. Não imagina como é belo o meu Rio Grande! Tenho umas saudades! Do verde dos pampas que faz bem ao coração! Vou lá uma vez por ano, viajo uma semana de trem na ida, e outra na volta. Mas vou só para ver o verde sem fim... O gaúcho vem pr'o Rio, mas fica sempre com a alma na «querência»...

— ... e a senhora vai voltar? Não veio aqui pedir financiamento para casa própria, como eu?

— Infelizmente meu marido é funcionário público, e tem que ficar por aqui mesmo. Por isso, decidi pedir um financiamento ao Instituto, para um apartamento em Copacabana. A vida está tão cara, e a gente paga em Cascadura um aluguel absurdo!

— Mas... em Copacabana...

— ... em Copacabana vive-se com muito menos dinheiro.

— ???

— Tenho uma irmã que mora lá! Veja se não é assim! Em Cascadura, eu e meu marido gastamos um dinheirão com cinema e teatro, pois não temos outro divertimento. Uma vez por semana, teatro na cidade; duas vêzes por semana, cinema na Cinelândia. E a condução? E os vestidos? Teatro na cidade exige vestido tualete, não é? Não, minha senhora, a vida em Cascadura, para uma pessoa como eu, de boa família, é muito dispendiosa. A gente precisa se distrair e não tem outro jeito senão gastando. Vai à cidade e é um dinheirão que se consome! Em Copacabana...

— ... e em Copacabana, então!?

— ... a vida é muito mais fácil!...

— ???

— De dia, a gente tem a praia. Quando vou à casa de minha irmã passo as manhãs na areia. Como é gostoso aquêle solzinho que não custa dinheiro! E o azul do mar quase me lembra o verde do meu Rio Grande...

— E as roupas?

— Primeiro de tudo, em Copacabana não precisarei de vestidos para teatro. Não, não iremos mais ao teatro. Cinema vai ser só uma vez por semana. Nas outras noites, eu e meu marido vamos passear na calçada da praia, de mãos dadas, sentar no banco, tomar o ar do mar... Faremos uma economia grande, não acha? A roupa que se veste em Copacabana, minha senhora, custa muito menos que a de Cascadura. De manhã roupa de banho em tecido de algodão — tenho um molde ótimo! — e «short», que também sei fazer. À tarde e à noite calça «boquinha» com blusa ou suéter, para passear na praia, ir ao cinema, e até ao teatro, quando formos. Vai ser uma economia! Com o que meu marido ganha, só mesmo em Copacabana! A senhora sabe, quem é pobre!...

O contínuo interrompeu a conversa da gaúcha loura, chamando o seu nome para ser atendida pelo diretor... A pernambucana ficou sòzinha, muito impressionada... e pensando em, pròvàvelmente, trocar o financiamento pedido para o Meier por outro na superlotada Copacabana...

Week-end na Cozinha

● Eis uma idéia excelente para variar o prato de arroz — indispensável diàriamente, em nossa mesa brasileira. Desta vez, o gostoso cereal é servido em forma de bolinhos, recheados com carne. E' um conjunto nutritivo e que faz água na bôca de qualquer amante do bom paladar. Prepare primeiro o arroz, bem cozido, conforme está acostumada a fazê-lo.

Depois, derreta duas colheres das de sopa de manteiga numa frigideira. Frija aí a carne, cortada em fatias regulares, até que fique bem tostada. Ponha na frigideira fatia por fatia, passando-as na manteiga com um garfo. Tempere o caldo que restar na frigideira (precisando, ponha um pouquinho d'água) com sal, pimenta e cebola e torna a passar os bifes mais uma vez.

Em forminhas individuais muito bem untadas, ponha um pouco de arroz (até a metade, mais ou menos). Sôbre o arroz, arrume uma fatia de bife. Aperte firmemente. Sôbre o bife, espalhe uma colher das de sopa de «catsup». Termine de encher a forminha com arroz, tendo o cuidado de apertar tudo bem. no final. Espalhe por cima mais um pouquinho de manteiga.

Asse em forno moderado, perto de meia-hora. Desenforme numa travessa quente. Sirva bem quente, com um bom môlho de aspargos ou de «petit-pois» por cima.



*

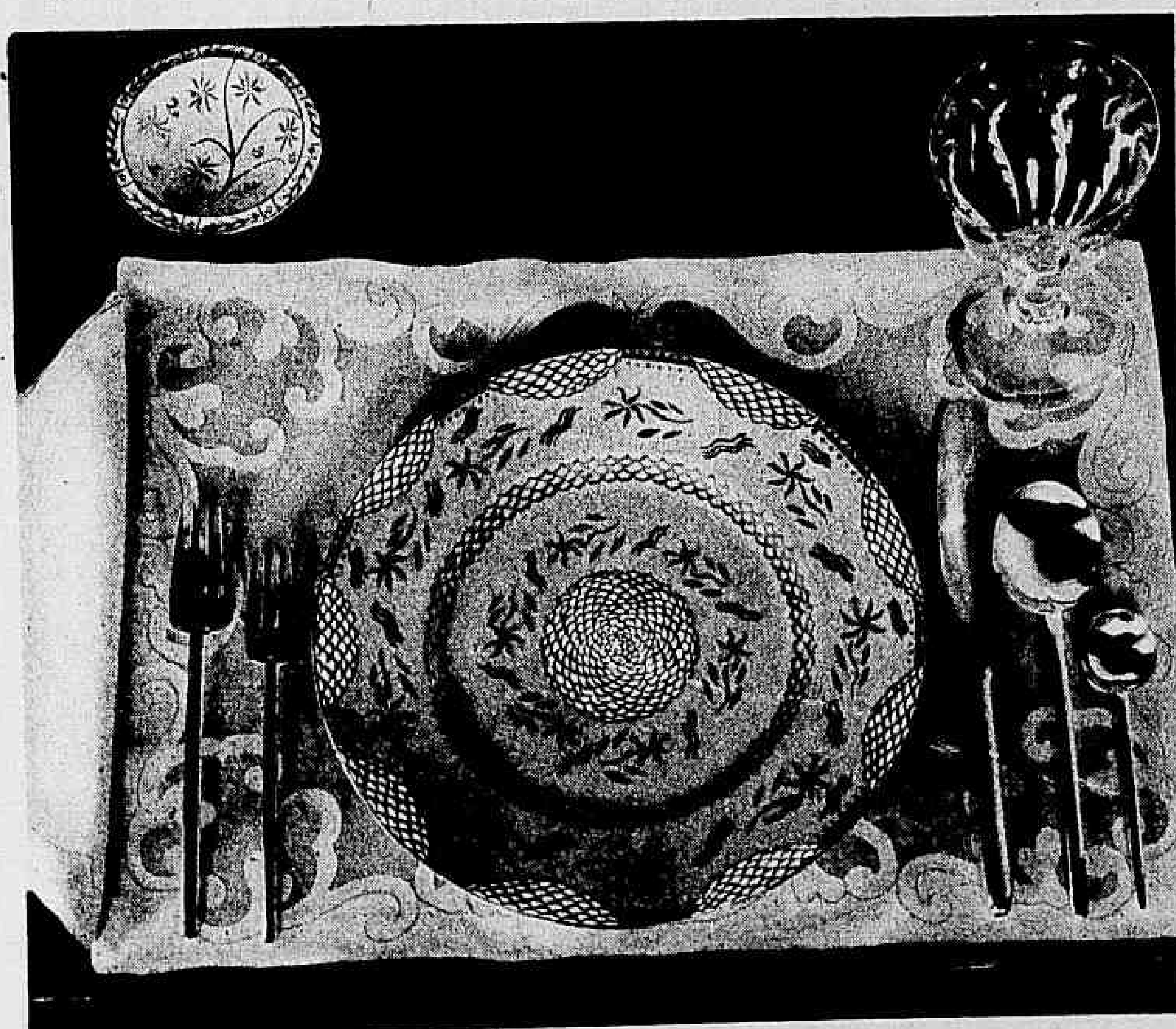
Provàvelmente, você estará imaginando como se prepara o **môlho de «petit-pois»**. E' muito fácil:

Numa frigideira, derreta 4 colheres das de sopa de manteiga. Junte 4 colheres das de sopa de farinha de trigo, peneirada. Misture com uma colher de pau. Acrescente 2 xícaras de leite — mexendo sempre com a colher de pau, até que o môlho comece a engrossar. Tempere com sal e pimenta. Ponha duas xícaras de «petit-pois» já cozidos. Espalhe logo em seguida sôbre os bolinhos de arroz com carne.

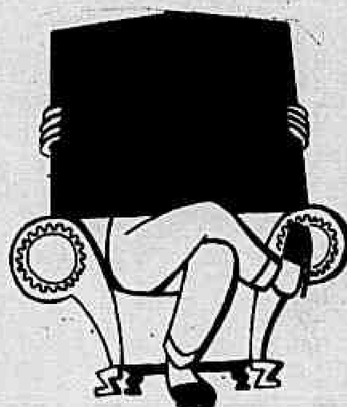


Uma variação dêsse môlho de «petit-pois», muito saborosa, aliás, se obtém acrescentando ao môlho, junto com o leite, uma xícara de queijo parmesão ralado.

Experimente de uma forma e de outra, ambas são deliciosas!



Sugestão para o lar



● Com a dificuldade sempre crescente dos dias que correm, a vida vai se simplificando em cada um de seus detalhes. E' por isso que o jôgo americano para a mesa de refeições vem se tornando regra geral... Composto de peças pequeninas, fáceis de se conservarem sempre limpas e passadinhas, possibilita, além disso, uma arrumação graciosa da mesa, deixando aparecer o tampo pintado ou envernizado, em tonalidades modernas. Na ilustração, um bonito exemplo de jôgo americano, mostrando como devem ser dispostos os talheres e o copo: sôbre a toalha. O desenho com aplicações em ponto Paris, sôbre organdi de algodão, realça o prato, caprichosa cerâmica pintada a mão.



TOURNÉE DA O. S. B. AO NORTE DO BRASIL

RECIFE — Em avião do LÓIDE AÉREO, chega a Recife o maestro ELEAZAR DE CARVALHO e a Orquestra Sinfônica Brasileira, a fim de apresentar quatro concertos sinfônicos. Os três primeiros foram realizados no Teatro Santa Izabel, sendo o terceiro para a Juventude; o quarto, concêrto público, patrocinado pelo LÓIDE AÉREO, realizou-se no Esporte Clube, numa homenagem oferecida pela O.S.B. e pelo LÓIDE AÉREO à passagem do III Centenário da Restauração da cidade do Recife.

A TORRE EIFFEL

domina Paris e
domina no Rio de Janeiro
a moda para cavalheiros.

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO DE ARTIGOS PARA

INVERNO — SPORT e VERÃO

97—OUVIDOR—99

DIRETORES DE CENA

BRUTUS PEDREIRA

● Das quatro peças encenadas pela Dramática Nacional, duas: «Senhora dos Afogados» e «Lampião» foram dirigidas por Bibi Ferreira; «As Casadas Solteiras», por José Maria Monteiro, e «A Cidade Assassinada», por Mário Brasini, até surgirem desentendimentos que o afastaram da direção, na qual Ribeiro Fortes o substituiu. Essa temporada foi mais um exemplo evidente de que diretores de cena não se fazem, apenas, com intuição. Estudo, e muito, é imprescindível aos candidatos ao cargo, para formarem a base teórica em que firmarão sua prática e que lhes poupará tropeções, incertezas e erros clamorosos. Enquanto as peças se enquadram no gênero realista, inteligência e bom gôsto podem suprir, até certo ponto, no diretor sem formação escolástica, a falta de estudo. Exemplos: «A Herdeira», òtimamente dirigida e interpretada por Bibi Ferreira; a direção de José Maria Monteiro, em «A Rainha do Ferro Velho» e algumas comédias postas em cena por Mário Brasini. Mas, assim que as peças fogem ao cotidiano, começam os percalços. Foi o que se deu com «Senhora dos Afogados», tragédia que nada tem de ver com o realismo, e de tratamento difícil, quer pelo conteúdo, quer pela forma. Nada me surpreendeu, portanto, verificar na direção de Bibi Ferreira falta absoluta de estrutura e de unidade formal. A disparidade de estilos empregados na condução do côro e dos personagens foi menos de estranhar que a existente nas linhas dos personagens, em si mesmos. Momentos houve em que realismo, expressionismo, simbolismo e o próprio naturalismo, de mãos dadas, geraram a confusão total, acarretando o desequilíbrio da representação e rompendo a comunicabilidade que o texto poderia estabelecer, com intensidade, pois qualidades tem, para isso. Outro ponto difícil de admitir, por falso e de meu gôsto, foi a declamação de alguns personagens. Sônia Oiticica, atriz tão interessante, na cena do espelho da «Senhora dos Afogados», adotou um tom oratório de vereador em desespêro de causa, que só encontrou digno correspondente na ênfase com que Celme Silva disse as mais insignificantes falas de seu papel, nos últimos quadros de «Lampião». Quanto a «As Casadas Solteiras», José Maria Monteiro vislumbrou, no magro texto de Martins Pena, laivos de Marivaux, e como procurasse dar às personagens o «tom da época», resultou, com as femininas, o que era de esperar: as pobres moças mais pareceram três débeis mentais, de riso frouxo, a rodopiar pela cena, com passinhos de musmês aflitas. Em «A Cidade Assassinada», a direção de ordem compósita que lhe coube não permitiu diferenciar a contribuição de Brasini da de Ribeiro Fortes. Também, nada de extraordinário apresentou. O fato de eu trazer à tona êsses traços negativos das direções não implica na ausência de alguns momentos bons, que os houve, nas quatro peças. Faço-o a fim de chamar a atenção de quem de direito para êsses diretores, que são jovens, têm talento, querem acertar e são honestos, em suas limitações. Se não voam mais alto, é porque não têm com que. Dêem-lhes asas. Facilitem-lhes a freqüência, no estrangeiro, de escolas que aqui não temos. Só assim poderemos contar com diretores conscientes de seu ofício e preparados para exercê-lo.



Na primeira quinzena de setembro, MARIA DELLA COSTA inaugurará, em São Paulo, o teatro que leva seu nome. A peça de estréia será «O Canto da Cotovia», de Anouilh, na direção de Gianni Ratto. Oportunamente, daremos notícia do teatro e da programação escolhida.

PIANISTAS E CRÍTICOS

Em declínio a «febre» Gulda, aproveitemos a calmaria para conversar sôbre Demus, Firkusny, Éricourt, Marie-Thèrese Fourneau e a repercussão de seus concertos em certas colunas da crítica indígena. Não me desagradam os entusiasmos do tipo do que Gulda despertou entre nós. Acho-os ótimos, mesmo em seu exagêro. São sintomas de vitalidade, preferíveis, sejam quais forem, à pasmaceira que, não raro, se apodera do público. O que me pareceu grave e fora de propósito, no caso Gulda, foi o fato de parte da crítica haver-se deixado contaminar pela histeria coletiva, em vez de manter-se em sua função reguladora, reduzindo os entusiasmos a seus devidos têrmos, esclarecendo, pondo os pingos nos ii, enfim. O que se viu foi o contrário. Os citados críticos entraram na dança e, arvorando Gulda em padrão, arrasaram Demus, Éricourt e Marie-Thèrese Fourneau. Se Firkusny escapou da razia, deve-o, sem dúvida, a ter sido, também, coqueluche, há poucos anos. A injusta atitude da crítica, diante dos pianistas a que me refiro, não deixa de ter seu lado cômico. A intransigência e a severidade com que os julgaram lembram-me o juízo crítico, tão curioso, dos adolescentes que acabam de descobrir o mundo; no mundo, uma arte e, nessa arte, um artista que os seduz e lhes tira a visão de tudo o que não seja êle próprio. Tal aconteceu comigo e com todos aquêles cuja sensibilidade foi atingida por determinada forma de expressão artística. O tempo andando e a idade aumentando, essa intransigência abranda-se, diante da melancólica verificação de que nada há perfeito, em sua totalidade, nem inteiramente ruim. Chegados a êsse ponto, a tolerância nos abre maior campo de prazeres estéticos, nosso senso crítico se torna mais flexível e passamos a amar obras e intérpretes pelas correspondências que em nós despertam, pelas qualidades que nêles encontramos, a par de seus defeitos. E como já deixei para atrás a etapa em que a forma importa mais, às vêzes, que o conteúdo, não é de admirar que prefira Demus a Gulda, como intérprete, por dar-me, o primeiro, o que no segundo não encontrei: procura mais evidente em apreender o conteúdo das obras que em resolver-lhe os problemas técnicos. Reitero o que já disse: considero Gulda o maior fenômeno pianístico da nova geração, em matéria de técnica. Prevejo-lhe um futuro excepcional. Talvez seja o sucessor de Horowitz, não duvido. Mas, por enquanto, causa-me admiração; não me comove. A virulência com que, por causa dêle, desancaram Demus, Éricourt e Marie-Therèse Fourneau, de início irritou-me; depois, fêz-me rir, pelo partidarismo preconcebido e injusto que encerra. Demus e Marie-Therèse Fourneau merecem respeito, pelo valor que têm e o muito que prometem; Éricourt, pelo que já é. Houve quem visse, em Demus, aspereza de «toucher» que não lhe notei. Ao contrário: lembrou-me, às vêzes, um de seus últimos mestres, Gieseking, que tão belos prognósticos lhe fêz. Quanto a Éricourt e a Marie-Therèse Fourneau, o inconfundível toque dos pianistas de escola francesa, a dignidade e a finura com que interpretaram clássicos e contemporâneos justificaram, plenamente, os aplausos que receberam e os muitos bis pedidos e concedidos. Portanto, agradeçamos a Gulda, a Demus, a Firkusny, a Éricourt e a Marie-Therèse Fourneau o que de belo nos trouxeram; louvemos-lhes as qualidades, que diferem, de uns para outros e, quanto às imperfeições, desculpemo-las, em atenção a que, com um pouco de boa vontade, também as encontraremos naqueles que julgamos maiores, entre os maiores. E esperemos, dos críticos que tão evidentes provas deram de jovialidade e desmedido entusiasmo, atitude mais de acôrdo com suas funções. Cabe-lhes cultivar a capacidade de admiração do público, mas disciplinando-a, orientando-a, cerceando-lhe os excessos, educando-a. O público é, sempre, criança grande. E quem, em sã consciência, teria coragem de enganar uma criança e iniciá-la na injustiça?



SEQUEIRA COSTA

Pianista português, discípulo de Edwin Fischer e de Marguerite Long. Considerado como um dos intérpretes de primeira linha da nova geração.



PUGILATO LEGISLATIVO

Foi em Tóquio, na quinzena passada. Três senhoras pertencentes ao partido socialista, com cadeiras no parlamento japonês, protestavam contra uma determinada lei. Houve confusão. Gente da direita começou a dizer desaforos à gente da esquerda. O resultado foi o da fotografia acima. Chegou a polícia — e tudo piorou. A sessão foi suspensa por 3 dias.



Por êsse Mundo de Deus

CHAMPANHA NA BICA

Porque tivesse ganho, nos últimos vinte anos, milhões e milhões no negócio do petróleo, o milionário Ray Gilliland resolveu dar «a maior festa de Hollywood». Novidade maior da esbórnia: a champanha era servida em torneira, numa fonte de gêlo. Na foto, a dita fonte, o milionário, a senhora dêle e mais a ex-atriz de cinema Eva Gabor, irmã da «estrêla» Zsa Zsa.





VIZINHOS NO RIO, CASADOS EM LONDRES

Nome dêle: Derek Tirkell Weathley, locutor brasileiro da BBC de Londres. Ela: Selina Ribeiro (18 anos), artista de «ballet». Foram vizinhos aqui no Rio 12 anos. Mas só se conheceram em Londres. E casaram.

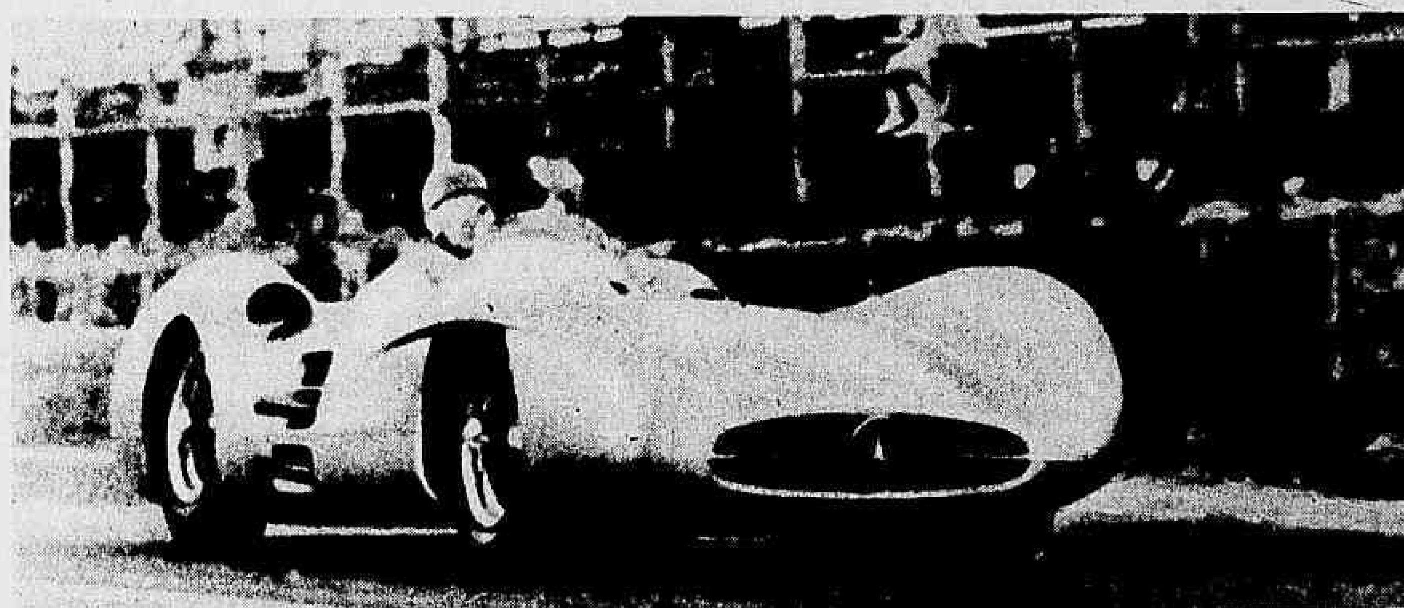
DICK NOVAMENTE COMPLICADO

Dick Haymes (na foto, em Lake Tahoe, Nevada, ao lado de Rita Hayworth) está novamente envolto com uma ordem de prisão. E o motivo: Dick está em atraso no pagamento da pensão alimentícia que é obrigado a dar aos seus filhos e às duas espôsas dos matrimônios anteriores.



JÁ SE ESBOFETEARAM MÙTUAMENTE

Há quinze anos que os dois — Max Schmel ling e Joe Louis — não se encontravam. Os dois se viram pela última vez naquele sensacional «match» em que Louis pôs o alemão «knock-out» logo no primeiro «round». E isso apesar de um telegrama do «fuehrer» mandando que Max ganhasse de qualquer maneira.





FANGIO, DONO DA VELOCIDADE

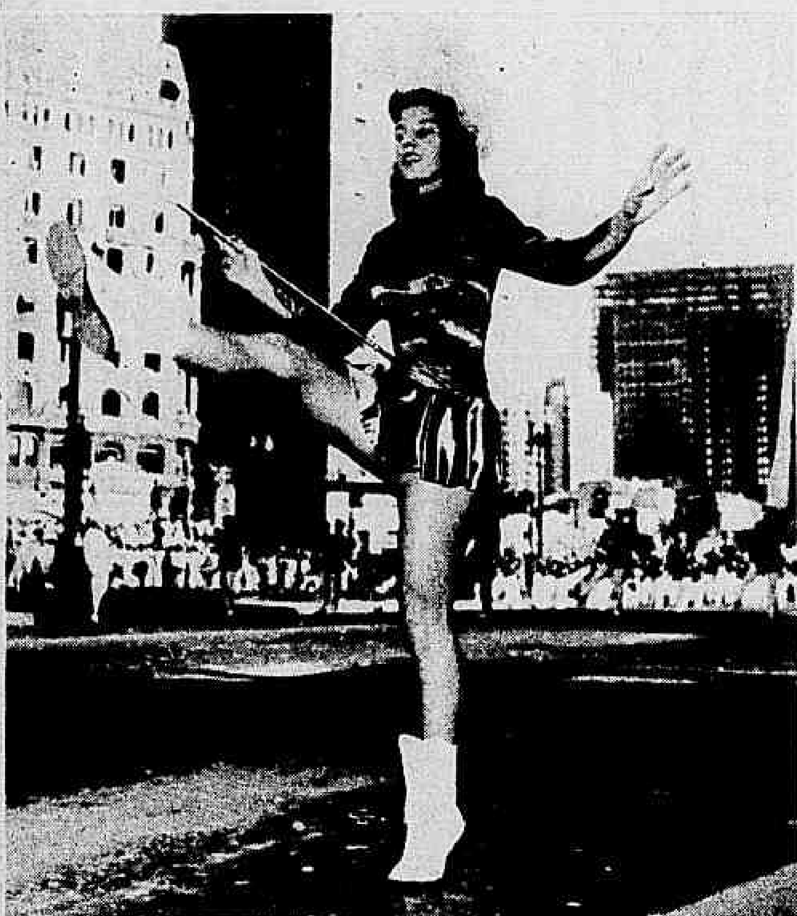
Em sua nova «Mercedes-Benz», o «ás» do volante argentino, Juan Manuel Fângio, bate o «record» na pista de Gheux e levanta o «Grande Prêmio do Automóvel Club da França». O instantâneo é o da sua chegada a meta final.

Lembrai-vos do

9 DE JULHO

SÃO PAULO INTEIRO VIBROU, NOS LARES E NAS RUAS, COM AS COMEMORAÇÕES DO 22º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO PAULISTA.

Fotos de JACK PIRES



A GRAÇA DA BALIZA abriu alas sob o aplauso da multidão. O 9 de julho em S. Paulo foi mais que uma festa cívica. Foi S. Paulo de pé!

A atual situação política nacional, inquietante e confusa, fêz do 22º aniversário da Revolução Constitucionalista de São Paulo um verdadeiro acontecimento popular, uma demonstração de fôrça das correntes democráticas que não consentirão de forma alguma na modificação do «statu quo» político e social. O povo inteiro da capital de São Paulo estêve nas ruas. E a velha e heróica bandeira vermelha e preta, que em 32 desafiou tão impàvidamente os exércitos do govêrno de fato, desfraldou-se, mais sobranceira do que nunca, nos milhares de mastros comemorativos espalhados pela cidade e pelo Estado inteiros.

Durante dois dias seguidos, a imprensa, o rádio e até mesmo os carros alegóricos que desfilaram pelas ruas de São Paulo, reconstituíram tôda a formidável saga de 32: os batalhões de voluntários, a «campanha do ouro», a improvisação guerreira que tomou conta de cada homem e de cada mulher de Piratininga, as hostes de bisonhos porém determinados recrutas que marchavam, ao som de hinos pátrióticos, para as trincheiras do norte e do sul -- tudo foi revidido, e dessa reminiscência festiva e brilhante vinha o calor de uma advertência que ninguém podia deixar de ouvir. Também os grandes mortos que, naquela época, tanto fizeram para a reconquista legal do país, foram recordados e enaltecidos — e, entre todos êles, o nome de Armando Sales d'Oliveira cresceu mais uma vez nas colunas dos jornais e, como as bandeiras e flâmulas, também se desfraldou nos estandartes e faixas que o povo carregou pelas ruas. Foi uma festa magnífica, uma grande festa — uma significativa e imponente demonstração de fervor democrático, uma festa da Liberdade e da Lei.

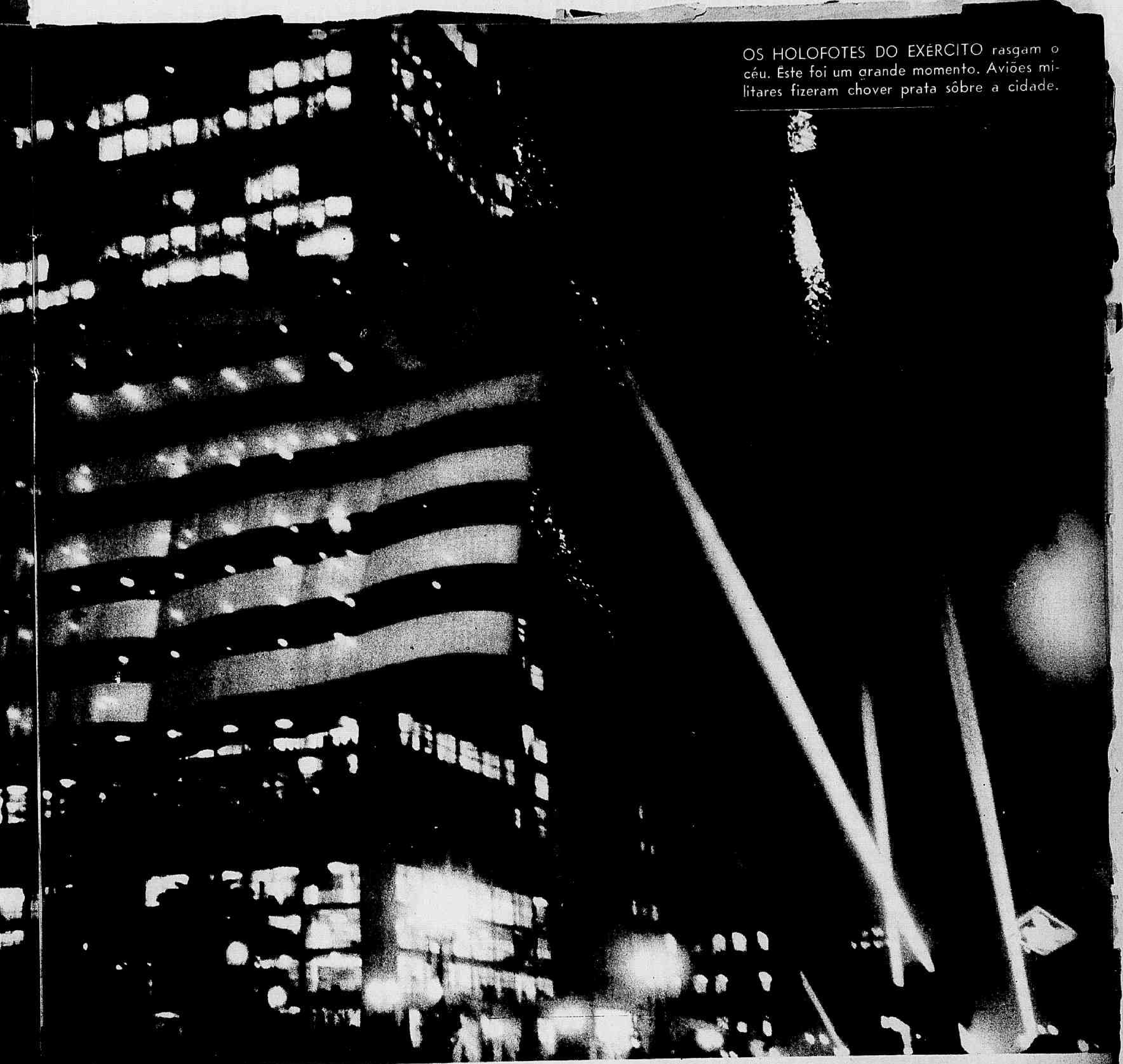


O VETERANO DO ANO DE 1932 desfila garboso ostentando a bandeira das treze listas. Cabeça erguida e peito arfante: São Paulo não perdeu!



MULHERES DE PIRATININGA emprestaram sua graça e sua beleza às festividades. Em 32 elas lutaram ombro a obro, com a soldadesca.





OS HOLOFOTES DO EXÉRCITO rasgam o céu. Êste foi um grande momento. Aviões militares fizeram chover prata sôbre a cidade.

O PAULISTA DE QUATROCENTOS ANOS, [illegible] do Braz e o negro de Ribeirão Preto, todos [illegible] comemorações do 9 de julho.



NO PACAEMBU, O CARNAVAL. Centenas de artistas circenses deleitaram crianças e marmanjões no Estádio do Pacaembu. S. Paulo delirou.





O cel. Gilberto Marinho examina verdadeira obra de arte.

INDÚSTRIA DE BIBELÔS ARTÍSTICOS DE PORCELANA

A firma Vieiras de Castro & Cia. Ltda. mantém, nesta capital, desde o ano de 1938, a fabricação de objetos de adôrno, que são verdadeiras jóias pelo sentido artístico de seus acabamentos. O **bibelot**, que nos vinha do estrangeiro, é hoje uma indústria genuinamente nacional, tendo na fábrica dos srs. Vieiras de Castro & Cia. Ltda. um dos seus mais renomados executores. Sob a direção de técnicos especializados, os operários trabalham num ambiente sadio, manuseando delicadas peças de arte e bom gôsto, das mais variadas concepções, nada se ficando a dever às melhores fábricas européias do gênero. Também da mesma emprêsa são as tintas **Tic-Tac**, obtidas por processos aperfeiçoadíssimos e garantia para quem as emprega. O renome dos produtos Vieiras de Castro & Cia. Ltda. excitou a curiosidade de altas figuras dos nossos meios bancários, sociais e industriais, realizando-se a visita do cel. Gilberto Marinho, drs. Gilberto Sinval Faria, Ademar Londres, Carlos Granado e srs. Gumercindo Dantas, Paulo Aguiar e Abílio Martins Reis, que percorreram as instalações da fábrica e examinaram atentamente os produtos da emprêsa visitante, manifestando tôda a sua admiração.

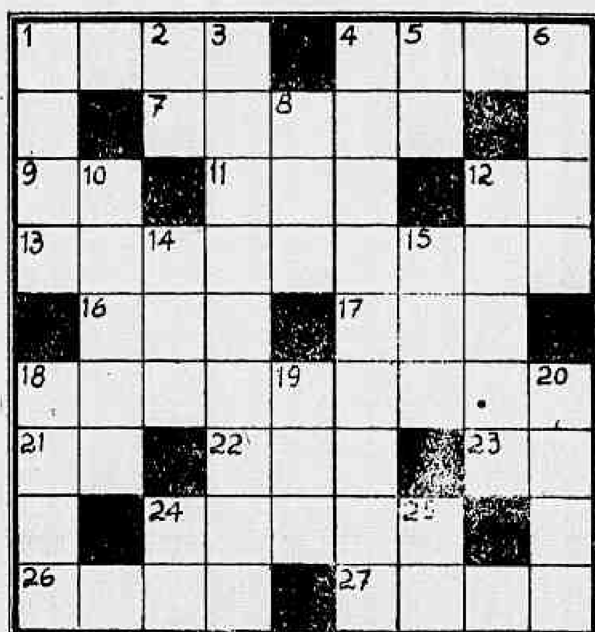


Os visitantes na sala de decoração de bibelôs.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 25

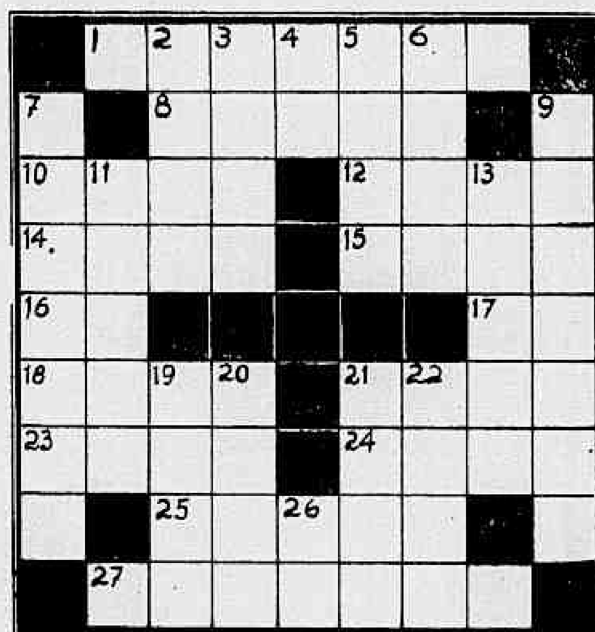
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Alimpadura do arroz — 4. Mau jogador — 7. Sentis grande frio — 9. Moeda chinesa de cobre ou estanho — 11. Partido — 12. Entre nós — 13. Depósito de água de chuva — 16. Certo número de coisas — 17. Cidade de Bulgária — 18. Abriria entalhe em travessa de linha férrea, para que o carril fique um tanto inclinado — 21. Pessoa notável — 22. Instrumento para encurvar as calhas das vias férreas — 23. Símbolo do ouro — 24. Fio tênue — 26. Jacaré grande — 27. Atreve-se.

Verticais: — 1. Ilha da Escócia, ao sul das Hébridas — 2. Distinção — 3. Tratado dos cogumelos — 4. Vaga-lume — 5. Corifeu — 6. Pregas — 8. Patriarca hebreu — 10. Palmeira da Amazônia (pl.) — 12. Corroía — 14. Lugar onde se feriram duas batalhas entre israelitas e filisteus — 15. Abundância — 18. Retorna ao estado normal — 19. Solteirona — 20. Ambiente psicológico de um acontecimento exterior — 24. Interjeição de espanto — 25. De outro modo.

PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. A côr do ouro — 8. Fragância — 10. Rosto — 12. Governantas — 14. Ímpio — 15. Plural de sal — 16. Basta! — 17. Símbolo químico do rádio — 18. Mau cheiro (pl.) — 21. Querer bem — 23. Concederá — 24. O mesmo que mirim — 25. Queimor; calor forte — 27. Atraiçoaras.

Verticais: — 2. Fluxo e refluxo das águas do mar — 3. Embarcação dos mares do Norte — 4. 17º letra do alfabeto grego — 5. Bebedeiras — 6. Lôdo — 7. Respeitado — 9. Lugar onde se guardam os ossos — 11. Investe — 13. Tomar ar — 19. Lavrar — 20. Cura — 21. Afeição profunda — 22. Alvo, fim — 26. Prefixo que significa duas vêzes, duplo.

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 24

PARA VETERANOS

Horizontais: — **acaiaca** — **amas** — **iota** — **mistérios** — **artes** — **Cap** — **Ir** — **ué** — **iod** — **afiar** — **abarcaras** — **rudo** — **nato** — **seitosa.**

Verticais: — **amir** — **castidade** — **aster** — **Air** — **coiceiras** — **atoa** — **amaciar** — **asperso** — **es** — **ufano** — **obus** — **ac** — **aatá** — **roi.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **casa** — **raso** — **ósseo** — **li** — **aos** — **lá** — **ama** — **ver** — **ira** — **dai** — **ata** — **ita** — **má** — **aca** — **or** — **arame** — **raro** — **amor.**

Verticais: — **cala** — **só** — **asa** — **rés** — **ao** — **orar** — **S.O.S.** — **imita** — **leito** — **ara** — **vai** — **amar** — **ôca** — **arar** — **aro** — **ama** — **ar** — **em.**

O HOMEM DA CAPA PRETA

OTTO SCHNEIDER



● Romance de «far-west» com profusão de tropelias e cheiro de pólvora, novela policial de Wallace ou Simenon, com cadáveres em cada esquina, é trabalho de principiante perto das «Memórias» do sr. Tenório Cavalcânti, conforme as narrou ao jornalista Arlindo Silva, e que acabam de ser reunidas, em livro de 256 páginas, pelas Edições «O Cruzeiro».

Longe de mim a intenção de pôr em dúvida as palavras do cavalheiro de capa preta: mas deveria bastar menos de um décimo das barbaridades perpetradas pelos homens maus do vizinho estado fluminense para que chovesse fogo e enxôfre sôbre Caxias e Niterói.

A referência inicial aos romances de «far-west» e a eletrizantes novelas de mistério não é fora de propósito: as «Memórias» do sr. Tenório Cavalcânti são leitura tão ou mais apaixonante do que aquêles, e com maior número de «suspenses» do que uma película seriada.

Sem dúvida, uma personalidade espetacular: com a mesma agilidade nos dedos, toca ao piano a «Valsa do Adeus», de Chopin, e maneja o gatilho da sua Lurdinha. Com a mesma naturalidade prostra a tiros da sua doirada 38 um seu adversário, e manda famílias necessitadas comprarem mantimentos no armazém, por conta dêle, Tenório. Narra suas proezas com detalhes que são de arrepiar, mas não esconde que correu algumas vêzes. Aos 47 anos, traz no corpo 47 marcas de balas, e cada cicatriz tem uma história espantosa.

Brigão, valente, e «gentleman». Mata quando é preciso, com tiro certeiro. Mas conhece as normas da etiquêta social e beija respeitosamente a mão das damas nas recepções. Dizem que, para os amigos, êle é um amigão. Para todos (afora os inimigos) tem requintes de polidez.

No capítulo final do livro, Tenório se revela advogado de extrema argúcia. Numa hora de apêrto, eu quisera tê-lo a defender a minha causa.

Um documento «sui generis» as «Memórias» de Natalício Tenório Cavalcânti de Albuquerque, quer sob o aspecto político, quer sociológico. Leitura apaixonante para quem gosta de emoções fortes.

EM POUCAS PALAVRAS

- «Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista», do gal. Euclides Figueiredo, está sendo lançado pela Ed. Martins.
- Morreu Costa Rêgo. Perde a imprensa brasileira um grande jornalista e um admirável escritor.
- Dinah Silveira de Queiroz, falando na Academia, declarou-se decididamente a favor do ingresso da mulher na Casa de Machado de Assis.
- Candidatos à vaga de Cláudio de Sousa: Oliveira e Silva, Pascoal Carlos Magno, Celso Kelly, Paulo Magalhães e Waldemar Berardinelli.
- «Volpone», famosa peça de Ben Jonson (comédia em 5 atos) foi traduzido por Newton Beleza e publicado pelo Serviço Nacional do Teatro.
- Pela Editôra Casa do Estudante do Brasil, J. Romão da Silva publicará um ensaio crítico-biográfico sôbre Luís Gama e suas poesias satíricas.
- Dois conhecidos romances de Lin Yutang em reedição: «Momento em Peking» e «Uma Fôlha na Tempestade». Editôra Nacional.
- Em reedição também «Rebeca — a Mulher Inesquecível», de Daphne Du Maurier. Trad. de Monteiro Lobato e Lígia Junqueira Smith. Editôra Nacional.
- Nas livrarias o 13º volume de «A Comédia Humana», de Balzac, com dois romances: «Os Camponeses» e «O Médico Rural»: Editôra Globo.
- Pela Gráfica Olímpica Editôra: «Santa Teresinha de Lisieux — Um Caminho Todo Novo», de M. M. Philipon, O. P. Tradução de Lydia Christina.

ALÔ, AUTORES NOVOS!

Excelente a idéia de se dar uma oportunidade aos autores novos que não têm editor! Ela surgiu quando, recentemente, num dos programas «Clube da Crítica» que Pascoal Longo apresenta tôdas as semanas na Rádio Ministério da Educação, se reuniram escritores novos do Distrito Federal. Vários autores conhecidos deram opinião favorável, e o movimento começou. Já surgiram até as primeiras vitórias. Dalton Xavier, diretor da editôra «A Noite», deu o seu apoio, prometendo publicar, periòdicamente, livros selecionados por uma comissão organizada pelos escritores novos. Simeão Leal, diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação, apoiando também a campanha, publicará um livro de autor novo por mês, numa série semelhante aos «Cadernos de Cultura». Assim, autores novos de livros inéditos de poesias, contos, ensaios, romances, poderão desde já enviar seus originais para os trabalhos de seleção (datilografados em 3 vias, espaço duplo). Endereço: «Clube da Crítica» — Rádio Ministério da Educação — P. da República, 141-A, D. Federal.

«O ÁTOMO»



A concepção do átomo provém do cientista grego Demócrito que, 400 anos antes de Cristo, formulara genialmente que todos os objetos visíveis se compunham de minúsculas partículas invisíveis, que êle supunha indivisíveis e, por isso, chamava de «átomos», pois êsse têrmo significa algo que não pode ser cortado. Hoje, a famosa «teoria atômica», de Demócrito, está tendo sua confirmação, embora o cientista grego se tenha equivocado num ponto: os átomos, ao contrário do que diz seu nome, não são indivisíveis, e sim divisíveis . . . Pois bem, sôbre esta teoria e suas modernas e revolucionárias deduções, temos agora em português um livro do Dr. Fritz Khan: «O Átomo» — princípios fundamentais da ciência atômica explicados para o cidadão da era atômica (Edições Melhoramentos). Um livro cuja leitura recomendamos com insistência.

«A BAGACEIRA»



Aparecido pela primeira vez em 1928, acaba de sair em oitava edição, por José Olímpio, o famoso romance «A Bagaceira», de José Américo de Almeida, que marcou um rumo diferente na ficção brasileira dos últimos 30 anos.

— Temos um grande romancista novo» — escrevia na ocasião Tristão de Ataíde.

— «Não sei se velho ou novo de idade. Sei apenas que autor de um livro sensacional . . . O romance que Euclides da Cunha teria escrito se fôsse romancista».

Ontem como hoje, «A Bagaceira» continua sendo um grande livro, testemunho de uma vocação literária que se consolidou em outras etapas e se inscreve com firmeza entre aquêles que irão sobreviver.

UM SÉCULO DE POESIA

MERCEDES LA VALLE traduziu para o italiano um punhado de poesias brasileiras e acaba de publicá-las, através de uma editôra italiana, sob o título de «Un Secolo di Poesia Brasiliana», com prefácio de Francesco Flora. A propósito comentou Henrique Pongetti em recente crônica:

— «Quem é essa italiana Mercedes La Valle que se lembrou de traduzir com um grupo de colaboradores perto de cem poetas brasileiros representando um século de poesia? É a correspondente em Roma de dois jornais da nossa terra, mulher culta e ativa, que se enamorou do Brasil e resolveu servi-lo desinteressadamente com sua inteligência. Luta bastante para viver, pois não ganha muito e a vida por lá também anda braba, mas isso não a induz a avaliar em dinheiro o seu trabalho-extra por nós. Eu pediria aos poetas vivos que ela tirou do túmulo da língua, porque não estavam mortos, a não se fazerem de mortos. Escrevam-lhe, animem-na, não deixem tombar sua utilíssima amizade. E vejam se o nosso Govêrno, que gasta tanto dinheiro para exportar burrices embandeiradas, toma conhecimento dessa brasileira de coração e de espírito.»

Vamos acrescentar à palavra de Henrique Pongetti uma sugestão: já que existe por aí tanto prêmio literário, por que não criar mais um para premiar anualmente a melhor tradução de um livro brasileiro? E para começar, por que não premiar logo o trabalho de Mercedes La Valle?



EM BOM CLIMA A FELICIDADE CUS

O QUE É E COMO FUNCIONA A MODELAR (E ACOLHEDORA) «COLÔNIA DE FÉRIAS DO S.E.S.C.» ★ O PARAÍSO SE ALASTRA, E PARA CRESCER MAIS SÓ FALTA CONQUISTAR (AMIGÀVELMENTE) ALGUNS METROS DO CAMPO DO «COUNTRY CLUB» DE PETRÓPOLIS.

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO — **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

ASSIM vista de longe, daqui dêste ponto mais alto, a paisagem que se mostra, pouco adiante, lembra aquêles amenos flagrantes toscanos, quando é primavera. As duas colinas macias descem, curvas e mansas, até o pequeno vale, e flores vermelhas e amarelas rebentam nas fraldas e desabrocham, cuidadas e viçosas, no pequeno jardim em frente ao edifício maior. E' julho, mas o vento que sopra é brisa quase morna; e quando o sol se fizer mais alto, no céu de um azul sem mancha, já se pode descer até a larga piscina e mergulhar na água límpida e tranqüila.

CONFÔRTO E LIMPEZA

Os homens do SESC do Distrito Federal não poderiam ter escolhido melhor lugar do que êsse, aqui em Bom Clima (dez quilômetros de Petrópolis, no caminho do Coutry Club) para levantar os alegres e abertos alojamentos de sua Colônia de Férias. Em 1951, quando o terreno foi comprado, o local era apenas uma espécie de clareira guardada de perto pelas colinas, fechada aos caminhos, vivendo a sua vida de selvagem exuberância. Mas em pouco mais de um ano, o chão foi tratado com determinação, podadas as colinas, e aplainado inteiramente o terreno onde cresceria, mais tarde, o que hoje é uma magnífica e acolhedora realidade: a Colônia de Férias «Getúlio Vargas», com uma capacidade para receber 500 visitantes e com uma cozinha, limpa e moderna, que diàriamente pode fornecer, sem embaraço, a todos os que, crianças e adultos, se sentam em tôrno das mesas do seu amplo refeitório.

Fomos até a cozinha, num sábado de muita gente: ela se assemelha, na sua arrumação e limpeza, às cozinhas dos navios de grande carreira, com suas centenas de refeições, cuidadosamente dispostas nos carrinhos, prontas para ser servidas. E o gordo cozinheiro, de chapéu cuco na cabeça, comanda, no seu jeito calmo e disciplinado, aquêle enorme exército de pratos, chícaras e talheres, arrumados militarmente como se estivessem na véspera de uma ofensiva...

O dr. Manoel Cristóvão Filho, diretor da Colônia, e o jornalista Antônio Carlos de Souza e Silva (diretor de Divulgação do SESC do DF) nos levam até lá em cima, onde se localizam

TA POUCO

os alojamentos do tipo C, que são grandes dormitórios coletivos, com os seus beliches arejados, todos guarnecidos de colchão de borracha e lençóis alvos. Amplas janelas se abrem para a paisagem lá fora e para o pequeno vale, em baixo: as montanhas, nesta metade do ano, estão de um verde escocês, e as flores explodem dentro dêle como violentas manchas vermelhas, amarelas e azuis. E, lá em baixo, enchendo os «play-ground», às margens da piscinas as quadras de tênis, volei e basket-ball, uma fauna inquieta e colorida se movimenta, afanosa, ou se estira, madraça, nas dezenas de bancos acolhedores que se distribuem sôbre o cimento ou se escondem nos caramanchões floridos.

OS PREÇOS TAMBÉM SÃO AMIGOS

Não resta a menor dúvida de que, aqui, espírito e corpo podem conseguir o máximo de agasalho, longe da intranqüilidade e cansaços do asfalto, inteiramente alheios aó nervosismo exaustivo da cidade grande, que ficou lá em baixo, além das montanhas e dos pequenos bosques.

O mesmo confôrto nivelando classes e salários



Nos sábados de sol, as dependências da Colônia de Férias de Bom Clima (no mais ameno recanto de Petrópolis) se enchem de uma multidão alegre e colorida. São comerciários vindos de



tôdas as partes do Distrito Federal que lá vão gozar, quase de graça, o privilégio de um repouso sadio e perfeito. Dentro de mais algum tempo, a Colônia poderá receber 1.000 hóspedes.



EM BOM CLIMA A FELICIDADE CUSTA POUCO



A Colônia de Férias de Bom Clima tem capacidade para fornecer quinhentas refeições de uma só vez.



À hora das refeições, a maioria das crianças chega à mesa sem a companhia dos pais. E a inibição desaparece como por encanto.

O artigo 1º do Regulamento da Colônia de Férias «Getúlio Vargas» de Bom Clima explica o que êle pretende e para que foi criada:

«A Colônia de Férias «Getúlio Vargas», com sede no Distrito Federal, situada em Bom Clima, Estado do Rio de Janeiro, orginazada e mantida pelo Serviço Social do Comércio — SESC — Administração Regional do Distrito Federal — destina-se a facilitar ao comerciário e sua família o gozo de férias anuais em clima de montanha, na conformidade do disposto neste Regulamento». E o parágrafo seguinte explica:

«Entende-se por família do comerciário, o cônjuge, seus descendentes e ascendentes, quando vivam sob o mesmo teto e dependam, financeiramente, do seu chefe».

A estada do comerciário na Colônia é de períodos, indivisíveis, de 14 dias; e os preços cobrados são mínimos. Por uma quinzena nos Alojamentos A, por exemplo (pequenos apartamentos com banheiro privativo) o casal de comerciários pagará sòmente 2 mil cruzeiros, com direito às refeições. Se leva consigo o filhinho que não tem mais de sete anos, pagará mais 250 cruzeiros pela quinzena; e se a criança tiver mais de 7 anos, a estada custará apenas mais 400 cruzeiros. (Visitamos também os alojamentos A: é como um camarote de primeira classe num navio da linha transatlântica, apenas mais sóbrio na sua arrumação). Um casal, no Alojamento B, (quarto com dois leitos) pagará pela estada a importância de 1.200 cruzeiros (incluídas as refeições), e, nos alojamentos C (dois grandes pavilhões respectivamente para rapazes e moças solteiros) o comerciário dispenderá, pelas suas férias de 14 dias em Bom Clima, a quantia de 700 cruzeiros (também incluídas as refeições).

O mecanismo para a conquista do direito de um lugar na Colônia, é simples. O comerciário fará a sua inscrição 60 dias antes, preenchendo os seguintes requisitos:

a) apresentação da carteira profissional devidamente atualizada;

b) fornecimento de 3 retratos 3x4 do comerciário responsável pela inscrição;

c) laudo do serviço médico.

No mais, é esperar que haja vaga na Colônia. Sua capacidade atual, conforme já foi dito, é para 500 pessoas. Mas a afluência é grande. Só em 1953, por exemplo, o movimento de inscrições atingiu a 1.141 comerciários. E no Setor Centralizador das inscrições, sediado no Distrito Federal, foram, no ano passado, prestadas 1.666 informações por telefone e atendidos, pessoalmente, 2.501 comerciários.

Há, ainda, o chamado «período escolar», que se verifica nos meses de janeiro e julho, e compreende crianças de 7 a 14 anos de idade, os quais, na Colônia, são entregues aos cuidados e à responsabilidade de educadores sociais e médicos especializados.

Outros números da Colônia referentes a 1953: no ano passado, as refeições servidas aos comerciários, quer em período de férias, excursões em fins de semana, atingiram o número de 98.181, ou seja mais 76.243 refeições do que as servidas em 1952.

A Colônia de Férias funciona com um diretor, que supervisiona o Setor Centralizador das Inscrições e a Administração em Bom Clima, um administrador residente na Colônia, (cargo ocupado atualmente pelo dr. Carlos Araújo Sampaio, cuja devoção à Colônia é total), um chefe de Secretaria (a sra. Luzinda Soares Gatti), responsável (no DF) pelas inscrições dos comerciários e um recreador social, função hoje a cargo do sr. Aires de Abreu Chirol.



Dorme bem — eis um dos preceitos adotados na Colônia de Bom Clima. Os pequenos apartamentos são sóbrios, mas confortáveis.



Os rapazes solteiros dormem nesses coletivos espaçosos e claros, em beliches servidos por colchões de borracha.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU



● O GOVERNADOR LUCAS NOGUEIRA GARCEZ prestou declarações à imprensa, dizendo possuir dados concretos sôbre a situação da chapa coligada, cuja posição afirmou ser excelente na preferência do eleitorado bandeirante. Sem dúvida alguma a razão está com o governador de São Paulo que, melhor que ninguém, conhece as realidades do seu Estado. Tanto o candidato Prestes Maia como o vice, Cunha Bueno, deverão arrastar — dizem os entendidos — mais de 600 mil eleitores às urnas, cifra que assegurará os Campos Elísios para os democratas de São Paulo.

● A IMPRENSA DE S. PAULO deu grande destaque ao «affaire» Cleofas. Como os do Rio, os jornais de Piratininga verberaram o procedimento do ex-ministro da Agricultura.

● SALZANO É O VICE DE ADEMAR PEREIRA. Foi confirmada a indicação do nome do sr. Erlino Salzano para companheiro do sr. Ademar de Barros na chapa do PSP. O sr. Lino de Mattos (que ficou no mato sem cachorro) teve de engolir uma senatória à fôrça, e parece que não fará o que prometeu: rompimento com Ademar caso fôsse preterido por Salzano. Tendo por vice Erlino Salzano, a chapa do PSP tomou um cunho eminentemente anti-Garcez, uma vez que Salzano é considerado o pai (e a mãe) do rompimento entre o governador e o líder populista.

● JÂNIO MULTOU ADEMAR. O cinema República (que dizem ser de Ademar) serviu de palco para a convenção do PSP, e abrigou mais de cinco mil pessoas, o que fêz ultrapassar em 2 mil o número permitido pela Prefeitura. Jânio não conversou, e mandou multar a emprêsa em 5 mil cruzeiros. Há quem diga que, em assim procedendo, Jânio seguiu apenas os conselhos do sr. Moura Andrade, que estava indignado com os erros de português do candidato populista e que cada vez que o sr. Ademar dizia um «Vós, e Vocês» tinha verdadeiros chiliques.

● VIAJANDO COM PORFÍRIO. Em dias da semana passada êste repórter teve a oportunidade de viajar para o Rio de Janeiro, no mesmo avião em que iam os srs. Porfírio da Paz, vice-prefeito de São Paulo, e Jorge Abdalla. Ambos embarcaram eufóricos e Porfírio, durante tôda a viagem, (sem saber que o repórter o ouvia) fêz rasgados elogios à aero-moça da Real, cujos dotes de gentileza e eficiência nada ficavam a dever aos de beleza...



● MUITO POUCA GENTE SABE, em São Paulo, que o jornalista Nelson Azevedo (bacharel e professor) é um dos responsáveis pela excelente seção de DESTAQUES publicada diàriamente na «Gazeta» de São Paulo.

● SEGUINDO O EXEMPLO do governador paulista, que adotou o critério de afastar dos postos chaves auxiliares que se candidatam às próximas eleições, também o prefeito do Distrito Federal exonerou chefes de serviço e elementos ligados, direta e indiretamente a sua administração, aspirantes a cargos eletivos.

● O SR. TOLEDO PIZA voltou a agitar, junto ao eleitorado do interior do Estado, o caso dos ágios. Muito embora o ministro da Fazenda tenha, pùblicamente, afirmado justamente o oposto, o sr. Piza grita aos quatro ventos que distribuirá, em futuro próximo, os milhões do povo no interior de São Paulo.

● A COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO deliberou, através de concorrência pública, entregar a sua publicidade a emprêsa especializada. A medida, ao que se informa, visa levar também ao exterior fotos, filmes e noticiário dos grandes acontecimentos de São Paulo quatrocentão.

● CASTILHO VOLTARÁ À UDN. Tem-se como certa a volta do deputado Castilho Cabral a União Democrática Nacional. Fala-se que até uma conferência já houve, na qual participaram o dito Castilho, o sr. Pereira Lima e o deputado Herbert Levy.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



QUER SER ESCRITOR?

Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.



★

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes, Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 50,00.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

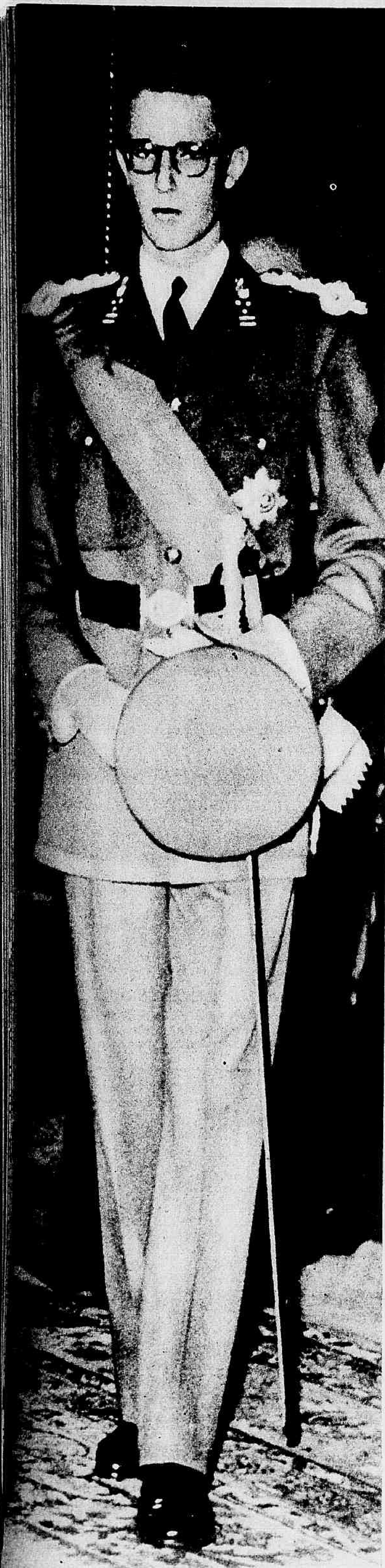
Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....



"SETIMO GIORNO" DA ITÁLIA, APONTA

OS MELHORES 'PARTIDOS' DO MUNDO

Milhões, reinos e popularidade ainda estão à disposição; não faltam no mundo os «maravilhosos partidos», candidatos que unem a fama à riqueza. ★ Uma simples decisão matrimonial constituiria um fato sensacionalíssimo, um acontecimento mundano e social de larga repercussão.





CLARK GABLE

● 53 anos de idade e 25 de cinema. Ainda hoje é considerado pela gente de cinema como «O Rei», cujo reinado nem a própria guerra conseguiu tirar, onde serviu como oficial da aviação. Sua carreira cinematográfica é uma série ininterrupta de triunfos; sua carreira matrimonial já vai aí pela casa dos quatro casamentos. O primeiro (1924) com Josephine Dillon, 10 anos mais velha que êle; o segundo (1931) com a riquíssima Rhea Langham, cujo divórcio veio cinco anos depois; o terceiro foi o seu grande amor: Carole Lombard, que êle desposou após o divórcio de William Powell. Em 1942, Carole falece num desastre de aviação e Clark nunca mais encontra substituta. Ainda assim, surpreende o mundo em 49, esposando Sylvia Stanley, bela inglêsa de meia idade, cuja sofisticação provoca o divórcio em 51. Hoje Clark Gable continua só, cobiçado pelas maiores mulheres do mundo, de tôdas as classes e todos os tamanhos. Seu prestígio não foi abalado; antes, cada vez mais firme, tornando-o um dos grandes «partidos» do momento..

HOWARD HUGHES

● 49 anos de idade e uma das grandes fortunas da América. Conhecido, segundo opinião corrente nos EE.UU., como o «milionário aviador». Pilota o próprio avião e também os constrói; produz filmes e também os dirige, descobre e lança atrizes. Considerado excêntrico e um dos grandes industriais da América. Morto seu pai quando tinha apenas 18 anos de idade, lançou-se na lavoura com obstinada tenacidade e uma vontade imperativa de domínio; hoje a «Hughes Tool Company rende a importância de 15 biliões de cruzeiros por ano. Seu «hobby» é a aviação, à qual se dedica com amor e coragem; fêz a volta ao mundo (1939) em 3 dias e 19 horas. Hughes é um mistério para todo o povo americano, veste-se com displicência, ignora tôdas as convenções sociais, vive num isolacionismo exclusivo. Mas seu nome está sempre na primeira página dos jornais. E' um dos produtores mais extraordinários de Hollywood. Descobriu Jean Harlow (1929) e Jane Russell, cujo filme «O Proscrito» provocou as maiores discussões no mundo inteiro. E ainda provoca.

PRÍNCIPE BALDOUIN

● Evidentemente o súdito belga é um grande partido. Mas não se decide por ninguém e vive tranqüilo no castelo de Laeken, talvez um pouco triste como o próprio céu da Bélgica. Seus melhores dias êle os passou numa modesta vila de Fiandre, onde conheceu a bela Liliana Baels, filha do governador da província. Ela trazia, sem dúvida, um pouco de alegria e vida naquela casa um tanto silenciosa e triste. O pequeno Baldouin se afeiçoou àquela jovem que era sua grande amiga e a levou ao seu pai para apresentá-la. Leopoldo III foi conquistado pela frescura de Liliana, enamorou-se e se casou com ela. Hoje Baldouin deixa passar os dias e ninguém consegue responder porque êle não se casa. Nem êle próprio sabe ao certo por que.



EDUARDO DE KENT

● Ontem ainda um menino, transformou-se hoje num desenvolto rapaz. Tem 18 anos de idade. Com a morte de seu pai, (irmão do falecido George VI) em 1942, num trágico acidente aéreo, Eduardo passou a ser o sétimo na linha de sucessão ao trono britânico, depois do Príncipe Carlos, da Princesa Ana, da Princesa Margareth, do Duque de Gloucester e seus dois filhos. Eduardo de Kent tem hoje uma personalidade definida, formada através de uma severa educação e uma rígida norma de vida tradicional na família real inglêsa. E' apaixonado de iatismo, automobilismo e é popular em todo o país pela regularidade com que comparece a tôdas as cerimônias oficiais. Não é visto, todavia, sempre ao lado da mesma dama.



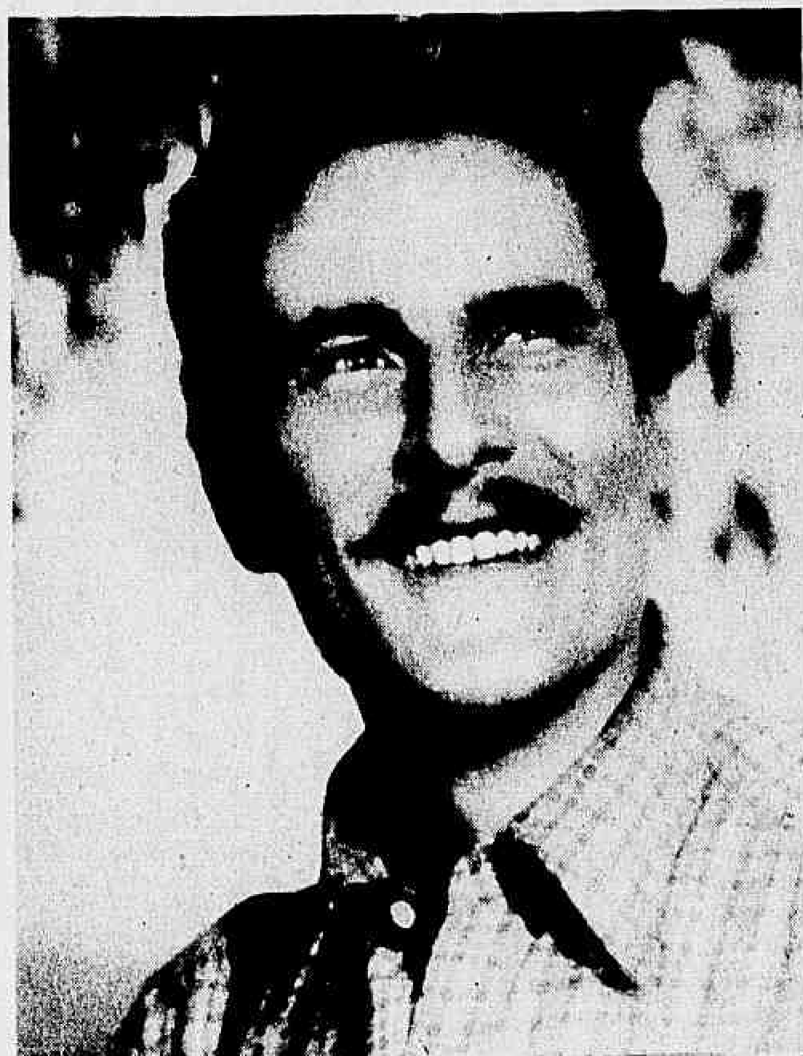
BILLY WALLACE

● Foi durante algum tempo um dos mais comentados romances da Princesa Margareth, mas hoje continua tão solteiro como quando nasceu. Herdeiro de uma imensa fortuna, trabalha atualmente num grande banco de Londres e é considerado, atualmente, como o «melhor partido» de tôda a Inglaterra. Vinte e seis anos, alto, nariz aquilino, espírito esportivo. Grande jogador de pólo, amante de corridas de automóveis (adora carros esporte), é freqüentador assíduo de tôdas as festas mundanas. E' sempre visto de princesa em punho, nos mais grã-finos lugares noturnos. Sua habilidade como dançarino (especialista em valsas) encanta a jovem Margaret, apesar de estar virada para o capitão da RAF, Peter Townsend.



PRÍNCIPE RANIER

● O pequeno principado de Monaco, célebre no mundo inteiro pelo famoso Cassino de Monte Carlo e pelo extraordinário privilégio de seus habitantes em não pagarem taxa de espécie alguma, é governado por uma rapaz de 30 anos, de personalidade moderna e esportiva, o Príncipe Ranier II Grimaldi de Polignac, que conduz os negócios do Estado com a desenvoltura e tranqüilidade de um veterano estadista. Um casamento com êle significa uma das maiores fortunas do mundo, conseqüência das roletas e do bacarat, além de freqüentar uma alta e qualificada sociedade de vultos internacionais que são atraídos diàriamente ao Grande Cassino, provenientes de tôdas as partes do globo. E' um partido completo: fortuna e grande reino.



AMEDEO NAZZARI

● 45 anos de idade e 10 de cinema. Nasceu em Cagliari e teve longa experiência em teatro antes de tentar a câmara, onde criou um tipo atlético e romântico que primeiro conquista a dama e depois se sacrifica por uma causa nobre. Na vida real, muitos nomes de «estrêlas» famosas têm sido ligados ao seu, inclusive o boato de que casaria com a bela Eleonora Rossi Drago. Mas não casou. Tem grande fortuna e maior popularidade. E parece ainda estar à espera de sua Princesa Encantada.



JEAN PIERRE AUMONT

● Vive numa bela casa, no subúrbio parisiense de Suresnes, com sua filha e um lindo cão alsaciano. Em 1943, casou-se com «a mais bela mulher do mundo», Maria Montez, que faleceu em 1951, vítima de uma síncope, dentro da banheira. Teve um desgôsto tão violento que sentiu vontade de renunciar a tudo. Mas hoje o sorriso de sua filha o estimula (ela está com quase 7 anos) e êle, com riqueza e muita fama, sente a necessidade de viver e de amar. Mas não encontrou ainda uma substituta para Maria.

A "Revista da Semana" aponta o PIOR partido do mundo:



PORFIRIO RUBIROSA

● D. Juan internacional, fêz do casamento uma profissão. Foi casado com a bela Flor de Oro Trujillo, filha do ditador Trujillo, casou depois com a rainha dos cigarros Lucky Strike, passou para a lista da Barbara Hutton, milionária americana. Teve um câso com Zsa Zsa Gabor, suspenso por algum tempo, e que continua agora. Se falhar, cuidado com êle.



INAUGURADA A FÁBRICA DE PNEUS GENERAL

● Com a presença do governador Amaral Peixoto, foi inaugurada, no quilômetro 27 da Rodovia Presidente Dutra, a Fábrica de Pneus General. Dotada das mais modernas máquinas e dos mais adiantados recursos técnicos para a fabricação de pneumáticos, esta nova fábrica dê pneus representa o resultado da alta compreensão e de esfôrço de um grupo de industriais brasileiros e norte-americanos no sentido de contribuir para a solução dos problemas relacionados com o transporte no Brasil. Além do governador do Estado do Rio, estiveram presentes ao ato inaugural o bispo D. José Sodré Coimbra, a quem coube a cerimônia da bênção das instalações da fábrica; os srs. C.F. O'Neel, vice-presidente da General Tire Rubber Co., encarregado das operações com o estrangeiro, e J.H. Andreoli, vice-presidente da General Tire & Rubber Export Co., sr. E.C. Fontes, presidente da Pneus General S.A., o ministro da Saúde dr. Mário Pinotti, o dr. Miguel Couto Filho e outras altas personalidades, bem como jornalistas, industriais, comerciantes e presidentes de diversas entidades de classe. Durante a solenidade inaugural usaram da palavra o governador Amaral Peixoto, que se referiu à importância da nova iniciativa no plano da solução dos fundamentais problemas do país, e o sr. Harold Purviance, que agradeceu as expressões do governador fluminense. Em seguida, foram oferecidos aos presentes um «cock-tail» e um churrasco. Na foto, o bispo D. José Sodré Coimbra, o sr. C.F. O'Neel e o sr. Harold Purviance, durante a solenidade da inauguração.

PUXE PELO CÉREBRO (respostas)

1 — Rio Grande do Norte. * 2 — Santa Catarina e Rio Grande do Sul). * 3 — Rio Grande do Sul. * 4 — Corrutela de Aquiri. * 5 — Devoniano. * 6 — Minas Gerais. * 7 — Henri Gorceix. * 8 — Ceará (Serra de Baturité, 1.155 m). * 9 — S. Luís. * 10 — Coralina. * 11 — 80 mil metros cúbicos. * 12 — Óbidos. * 13 — Curitiba. * 14 — Crustáceo. * 15 — Goiás.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME ....
RUA .... Nº. .....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

A **CENA** MUDA

• Nova
• Moderna
• Diferente
• Colorida

EM TÔDAS AS BANCAS

FLASH CARIOCA

PAULO ANDRADE LIMA

● FLUMINENSES



Antes do lançamento da candidatura do senador Pereira Pinto ao govêrno do Estado do Rio, o deputado Tenório Cavalcânti chegou a propor ao jornalista José Eduardo de Macedo Soares a indicação do nome dêle, Tenório, para a governança fluminense, tendo como seu companheiro de chapa o fundador do «Diário Carioca».

● AÇÚCAR

A «Cofap» não autorizou o aumento do preço do açúcar, conforme a lei que o estabelece, deixando de apreciar o inquérito sôbre o custo de produção realizado pelo I.A.A. Isso se deu graças às conclusões do técnico Barreiras (da «Cofap»), que baseou o resultado de suas pesquisas partindo da premissa, errônea, de que a produção do açúcar no Brasil já se encontra tôda ela mecanizada.

● PERICLITA

Comentava-se num grupo, no Jockey Clube, que os negócios do sr. Orozimbo Roxo Loureiro, devido à sua excessiva expansão, começam a periclitar. Dizia-se mais que, por causa disso, corria um certo nervosismo em certos estabelecimentos bancários das ruas Álvares Penteado e Boa Vista.

● NÃO SAIRÁ

Gileno de Carli não deixará mais a Presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, de vez que desistiu de sua candidatura à deputado na representação pernambucana.

● INJUSTO

O requerimento do general Sílvio Raulino de Oliveira, pleiteando as vantagens decorrentes de serviços prestados durante a guerra, foi indeferido sob o pretexto de que o interessado se achava ausente do país durante a época em que o Brasil participava do conflito mundial. Acontece, porém, que o oficial de gabinete do Ministro da Guerra foi mal informado, bastando, para comprovar isso, folhear os livros de atas da Cia. Siderúrgica Nacional, tôdas ou quase tôdas (de 1942 em diante) devidamente assinadas pelo presidente de Volta Redonda.

● COCK-TAIL

O sr. João Fonseca está reformando completamente o seu amplo apartamento em Copacabana. Motivo: vai oferecer, dentro de poucos dias, um caprichoso «cock-tail» ao seu amigo, o governador Juscelino Kubitschek.

● SÒZINHO

Após jogar-se à aventura eleitoral, em Pernambuco, o sr. João Cleofas telegrafou a vários amigos, no Rio, comunicando a sua candidatura e pedindo o «valioso apoio» dos mesmos. A grande maioria dos telegramas ficou sem resposta.

● NÃO ACEITOU

Henrique La Rocque, o ex-dinâmico presidente do IAPC, foi convidado para dirigir a agência carioca de um importante banco paulista. Não aceitou. «Fujo de dinheiro como o diabo da cruz», declarou êle.

No brasão aparecerá a cabeça de um lôbo — O sr. Harry Stone faz cinema e reúne a sociedade

PETER

● Antes de começar esta crônica, é preciso esclarecer que não conheço o sr. Fernando Lôbo, nem de vista; o sr. Carlos Machado, só de vista, e o sr. Barão Stuckart de cumprimento rápido, pois êle não gasta mais com quem de títulos possui só o eleitoral.

Do sr. Fernando Lôbo sei que êle veio num Ita do Norte e está muito ligado aos meios artísticos noturnos, sendo, segundo muitos afirmam — e Carlos Machado confirma — um rapaz de valor. Comecei a acompanhá-lo em «Manchette». Lia e leio com interêsse e prazer suas crônicas. E é aí que pega a roda. Lembro-me que na ocasião em que comecei a lê-lo, o sr. Fernando Lôbo fazia restrições à direção artística da buate «Casablanca». Tôda semana, vinha qualquer coisa neste sentido, até que se deu aquêle desagradável incidente em que o cronista não foi servido, ao sentar-se à uma das mesas daquele estabelecimento, sendo, em seguida, «convidado» a retirar-se. No dia seguinte, a onda estava feita. Li com satisfação a crônica de Sérgio Pôrto, comentando o fato e criticando o sr. Carlos Machado. A briga tomou aspecto nacional, com riscas internacionais. Acompanhando a campanha então desferida pelo sr. Lôbo, passei a achar que o sr. Carlos Machado não era tão simpático como me parecera das primeiras vêzes. Numa noite de estréia, levado pela campanha inteligente do sr. Fernando Lôbo, surpreendi-me ao considerar o sr. Machado um pequeno homem noturno trepado num obelisco de vaidade. O que, além de ser um julgamento precipitado é dupla injustiça, pois Carlos Machado é bastante alto e «pose» nunca deu material bastante consistente para construir obeliscos. Bem, depois de duas horas da manhã, tudo é possível... Mas, fiel ao meu cronista, torcia intimamente por êle.

Mas, eis que um dia sou surpreendido com o sr. Fernando Lôbo a fazer pùblicamente (pelo rádio) um elogio às qualidades profissionais do sr. Machado. Pensei com meus botões: que superioridade! Dias depois, novo elogio, já menos discreto. Referência pessoal. Então, compreendi tudo: o coração grande do cronista o havia vencido e êle perdoara tôdas as faltas do sr. Carlos Machado. Considerando bem — isto passou na minha cabeça — um homem que se deixa caricaturar como o fêz Machado, em «Esta vida é um Carnaval», não pode ser assim tão severo com a crítica. Tem que ter «fair-play». Mas, voltando e concluindo: o sr. Lôbo atirou-se aos braços do seu antagonista, lamentando o tempo que estiveram brigados. Agora, são grandes amigos, o que é alegria para nós leitores.

Mas, surge um novo «inimigo». Quem agora serve de ensaio às catilinárias do sr. Fernando Lôbo é o sr. barão Von Stuckart.

Diàriamente, pelo «Diário Carioca» e, semanalmente, pela «Manchette», acompanhamos esta luta diária (digo, noturna) que embora seja apenas uma barricada, pois trava-se de um lado para outro da rua, vai tomando ares igualmente nacionais. Digo de um lado para outro da rua, pois esta batalha vai do elogio ao «Drink» (boa casa de Djalma Ferreira) ao ataque à menina dos olhos do barão vienense («Vogue»). Mas, nós leitores sabemos que são fogos de artifícios, pois breve o sr. Fernando Lôbo, ao sair em madrugada mais romântica do «Drink» verá do outro lado o imponente barão e seu coração se derreterá. Será invadido por um amor universal, uma vontade de paz que incluirá o barão que, de tanta alegria, mandará anexar ao seu luzidio brasão a cabeça de um lôbo. Os sinos da madrugada anunciarão a Paz.

NOTA — Os srs. Caribé e Oscar, do «Copa», não precisam botar as «barbas de môlho». Talvez os seus excelentes trabalhos profissionais não deixem jamais de receber justiça do sr. Fernando Lôbo. Mas, se isto acontecer, podem ficar sossegados que o coração grande do cronista funcionará e tudo voltará às boas.

● QUASE EM ORDEM — De São Paulo chegamos a boa notícia de que o sr. Ricardinho Fazanelo encontra-se quase completamente restabelecido do acidente automobilístico que o levou a passar alguns meses no Hospital de Clínicas daquela Capital. A sua «Borsch», porém, parece que não tem consêrto.

● TODOS QUEREM SERVI-LO — De um modo geral, todo funcionário público gosta de servir em gabinete. Mas, no Senado, contínuos disputam o privilégio de servir ao sr. Marcondes Filho, porque o presidente da Casa não só os trata muito bem, como no fim do ano manda seu chofer saber, discretamente, o tamanho do colarinho de cada servidor. No dia do Natal, cada um ganha duas camisas. É uma gentileza que ninguém esquece.



Êles disseram sim.

● CASAMENTO NO PARANÁ — Em magnífica cerimônia religiosa, contraíram núpcias o sr. Raul Dantas, secretário do governador Bento Munhoz da Rocha e a srta. Isaura Antunes. Os noivos pertencem a duas das mais tradicionais famílias daquele Estado sulista e tiveram como padrinhos o sr. e sra. Bento Munhoz da Rocha, sr. e sra. Ney Aminthas Braga, srs. Luís Camargo e Manoel Cordeiro.

● CASAMENTO NO RIO — Semana passada, na Igreja Inglêsa da Rua Real Grandeza, realizou-se o enlace matrimonial da srta. Lúcia Amélia Leite Gueiros com o sr. Larry Castro Leite. Ela é filha do sr. e sra. Nehemias Gueiros e êle, da sra. Margarida Leite, viúva do sr. Raul Leite, casada pela segunda vez com o sr. Francisco Campos. Entre os padrinhos figuraram o senador e senhora Novais Filho, sr. e sra. Drault Ernany, a sra. Eugênio Barros Franco e sr. Francisco Campos. A cerimônia compareceu todo o mundo político e social.

● «LITTLE BOY LOST» — O sr. Harry Stone, o simpático representante da «The Motion Picture Association of America», provocou outro sucesso social, com a apresentação no teatro da Embaixada Americana do comovente filme de Bing Crosby. Sôbre o grande sucesso que foi esta noite falaremos mais demoradamente, na próxima semana.

● FIESTA NACIONAL DE ESPAÑA — O embaixador de Espanha e a senhora de Suñer, no dia 18 passado, fizeram uma recepção em sua maravilhosa residência, em Ipanema, celebrando a Festa Nacional daquele país. Ao «cock-tail», que foi concorridíssimo, compareceu todo o mundo diplomático e pessoas de destaque da nossa sociedade.

O "HOBBY" DE CADA UM



Linha, caniço, currico etc.

● Naquela sala que a refrigeração faz quase gelada está um rapaz decifrando os problemas da poderosa organização industrial que é diretor. É sábado e bate meio-dia. Terminadas suas ocupações, levanta-se, junta uns pequenos pacotes que tem em cima da mesa, confere o laço de sua gravata azul-marinho, abotoa o paletó cinza e sai.

Então, dá-se o milagre.

Três horas depois, o sisudo sr. Alberto Proença de Faria já se transformou no risonho e alegre Beti. Veste um calção que faz concorrência à camisa, na profusão de côres e está «empatando» a linha de seu caniço importado, de acôrdo com a mais aperfeiçoada técnica. Êsse concurso de calções e camisas «futuristas» é antigo e travado com o veterano pescador sr. Raimundo de Castro Maia, a quem muito estima. Beti começou a praticar a pesca moderadamente e, hoje, é um dos maiores aficcionados daquele esporte. Seis meses por ano êle pesca todos os fins de semana. E só pára um pouco no inverno porque os peixes tornam-se escassos quando a água está gelada. É casado com a bonita sra. Lourdes Faria — uma das 10 mais elegantes da lista de Jacinto de Thormes — e tem dois filhos: Adalgisa e Alberto, nomes dos avós paternos.

ENTRE TRANCOS E TRAVANCOS FOI CON



JARDEL FILHO: Primeira oportunidade real no cinema.



FLORADAS

NUNCA uma emprêsa cinematográfica brasileira parecia tão sólida como a Vera Cruz, com seus monumentais estúdios e fantásticos salários plantados nos terrenos de São Bernardo do Campo. Mas lá dentro a situação era outra e quem deixava de dormir era seu presidente, Franco Zampari. «Levarei tudo adiante, de qualquer maneira. O pior passo já foi dado, agora é só enfrentar a crise». E as visitas bancárias se sucediam, ao ponto do Banco do Estado de São Paulo negar mais crédito. Houve mesmo um apêlo ao Banco do Brasil, mas parece que ficou só no apêlo. A linha de produção, que chegava aos 14 filmes, numa média de 6 milhões por filme, foi inteiramente alterada. A fôlha de pagamento começou a ser cortada, dezenas de pessoas se viram de uma hora para outra sem emprêgo. Artistas começaram a chegar ao Rio. Nessa altura, a Vera Cruz terminava de fazer «Na Senda do Crime». E já estavam bem adiantadas as filmagens de «Floradas na Serra». Os projetos para as filmagens de «Mar Morto», a vida de Chico Alves, e outros mais, foram esquecidos, porque, positivamente, não havia mais dinheiro para alimentar tanta gente dentro de um êrro básico de organização. Mas, era preciso salvar os milhões de cruzeiros já empregados em «Floradas». Os cortes e a paralisação dos estúdios atenuaram a situação e algum capital foi arranjado para que o filme

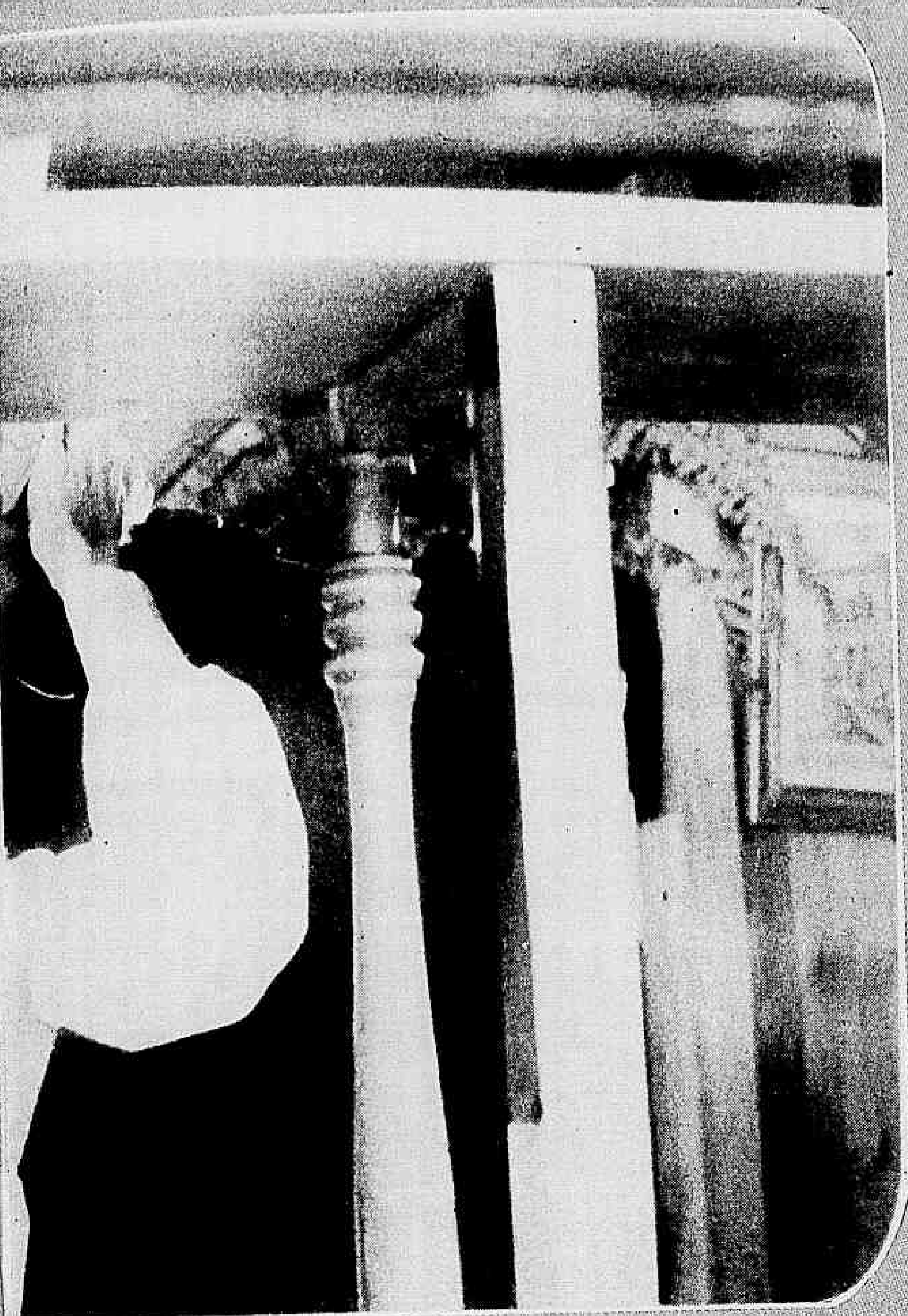
Dois anos de filmagens para o célebre romance de Dinah Silveira de Queiroz — A agonia da Vera Cruz é a esperança do cinema paulista

Texto de LUÍS SODRÉ



Tôda a poesia e hu

CLUÍDO O ÚLTIMO FILME DA VERA CRUZ





NA SERRA

CACILDA BECKER: A maior atriz dramática do Brasil.

terminasse. E agora êle sera finalmente entregue ao público. Será, realmente, o «último filme» da Vera Cruz, ou marcará uma nova fase na companhia que poderá se reerguer sôbre «novas bases»?

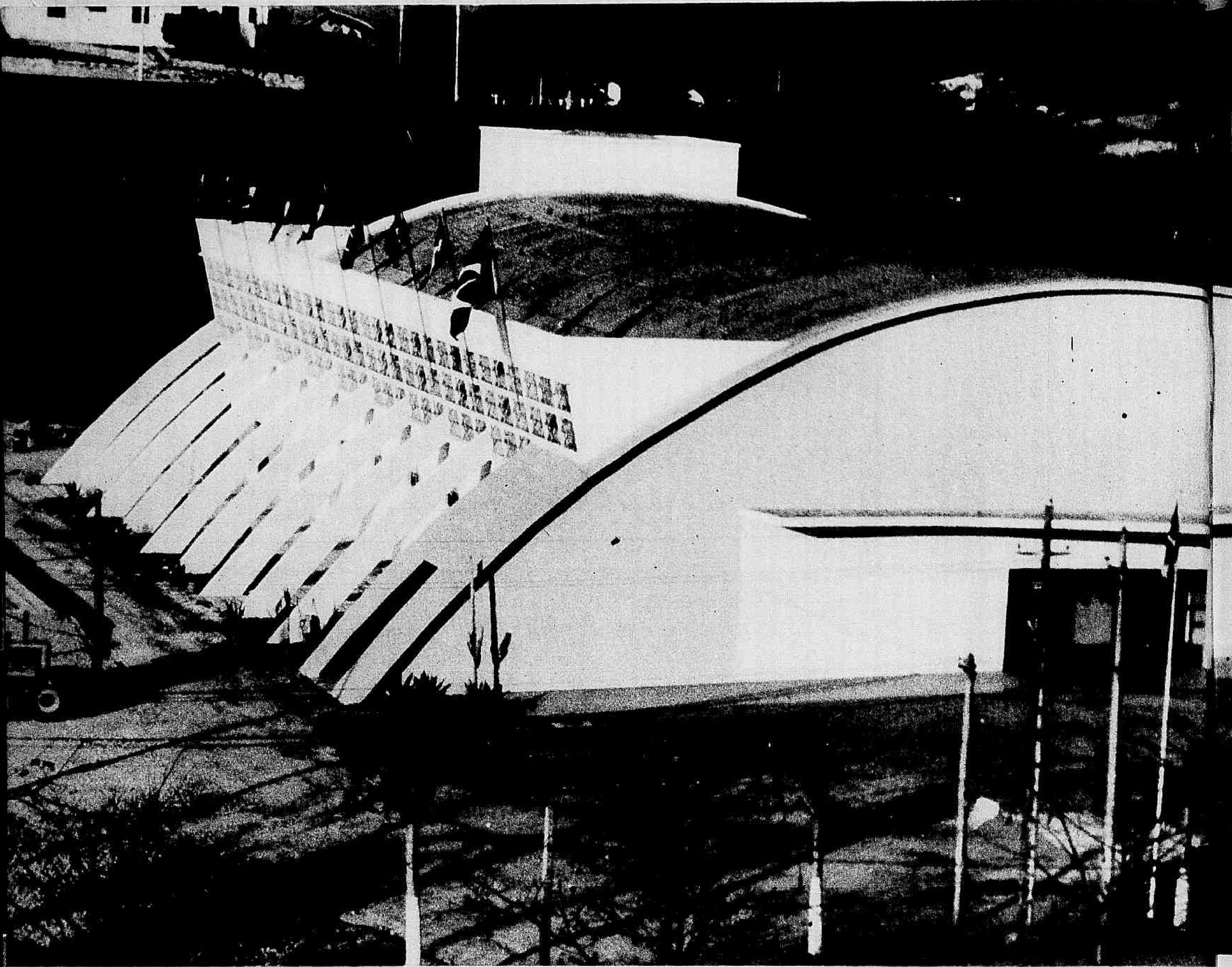
«Floradas na Serra» é uma adaptação do romance homônimo de Dinah Silveira de Queiroz e é outra das «super-produções» da Vera Cruz, cujo custo emparelha com os de «Cangaceiro» e «Sinhá Moça». No elenco figuram Cacilda Becker (do T.B.C. e da televisão paulistas) e Jardel Filho (prêmio de melhor ator teatral do ano passado, no Rio). A direção foi entregue a Luciano Salce («Uma Pulga na Balança»), que conseguiu a melhor «direção de conjunto» em um filme brasileiro. A fotografia ficou a cargo de Ray Sturges, o excelente fotógrafo do «Hamlet» de Olivier. Para captar melhor a atmosfera do romance, Salce partiu com uma grande equipe para Campos de Jordão, onde foram filmados os exteriores. Tudo faz crer que a fita mereceu os melhores cuidados técnicos e artísticos, capaz de reabilitar a Vera Cruz financeiramente, o que lhe permitirá prosseguir com a produção de filmes. Se isto acontecer, dificilmente poderá reincidir no mesmo êrro, porque, a organização, não só em cinema, é a base de qualquer negócio.







u manismo do romance foram fixados pela câmara de Luciano Salce



UM SISTEMA EDUCACIONAL TRANSFORMA A MENTALIDADE DE UMA CIDADE

"A impressão mais viva que recebemos de Volta Redonda, na visita que acabamos de fazer ao grande centro siderúrgico nacional, foi a dessa transformação da mentalidade de um povo em marcha para o seu destino de grande nação industrial" — afirmou um redator do "Estado de São Paulo", depois de escrever uma longa série de reportagens sôbre a Cidade do Aço.

E essa transformação a que alude o jornalista se registra na influência que exerce sôbre a população o sistema educacional proporcionado pela Companhia Siderúrgica Nacional. É um dos pontos essenciais da assistência social que ali se desenvolve na proporção do crescimento da Cidade do Aço. Os filhos dos operários crescem, assim, familiarizando-se com o trabalho industrial, que lhes garantirá a subsistência no futuro. Essa assistência, que é prestada por forma direta ou indireta em todos os setores, assume maior proporção em Volta Redonda, onde o ensino, ministrado por escolas da CSN, abrange os graus profissional técnico, comercial e secundário.

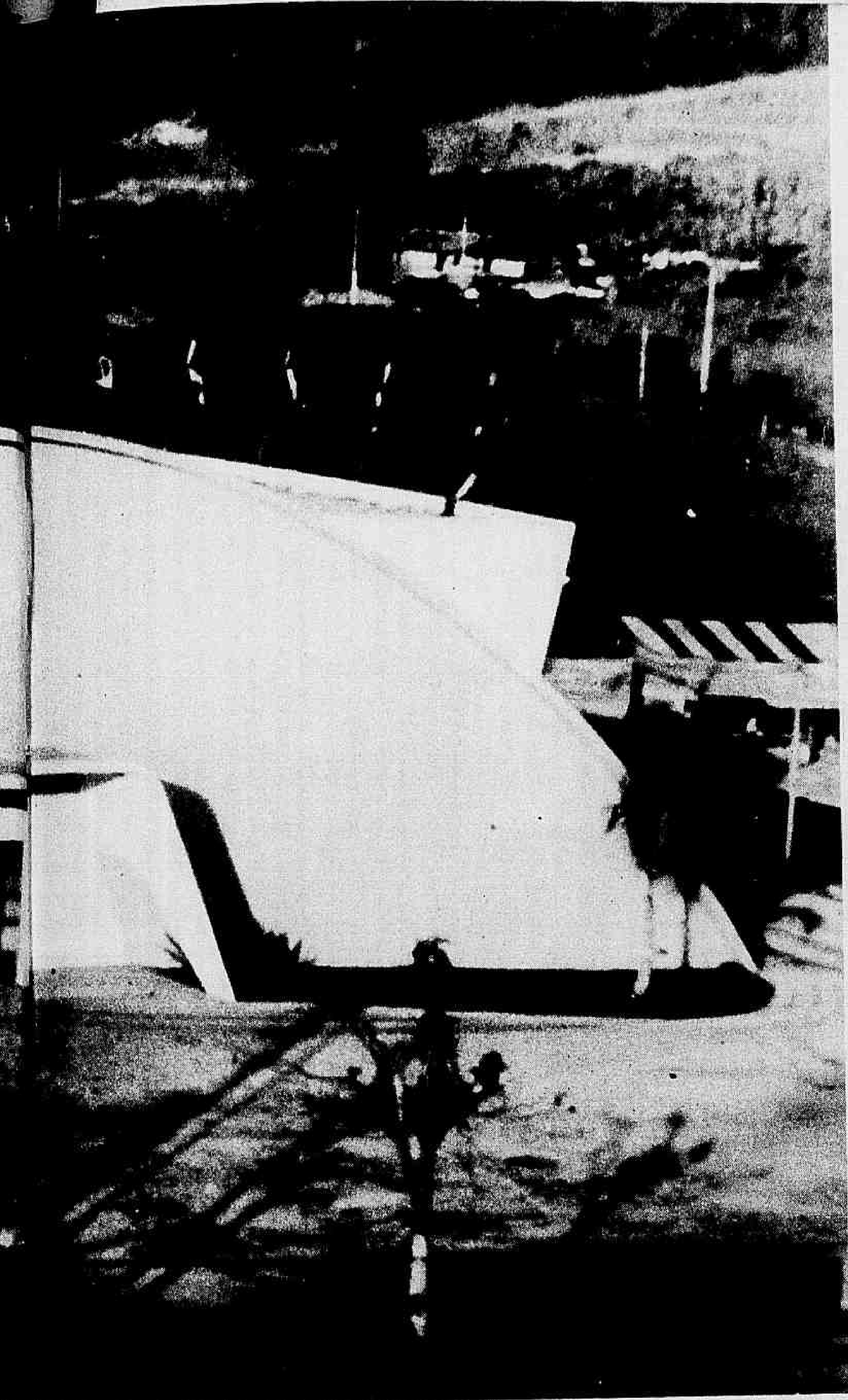
POPULAÇÃO ESCOLAR

Cidade com pouco mais de doze anos de existência, Volta Redonda apresenta ao visitante uma característica humana por excelência — a criança. O ensino primário reúne uma população de 1.500 garotos, dos quais — segundo dados do Relatório de 1953 — 849 são dependentes diretos de empregados da Usina.

Durante o ano findo cursaram os diferentes têrmos do ensino profissional 676 aprendizes, sendo 247 nos cursos diurnos e 429 nos cursos noturnos. A Companhia concorreu com Cr$ 2.149.197,70 para a Escola Profissional.

O colégio da CSN, de grau secundário, atendeu a uma matrícula de 585 alunos em 1953, funcionou diurna e noturna-

Vista de uma das arquibancadas do ginásio de Volta Redonda construído pela Cia. Siderúrgica Nacional para seus empregados.



Os prodígios que realiza a assistência social de Volta Redonda — Pronto o maior ginásio coberto do Brasil

mente, com 337 alunos no diurno, dependentes dos seus empregados, 208 no noturno, todos servidores seus, todos no curso ginasial e 30 alunos no curso científico.

Nesse momento, ampliando ainda mais a assistência educacional, pretende a CSN fundar uma Escola Técnica de nível médio para formação de técnicos especializados.

Em Santa Catarina, a Companhia vem atendendo à assistência educacional por meio de bôlsas, para filhos de seus funcionários, externato para os empregados em Capivari e internato para os de Siderópolis. Êste ano, êsse critério será estendido à Lafaiete, em Minas Gerais.

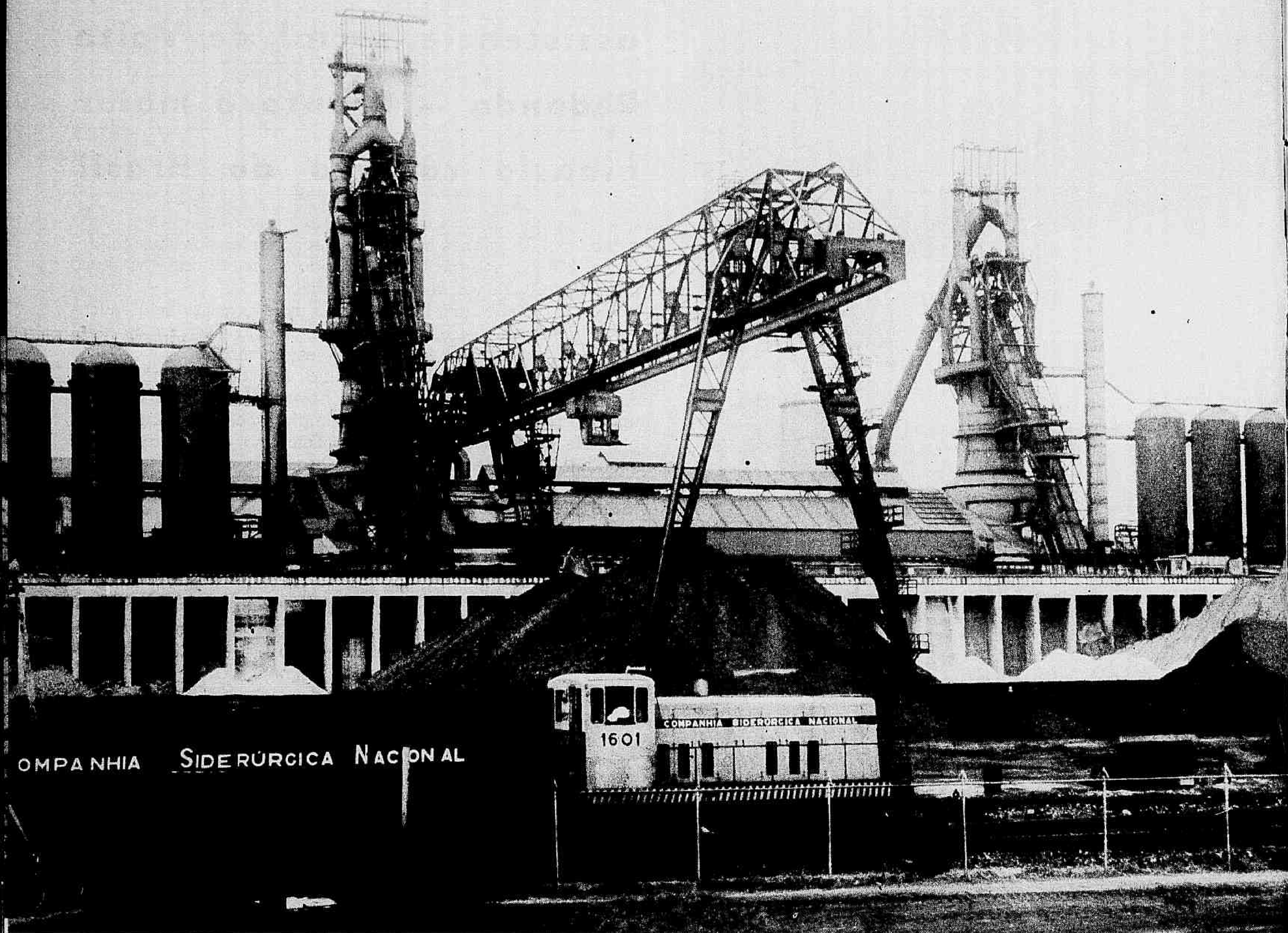
ASSISTÊNCIA MÉDICA

Em 1º de maio de 1953 foi inaugurado pelo Presidente Getúlio Vargas o novo Hospital da CSN com sede em Volta Redonda. Com uma capacidade de 140 leitos e tendo em seu quadro 29 médicos, 3 dentistas, 1 farmacêutico, 20 enfermeiras diplomadas, 1 dietista e 37 atendentes, além de 91 outros auxiliares diversos, o novo hospital possui as seguintes Clínicas: Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Clínica Traumatológica e Ortopédica, Clínica Obstétrica e Ginecológica, Clínica Radiológica e Fisioterápica, Clínica Oftalmolo-oto-rino-laringológica, Clínica Pediátrica e Clínica Odontológica. Dispõe ainda de Laboratório para serviços de bioquímica, parasitologia, sorologia, bacteriologia, hematologia e patologia e tem uma Seção de Dietética.

Eis o ginásio coberto de Volta Redonda. E' a primeira unidade do grande conjunto de instalações esportivas do «Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas».



Um sistema educacional...



Multiplica-se a Usina de Volta Redonda para produzir mais aço. Os dois Altos Fornos que aqui aparecem, trabalham dia e noite.

Foram realizadas no hospital 544 intervenções cirúrgicas. O estabelecimento mantém um serviço permanente de pronto-socorro e de visitação médica domiciliar de urgência, em Volta Redonda.

PUERICULTURA

No setor de Puericultura, a CSN instituiu a atendimento gratuito a tôdas as gestantes e crianças até 14 anos.

No ano passado foi realizado um concurso de robustez com excelente repercussão, tendo sido dispendidos em prêmios Cr$ 20.000,00 aos vencedores de ambos os sexos.

ASSISTÊNCIA ALIMENTAR

Em cumprimento a um acôrdo estabelecido entre a Companhia e o SESI, foram feitos, em 1953, fornecimentos de gêneros alimentícios, no valor de Cr$ 38.347.103,10. Nos restaurantes foram fornecidas 845.928 refeições. Vendidas aos empregados ao preço médio de Cr$ 5,50, enquanto que o seu custo médio valia Cr$ 11,80.

Foram fornecidas gratuitamente pela Divisão de Assistência Alimentar: 609.527 sopas no turno da meia-noite às 8 horas; 11.856 lanches a operários em serviço; 494.096 cafés e mates a empregados do Escritório e Usina; 425.581 litros de leite, entregues nos locais de trabalho, somando todos êsses fornecimentos gratuitos Cr$ 4.216.877,50.

ASSISTÊNCIA HABITACIONAL

O número de casas definitivas em Volta Redonda, no fim de 1953, era de 3.541. A CSN dispendeu, com casas construídas, Cr$ 34.052.224,00 e em manutenção da cidade e das casas existentes foram gastos Cr$ 30.095.659,00. O problema de habitação em Volta Redonda continua, entretanto, sério. Para solucionar essa questão, foram construídas, em 1953, 260 residências novas, 2 Hotéis para solteiros e o programa de construções dêste ano prevê 216 casas residenciais e 1 Hotel para enfermeiras.

RECREIO DO TRABALHADOR "GETÚLIO VARGAS"

Volta Redonda, que ocupa um lugar de honra na crônica esportiva do Estado do Rio, possui o maior ginásio coberto do Brasil, constante do gigantesco conjunto que se denomina "Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas".

Nesse Ginásio estão localizadas as quadras de basquetebol, volibol e tênis, com capacidade para 4.000 pessoas. À direita, estão localizadas as duas piscinas, sendo que uma foi planejada para as competições olímpicas dos atletas adultos e a outra destinada às crianças.

Um dos aspectos mais interessantes e pitorescos do Recreio do Trabalhador será o "play ground", situado na lateral do parque à direita da Biblioteca, onde as crianças encontrarão todos os divertimentos preferidos, no ambiente mais saudável.

Na sua última visita à Volta Redonda, o Presidente Getúlio Vargas inaugurou placa comemorativa do "Recreio do Trabalhador", percorrendo as obras em andamento.

D. Ester de Abreu foi apressar o divórcio, paz definitiva na Indochina só no dia 28, a COFAP negou o aumento do fósforo e Recife recebeu muito bem a candidatura Osório Borba


PIO XII
Escolheu o Rio.


OSÓRIO BORBA
Recife com êle.


BARRETO PINTO
Caiu do galho.


JUAREZ
Candidatos? Há muitos.


GETÚLIO
Volta a Ademar.


EDEN
Fêz o que pôde.


JANGO
Subestimado.

- Falsos imigrantes burlam a Alfândega e enchem o Cais do Pôrto de Automóveis.
- Desaparece a carne dos açougues.
- Livra-se o mundo de uma guerra atômica com a paz na Indochina.
- Pio XII escolhe definitivamente o Rio de Janeiro para a realização do Congresso Eucarístico.
- Onda de calor no Meio-Oeste dos EE.UU. matou 254 pessoas, ameaçando arruinar as colheitas da região.
- O Congresso Nacional da Tuberculose constata que no Rio morre-se mais do coração do que do pulmão.
- Prêso o filho de Edward G. Robinson como suspeito de latrocínio.
- Chegam a Madri Alberto Ruschel e Marisa Prado para estrelar um filme.
- E' «reembolsado» para a prisão um dos fugitivos da Ilha Anchieta, dado como morto, e descoberto em S. Paulo vestido de mulher.
- As emprêsas de ônibus do Rio cogitam de novo aumento nas passagens.
- Juarez Távora: «Nomes não faltam para a sucessão presidencial».
- A COFAP nega aos varejistas o aumento do fósforo, cuja margem de lucro é de apenas 3 centavos por caixa.
- O Fluminense Futebol Clube comemora o seu 52º aniversário.
- A. Erwin Goldschmidt, pilôto de uma Ferrari Sport 4.500 cc, inscreve-se para o «Trampolim do Diabo» de 54, primeiro corredor norte-americano a participar da emocionante prova.
- O salário mínimo não chegou a resolver o «salário de fome» dos empregados no comércio cinematográfico.
- Chegam ao Brasil (pelo ar) turistas portuguêses, iniciativa da Companhia Colonial de Navegação Aérea.
- Perspectivas de um novo duelo: Carlos Lacerda x João Cleofas.
- Nascem três gêmeos em São Gonçalo, aumentando a família do sr. Júlio Joaquim dos Santos, agora com 11 filhos e com um salário de 1.000 cruzeiros.
- O sr. Rodrigo da Silva Tôrres é o novo chefe do Serviço de Teatros e Diversões da PDF, em substituição ao sr. Barreto Pinto.
- Paz definitiva na Indochina só no dia 28.
- Getúlio tenta aproximação com Ademar.
- Edição de «O Estado de São Paulo» de 145 páginas (recorde brasileiro).
- Zatopeck novamente batido (em Budapest).
- Congresso de sábios da eletricidade em Quitandinha.
- D. Ester de Abreu viaja para Portugal, com o objetivo de apressar o divórcio.
- «Ninguém deve subestimar o tato político do sr. Jango Goulart», declara o dr. Etelvino Lins.
- Boa repercussão em Recife, da candidatura Osório Borba.
- Eden, a propósito da paz na Indochina: «Foram os melhores acordos que pudemos forjar».


KLEIN, o homenageado


GUINLE, o aplaudido


DOLORES, a que aplaudiu



ÚLTIMO FLASH

JORGE GUINLE, GRÃ-FINO E BATERISTA

JACQUES Klein (pianista brasileiro vencedor de um concurso internacional de piano realizado na Europa), foi homenageado no dia de seu aniversário na buate "Beguin", do Hotel Glória, com uma "jam-session" a qual compareceram figuras da sociedade e dos meios jazísticos da capital. Houve muito uísque, muita música, muito bis e muito "happy-birth-to-you". Mas a nota sensacional foi a subida de Jorge Guinle ao palco, onde fêz verdadeiro malabarismo na bateria. Foi o mais aplaudido de todos, especialmente porque sua lindíssima espôsa (Dolores) não parava de bater palmas.

CONSEQÜENCIA É O DEPOIS DE CERTOS ANTES

— Afinal de contas seu sonho não era possuir uma ilha?

NÃO COMPREENDO...
...porque todo sujeito que nos fila um cigarro se justifica dizendo que deixou de fumar.

UM — Como é mesmo o nome de sua espôsa?

OUTRO — Não sei, sempre a chamei de querida.

CUCO

Uma secção meio pancada

leon eliachôco

Assinatura do autor na casca do ôvo.

Ilustrado por PIQUI'

PONTOS DE VISTA

BOÊMIO é êsse sujeito que serve de intermediário entre a noite e o dia.

•

CANALHA é todo sujeito depois do flagrante.

•

INDIFERENÇA é isso que as mulheres começam a aparentar quando já não estão tão indiferentes.

A maior tragédia do Rio de Janeiro está nisso: a gente chega, espera, aperta o botão. SOBE?
NÃO, DESCE, é o diabo, a gente se irrita logo mas não há outro jeito, a gente espera um pouco DESCE?
NÃO, SOBE, e nesse vai-e-vem interminável passam-se os minutos, chega muito mais gente SOBE?
NÃO, DESCE, tôdas apertam o botão de novo, finalmente abre-se a porta e todo mundo DESCE?
NÃO, SOBE, nem sabe quem está entrando nem quem está saindo e a gente fica sem saber se SOBE?
NÃO, DESCE, entrou ou saiu do elevador até que um dia êle enguiça

POSITIVAMENTE AQUÊLE CANTOR DE RADIO ESTAVA FICANDO ALFABETIZADO. COMEÇOU SUA CARREIRA ASSINANDO O NOME COM UM X E HOJE ESTÁ ASSINANDO ATÉ O SOBRENOME: XX

Tic-Tac

(Piadas à minuta)

Só quando aquêle vendedor de clips foi substituido é que compreendeu que estava sendo eclipsado.

★

Diante da garrafa de uísque, êle tomava goles de confidências.

★

Distribuía fortuna pelo meio da rua. Vendia bilhetes de loteria.

★

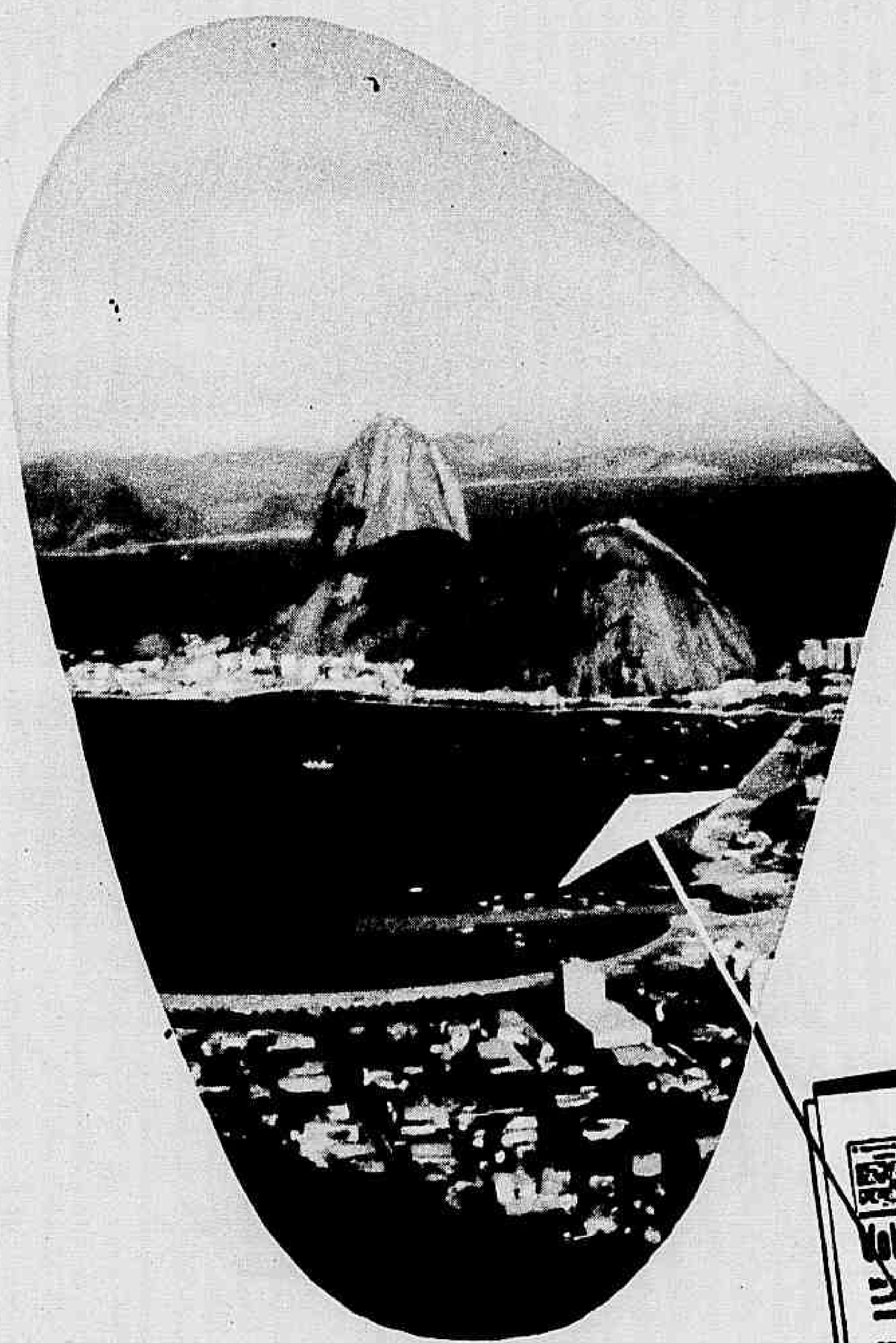
Nunca mais passou por baixo de uma escada. Quando os bombeiros chegaram já era tarde.

— A culpa não é minha. Se o quadro fôsse feito com um fio de nanquim mais grosso, não seria rompido fàcilmente.

PARA VENDER A **A B** ou ***C*** NO RIO DE JANEIRO

ANUNCIE NO

Diario de Noticias



O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", por sua orientação, aspecto gráfico, material informativo, Seções, etc., possui um poder de penetração que, desde 1939, o colocou na liderança entre os matutinos do Distrito Federal. Circulando em tôdas as classes, a tôdas leva o poder sugestivo de seus anúncios e de sua Publicidade.

Para vender no Rio de Janeiro, anuncie no matutino de maior tiragem do Distrito Federal.



Diario de Noticias

Voltaram estimulados da viagem que fizeram à Europa

Diario de Noticias

Rua da Constituição, 11 Tel. 42-2910

UM JORNAL DE CLASSE PARA TÔDAS AS CLASSES

Voga Publicidade